

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**JUVENTUDE, RELIGIÃO E A UTOPIA DA
“CIVILIZAÇÃO DO AMOR”**

Estudo de Caso das Pastorais da Juventude do Brasil

LOURIVAL RODRIGUES DA SILVA

**GOIÂNIA
2006**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**JUVENTUDE, RELIGIÃO E A UTOPIA DA
“CIVILIZAÇÃO DO AMOR”**
Estudo de Caso das Pastorais da Juventude do Brasil

LOURIVAL RODRIGUES DA SILVA
ORIENTADOR: Prof. Dr. Luigi Schiavo

**Dissertação apresentada ao curso de Mestrado
em Ciências da Religião como requisito para
obtenção do grau de mestre.**

**GOIÂNIA
2006**

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA EM
22 DE FEVEREIRO DE 2006
E APROVADA COM A NOTA 9,5 (NOVE INTEIROS E CINCO DÉCIMOS)
PELA BANCA EXAMINADORA

1) Dr. Luigi Schiavo / UCG (Presidente)  _____

2) Dra. Carolina Teles Lemos / UCG (Membro)  _____

3) Dr. Hilário Henrique Dick / UNISINOS (Membro)  _____

Dedico em especial às mulheres da minha família: Abigail Rodrigues Ferreira (mãe), Benedita Rodrigues Lisboa (avó), Helena e Maria (tias), Marluvia (irmã), pela resistência, insistência com que enfrentam a vida e ainda sorriem.

A meus irmãos: Altair, Marcos Antônio, Washington e Alex.
Aos meus sobrinhos e sobrinhas.

Carlos Eugenio pela lealdade e companheirismo neste tempo de desafios e descobertas e aos amigos e amigas, que são partes do meu existir.

Sonho Impossível

Sonhar, mas um sonho impossível,
Lutar, Quando é fácil ceder,
Vencer, o inimigo invencível,
Negar, quando a regra é vencer.
Sofrer, a tortura implacável,
Romper, a incabível prisão,
Voar, no limite improvável,
Tocar o inacessível chão.
É minha lei, é minha questão,
Virar esse mundo,
Cravar esse chão.
Não me importa saber
Se é terrível demais,
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz.
E amanhã, se esse chão que eu beijei
For meu leito e perdão,
Vou saber que valeu delirar
E morrer de paixão.
E assim, seja lá como for,
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão.

J. Darion/M. Leigh.

AGRADECIMENTOS

À Vanildes Gonçalves, Carmem Lúcia, Edina Lima, Arilene, Kelly e Elmira, mulheres que pelos seus olhares e forma de se colocarem no mundo, me fazem sentir na obrigação da coerência e presença. Azésio Barreto, Eder, Rezende Bruno, Victor Martins e Willian Bonfim pela energia que exercem na minha vida, também pela cumplicidade profissional e afetiva.

À coordenação Casa da Juventude Pe. Burnier: Ana Trindade, Carmem, Geraldo, Vanildes, Itamar, Elmira, Divino, Kelly, Garcia e Fábio, porque acreditaram, investiram e possibilitaram o tempo necessário para a realização deste estudo. Igualmente importantes: Epitácio, Gardene, Berg, Edmilson, Elaine, Wolney, Vilma, Paulo, Maria, Josiane, Gilsana, Cleber, Leonardo e Diana, que no dia-a-dia nos possibilitam a comunhão de sonhos.

Às Pastorais da Juventude do Brasil, berço que me proporcionou a socialização para conviver com tanta gente especial e também por terem colaborado com este trabalho.

À Ângela Falqueto e Hilário pela amizade, o carinho, a dedicação à causa juvenil e pela colaboração neste projeto.

À ADVENIAT, na pessoa do Norbert, pela bolsa concedida e que possibilitou este trabalho.

Ao Prof. Luigi Schiavo pela atenção da PALAVRA, por seus conselhos e orientação.

Aos professores (as), direção e funcionários (as) do Mestrado em Ciências da Religião da UCG, pelo carinho e a atenção concedida neste tempo de estudo. Aos colegas e amigos de turma deste mestrado e Gleisson T. Araújo pela colaboração.

Ao Divino Pai Eterno que na “Trindade” acompanha este seu filho.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	- Estados	125
FIGURA 2	- Sexo	126
FIGURA 3	- Faixa etária	127
FIGURA 4	- Tempo de participação	128
FIGURA 5	- Motivos da ida para o grupo	128
FIGURA 6	- Papel das PJs na sociedade	130
FIGURA 7	- Papel dos jovens na sociedade	132
FIGURA 8	- Porque os jovens não participam	135
FIGURA 9	- Ser liderança é	136
FIGURA 10	- Porque participam	139
FIGURA 11	- Em quem se inspiram	141
FIGURA 12	- Quem são os que mais criticam	142
FIGURA 13	- Representação das PJs em suas vidas	144
FIGURA 14	- Significado da “Civilização do Amor”	145
FIGURA 15	- Papel da religião para eles	149
FIGURA 16	- O que é a igreja segundo os jovens	150

GLOSSÁRIO

CEJU	Centro de Estudos da Juventude
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conferência Episcopal Latino Americana
CF	Campanha da Fraternidade
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JAC	Juventude Agrária Católica
JEC	Juventude Estudantil Católica
JIC	Juventude Independente Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
ONGs	Organizações Não-Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial de Saúde
PJs	Pastorais da Juventude
RCC	Renovação Carismática Católica
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas empresas
TFP	Tradição Família e Propriedade
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e a Cultura

SUMÁRIO

RESUMO	12
ABSTRACT	13
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - PÓS-MODERNIDADE E A SITUAÇÃO DA RELIGIÃO	17
1.1. PÓS-MODERNIDADE: ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO	17
1.1.1. A cristandade	17
1.1.2. A modernidade	19
1.1.3. Pós-modernidade	25
1.1.4. Globalização	27
1.1.5. Fim da história e crise das utopias	32
1.2. A RELIGIÃO NA PÓS-MODERNIDADE	36
1.2.1. O Sagrado e sua função social	37
1.2.2. A religião no mundo globalizado e pós-moderno	40
1.2.3. Desafios para a religião neste novo cenário	42
CAPÍTULO II - A JUVENTUDE E A INFLUÊNCIA DA ATUAL CULTURA	45
2.1. AS DEFINIÇÕES DA JUVENTUDE	45
2.1.1 Polissemia conceitual	45

2.1.2. Juventude e conflito de gerações	52
2.2. OS JOVENS NA CULTURA ATUAL	54
2.2.1 A comunicação hoje e seus efeitos sobre a juventude	55
2.2.2 Influência da comunicação virtual	56
2.2.3 A influência da cultura da imagem	58
2.2.4 Nova subjetividade	59
2.2.5 Mercado de consumo	60
2.2.6 A cultura refletida sobre o corpo da juventude	62
2.2.7 O imediatismo nas socializações dos jovens e seus grupos	65
2.3. O JOVEM E A PARTICIPAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA	68
2.3.1. Participação política da década de 60 aos dias atuais	68
2.3.2. Participação política e democracia representativa	69
2.3.3. Dados sobre a participação dos jovens	70
2.3.4. A juventude e as novas alternativas de participação	73
2.3.5. Os novos marcos legais para as políticas públicas de juventude	76
2.4. OS JOVENS E A RELIGIÃO	78
2.4.1 Religião de emoção e interesses imediatos	83
2.5. BREVE CONCLUSÃO SOBRE O ROSTO ATUAL DA JUVENTUDE	85
CAPÍTULO III - A “CIVILIZAÇÃO DO AMOR” ENTRE UTOPIA E	
REALIZAÇÃO	92
3.1. A CONSTRUÇÃO DA UTOPIA	92
3.1.1. A ilha de Thomas Morus	94
3.1.2. O que é utopia	95
3.1.3. Utopia e ordem social	97
3.2. UTOPIAS DOS JOVENS PÓS-MODERNOS EM TEMPO DE CRISE	98
3.2.1. A crise das utopias	99
3.2.2. As promessas da pós-modernidade aos jovens	100
3.2.3. Conseqüências das promessas utópicas sobre os jovens	101
3.3. UTOPIAS RELIGIOSAS PARA A JUVENTUDE	103

3.3.1. História dos jovens na Igreja Católica	103
3.3.2. Paulo VI e a “Civilização do Amor”	107
3.3.3. A “Civilização do Amor” na Igreja Católica da América Latina	112
3.3.4. “Civilização do Amor” uma proposta para o hoje	113
3.3.5. “Civilização do Amor” e a transformação da sociedade	117
CAPÍTULO IV – AS PASTORAIS DA JUVENTUDE NA CONSTRUÇÃO DA	
“CIVILIZAÇÃO DO AMOR”	120
4.1.PASTORAIS DA JUVENTUDE NO BRASIL	120
4.1.1. O que são e como funcionam	120
4.1.2. Opções pedagógicas e plano de ação	122
4.2. DESCRIÇÃO DA PESQUISA	124
4.3. IDENTIFICAÇÃO DO PAPEL DOS JOVENS NA IGREJA E NA	
SOCIEDADE	130
4.4. PARTICIPAÇÃO E LIDERANÇA SEGUNDO OS JOVENS DAS PJs	134
4.5. INFLUÊNCIA DA IGREJA SOBRE OS JOVENS E SUAS PASTORAIS	141
4.6. SIGNIFICADO DA “CIVILIZAÇÃO DO AMOR” PARA OS JOVENS	145
4.7. A RELIGIÃO PARA OS JOVENS DAS PASTORAIS DA JUVENTUDE	148
4.8. FINALIZANDO O CAPÍTULO	150
CONCLUSÃO	155
BIBLIOGRAFIA CITADA	162
BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA	173
ANEXOS	

RESUMO

Silva, Lourival Rodrigues da. *Juventude, Religião e a Utopia da “Civilização do Amor”*.
Um estudo de caso das Pastorais da Juventude do Brasil. Goiânia, UCG, 2006.

Esta dissertação trata dos aspectos da pós-modernidade, da religião e da juventude brasileira. Aborda a questão da utopia hoje e, de modo especial a “Civilização do Amor” que é proposta para a juventude católica. Faz uma abordagem da modernidade, da pós-modernidade e da situação da religião. É uma reflexão sobre as diferentes concepções de juventude: influências da cultura atual sobre as novas gerações, sobretudo a comunicação, com suas tecnologias, virtualidades, padrões de comportamento e subjetividade. Considera a juventude e sua presença na religião, levantando de que tipo de religião os jovens estão à procura. Dá destaque à participação política dos jovens ao longo da história, com suas reivindicações, contradições e formas de se organizar. Discute a utopia na perspectiva de sonho oferecido aos jovens da cultura pós-moderna. Levanta quem propõe a “Civilização do Amor” aos jovens católicos, pontuando o modo como esta foi assumida pela Igreja e pelos jovens. Traz uma visualização das pastorais da juventude no Brasil com suas formas de organização, seus objetivos e planos de ação, apresentando as compreensões que estes jovens têm sobre a “Civilização do Amor”.

Palavras-Chave: Juventude, Religião, Utopia, Pós-modernidade, “Civilização do Amor”

ABSTRACT

Silva, Lourival Rodrigues da. *Youth, Religion and "Civilization of Love"*. As student of *brasilian youth's pastorals course*.

Goiânia, UCG, 2006. This dissertation deals with the aspects of post-modernity, the religion and Brazilian's youth. It approaches the question of today's utopia and, in a special way, the "Civilization of Love" which is a proposal for the Catholic youth. It makes a reassessment of modernity, post-modernity and the situation of religion. It is a reflection on the different conceptions of youth: influences of the current culture on the new generations, over communication, with its technologies, virtuality, standards of behavior and subjectivity. It considers youth and their participation in the religion, surveying what type of religion the young are seeking. Emphasizes youth's political participation throughout history through their demands, contradictions and forms of participation and organization. The utopia in the perspective of the dream offered to the youth of today's post-modern culture. It discloses who proposed the "Civilization of Love" to young Catholics and gives emphasis on how this concept was received by church and the youth. It brings a visualization of the pastorals of youth in Brazil, how they organize, their objectives and action of plans, presenting the understandings that these youngsters have on the "Civilization of Love".

Key-word: Youth, Religion, Utopia, Post-modernity, "Civilization of Love."

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como finalidade abordar a religião na pós-modernidade e especificamente a juventude com suas utopias e, de modo especial a “Civilização do Amor”, que é proposta feita pela Igreja Católica para a juventude.

O universo pesquisado foram as lideranças das Pastorais da Juventude da Igreja Católica do Brasil. A hipótese básica é a de que essa organização desenvolve uma proposta de atuação a partir da “Civilização do Amor”, tendo como suporte a intenção da Igreja Católica de construir um referencial simbólico e utópico que busque possibilitar aos jovens a participação e a transformação da realidade. Essa utopia se apóia num imaginário de raízes históricas, com base nas tradições cristãs que influenciam, sociologicamente, o envolvimento dos/as cristãos/ãs nas questões da realidade social. Intui-se que os jovens pertencentes a essa pastoral se sentem despertados e motivados a se engajar na proposta feita pela igreja para a construção da “Civilização do Amor”.

As perguntas fundamentais destinam-se a identificar qual a relevância simbólica que tem a “Civilização do Amor” para os jovens que fazem parte das Pastorais da Juventude; o que estes jovens perseguem, entendem e com qual finalidade se mantêm fiéis à utopia, se tem ações de transformação alternativas que revelam a assunção desse projeto e que interferências são capazes de gerar.

A metodologia primou pela pesquisa qualitativa, em que se aplicou questionário com perguntas abertas que permitissem uma amostra do universo da organização das Pastorais da Juventude do Brasil, objetivando traçar o perfil das lideranças entrevistadas e suas compreensões acerca de seu papel eclesial e social a partir das

aspirações propostas e proclamadas pela “Civilização do Amor”. As informações foram acrescidas com análises das respostas obtidas e sistematizadas em gráficos e falas diretas dos jovens.

O primeiro capítulo é problematizado na perspectiva de retomar como a modernidade se construiu e se sustentou na promessa de liberdade, felicidade e realização humana e como se deu o surgimento do paradigma da pós-modernidade. Conclui-se este tópico com um panorama da conceituação de religião e seu papel social, abordando como ela tem-se estruturado para resistir neste novo cenário.

O segundo capítulo é uma reflexão sobre a situação da juventude na cultura atual. Inicia fazendo uma retomada das diferentes concepções de juventude, fixando-se porém no conceito juvenil trazido pela UNESCO, que define esta categoria a partir da faixa etária dos quinze aos vinte e quatro anos. Por isso este trabalho vai considerar os jovens como sujeitos de direito, portadores de capacidades e potencialidade para a atuação, participação, intervenção e definição dos rumos de suas vidas e não somente como dependentes das concepções e limites impostos pelo mundo adulto. Considera a juventude enquanto grupo geracional que constrói suas identidades e suas utopias entre seus iguais e no confronto com a geração que esta a sua frente.

Trabalha as influências da cultura atual num contexto de mudança e sua interferência sobre esta geração, dá destaque, sobretudo à comunicação com suas tecnologias e virtualidades. Levanta, também, a imposição de um padrão de comportamento e a tendência da afirmação de uma nova subjetividade. Apresenta a situação da juventude na religião, levantando que tipo de religião os jovens procuram. Conclui dando destaque à participação política dos jovens ao longo da história.

Trazendo dados da participação juvenil, com suas reivindicações, contradições e com novas formas de proposição sobre o jeito de participar e se organizar.

No terceiro capítulo investiga-se o significado de utopia na perspectiva de sonho desejado e buscado pela sociedade. Fez-se a investigação das utopias oferecidas aos jovens no contexto da cultura pós-moderna, buscando interpretar as influências que esta realidade provoca no imaginário da juventude e discute as condições para sua realização, esperanças, desejos e sonhos.

Faz um resgate de quais são as fontes e quem propõe a utopia “Civilização do Amor” aos jovens católicos, destacando como esta foi assumida pela Igreja da América Latina e de que forma ela é recebida pelos jovens e o que representa, em termos de conteúdos e de valores defendidos.

O quarto capítulo é a visualização das pastorais da juventude no Brasil com sua forma de se organizar, seus objetivos e planos de ação. Apresenta o resultado e análise da pesquisa feita junto às lideranças das Pastorais Juventude no que se refere à visão destes a partir da igreja, da sociedade. Por fim, traz compreensões sobre a “Civilização do Amor”, identificando os problemas, os sonhos e as aspirações dos jovens da Igreja Católica, que buscam um caminho para construir um outro modelo de sociedade.

CAPITULO I

PÓS-MODERNIDADE E A SITUAÇÃO DA RELIGIÃO

1. PÓS-MODERNIDADE: ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO

A compreensão da modernidade e da pós-modernidade, possibilita uma ampliação dos conceitos e características que interferem na questão da crise de paradigma na qual vive a atual sociedade. Visualiza as diferentes matrizes que prepararam o terreno das mudanças que o mundo vem enfrentado, permitindo uma compreensão da modernidade e da pós-modernidade com suas influências, causas e conseqüências.

1.1. A Cristandade

Para falar da modernidade é necessário buscar o que existia antes e o que orientava a vida das pessoas e da sociedade. Antes da modernidade a humanidade viveu o tempo chamado de Idade Média. Nela predominava o sistema feudal, que era

sustentado nas estruturas político-religiosas: reis, clero, nobreza e povo. A sua economia se firmava nas terras e nos ofícios dos artesãos. Esse período da humanidade é entendido como Cristandade.

A Cristandade teve como base de orientação o pensamento filosófico único do teocentrismo. Quer dizer: a centralidade de Deus na visão da vida, sociedade e do cosmos. Deus era a referência máxima de valor, e todas as manifestações que estivessem fora destes limites eram reprimidas. Para José Comblin a cristandade é marcada pela mistura do discurso das elites dirigentes para a nobreza e para as massas dos camponeses, o discurso do clero monástico ou secular. Esses discursos sustentavam as classes sociais da cristandade e o poder pertencia, sobretudo, à nobreza e ao clero (COMBLIN, 1986, p. 122).

O autor afirma que a cristandade continuou até a Revolução Francesa. Segundo ele os discursos da cristandade “continuou sendo, por muito tempo, o linguajar do clero, mesmo nos lugares em que a cristandade já tinha praticamente desaparecido. Ainda hoje muitos discursos do clero retomam os temas da antiga cristandade” (COMBLIN, 1986, p. 123).

Nos discursos da cristandade, a pessoa é cristã sem ter feito escolha, “é cristã pelo fato de pertencer à sociedade à qual pertence. Deixar de ser cristão é cortar os laços sociais. Na cristandade, para ser cidadão é preciso ser cristão” (COMBLIN, 1986, p. 125). “Quem falava de Deus, falava para a sociedade toda e não apenas para uma pequena elite espiritual” (COMBLIN, 1986, p. 145). Para o autor, na cristandade medieval havia uma só palavra, um só discurso imposto como uma “verdade” particular, como “verdade” geral.

Desta maneira a cristandade se firmou como algo natural, dado. Pablo Richard define a cristandade de forma ampla afirmando que “em um regime de cristandade a Igreja procura assegurar sua presença e expandir seu poder na sociedade, utilizando, antes de tudo a mediação do Estado” (RICHARD, 1984, p. 09).

É por isso que os chefes da igreja e do Estado legitimavam-se no modelo de sociedade da época. Para Comblin, o discurso da cristandade era sustentado pelos reis e demais chefes do povo que estavam a serviço da Igreja. O povo devia-lhes obediência, como se obedecia a Deus. Assim a cristandade se achava imutável, a última etapa na história do mundo, considerada a maior perfeição na terra (COMBLIN, 1986, p. 145).

A promessa central da Cristandade foi a de que a felicidade só seria alcançada após a morte, no paraíso. A modernidade mudou essa visão cristã. Por essas razões que se acredita que dentro da própria cristandade nasceu a “cultura moderna, com um discurso que se apresentou como rival e sucessor do cristianismo” (COMBLIN, 1986, p. 204).

1.2. A Modernidade

Como foi visto anteriormente a modernidade nasce do rompimento com a tradição, com os modelos de conduta e autoridades que eram sustentadas pela tradição e pela religião e que foram perdendo seu caráter de cosmovisão global e única.

Na busca de conceituar esse paradigma Anthony Giddens defende que a “modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII” (GIDDENS, 1991, p. 11).

Já Alain Touraine defende também que a modernidade surgiu pela capacidade dos indivíduos romperem com a Cristandade. Diz ele que a modernidade:

Definiu-se como o contrário de uma construção cultural, com a revelação de uma realidade objetiva. A modernidade é a antitradição, a derrubada das convenções, dos costumes e das crenças, a saída dos particularismos e a entrada no universalismo, ou ainda a saída do estado natural e a entrada na idade da razão (TOURAINÉ, 1995, p. 118).

O surgimento da modernidade está marcado também pela constituição de um novo pensamento do grupo chamado de modernista. Segundo Comblin, os modernistas pensavam que:

lam oferecer ao mundo uma forma superior de viver, uma humanidade realmente superior a tudo o que se tinha vivido anteriormente. Para os cristãos essa visão era blasfêmia. Ela destruía toda a pretensão cristã de ser a última idade do mundo, a fase mais adiantada da história humana, o ponto mais alto do ser humano (COMBLIN, 1986, p. 204).

Um outro fator que possibilitou o surgimento da modernidade foi o deslocamento do poder religioso, para o poder profano, o que provocou a dissolução da unidade religiosa e fez aparecer a formação de novos princípios de organização de caráter nacional. Ocorreu também o crescimento de outras visões sobre o cosmos, o que levou a religião a ficar reduzida a uma particularidade (ZAMORA, 2004, p. 02).

Nos conceitos trazidos pelos autores sobre a modernidade é possível perceber algumas recorrências: a modernidade é uma mudança na visão e compreensão do mundo, que estavam condicionadas ao aspecto religioso.

A modernidade trouxe consigo um discurso carregado de promessas e com nele surge a classe burguesa, com uma nova concepção de realidade social. No novo

discurso o sacerdote perdeu o monopólio da palavra pois antes “eu falava sozinho, agora tem mais gente falando também” e mais ainda foi substituído pelo intelectual, o que significa agora “outro fala em meu lugar”. Assim surge o discurso moderno fundamentado na vida individual e na ação das “classes dos intelectuais. Estas são as que passam articular a sociedade moderna” (COMBLIN, 1986, p. 204).

Emerge, assim, a universalidade de um discurso centrado nos seguintes princípios: razão, felicidade, liberdade e mercado. “Na modernidade tudo gira ao redor desses temas” (COMBLIN, 1986, p. 204). Para Comblin, na razão, o homem se conhece a partir de si próprio e se opõe a costumes, tradições, preconceitos, autoridade, intuição, instinto e sentimento.

Quatros foram as principais promessas da pós-modernidade: razão, felicidade, liberdade e mercado. A seguir uma breve síntese de cada uma destas.

A idéia de razão foi encarnada no Estado que passou a se apresentar como entidade política dos cidadãos ativos com capacidade de se auto-organizarem a partir de um conjunto de direitos civis, políticos e sociais. Assim, a razão passa a ser a centralidade e se torna uma conquista moderna. Ela permite que a pessoa submeta tudo ao conhecimento e só aceite o que passou pela experimentação.

A razão deu origem a racionalização científica, outro fator que também contribuiu significativamente para o surgimento da modernidade, em que a imagem do mundo passou a ser fundamentada em observações controladas, repetidas e quantificadas de maneira objetiva. Surge daí a imagem de mundo desencantado, a partir da separação entre o real (objetivo) e o desejado (imaginado) pela subjetividade humana.

O segundo princípio que vai dar sustentação à modernidade, para Comblin, é a idéia de felicidade. Para ele a felicidade ocorre quando o homem pode satisfazer as

suas necessidades vitais em primeiro lugar e, depois, os seus outros desejos: “biológicos, psicológicos, sociais, consumo, movimento, atividade corporal e mental, produção material e cultural, amor, sociabilidade, paz” (COMBLIN, 1986, p. 209).

O autor afirma que esse discurso aparece como uma mensagem que chama o indivíduo a se libertar das estruturas que o impediram de desenvolver a sua personalidade, propondo o desenvolvimento completo das virtudes humanas: viver bem, gozar de tudo, sem limites e culpabilidades.

Para Comblin, trata-se de:

Um apelo à emancipação de todas as formas de constrangimento que o sujeito experimenta em si mesmo: tabus, medos de viver ou agir, temor ante as forças do mundo, temor ante o desconhecido, angústia sem motivo. A modernidade desfaz os “complexos”, oferece a realidade inteira como aberta, disponível, sem restrições (COMBLIN, 1986, p. 209).

Junta-se à idéia de liberdade os conceitos de cidadania, dignidade individual que possibilitaram uma subjetividade focada no indivíduo. Surge o sujeito capaz de criar suas leis e soberania. Essa felicidade é uma proposta de emancipação de muitas dependências: mulheres, trabalhadores, das classes exploradas. Passa a ser um discurso que permite rebelar-se contra a idéia de sacrifício.

Para Comblin no discurso da modernidade a felicidade está à disposição do homem, para que este não viva em função do outro. Ela é resultado de conquista de várias lutas: família, clã, tribos. Segundo o autor, nasce da luta contra as exigências de solidariedade do grupo. É uma conquista contra os privilégios das classes dos nobres, dos proprietários.

Por isso que Zygmunt Bauman defende que a modernidade penetrou na consciência coletiva, modelou o pensamento e que, assim, reflete a cultura da beleza, da limpeza e da ordem. Para o autor, essa modernidade pensou a si mesma como uma atividade da cultura ou civilização (BAUMAM, 1997, p. 07).

Outro fator que vai dar sustentabilidade à modernidade é a idéia de mercado como regulador das relações sociais que se dão através da divisão social do trabalho, fundamentada no princípio da propriedade privada e na inclinação do homem para a satisfação de suas necessidade e na competição entre os interesses individuais e coletivos (ZAMORA, 2004, p. 03).

Para Boaventura Sousa Santos, a modernidade, é um projeto muito rico, capaz de infinitas possibilidades e, como tal, se torna muito complexo e sujeito a desenvolvimentos contraditórios. A modernidade se fundamentou também sobre o pilar da regulação, com o princípio do Estado e da comunidade a partir da concepção de emancipação, com a racionalidade expressiva da arte e da literatura, da moral e do direito, e da ciência da técnica (SANTOS, 2003, p. 76).

A promessa de realização humana, de felicidade, liberdade e da possibilidade de acesso em igualdade de condição a tudo que a sociedade poderia oferecer. Criou uma individualidade nas pessoas, transformando-as em agente, responsáveis e autores de seus sonhos, desejos e democracia. A sociedade aceitou essas promessas como escolha, para uma nova forma de produção, de consumo, comunicação e assim ela passou a se identificar com o espírito da livre iniciativa.

Propunha-se uma melhor qualidade das formas de vida para a pessoa, a ecologia, a paz, a solidariedade internacional, a igualdade de relações, a democratização política, a democratização radical da vida pessoal e coletiva, o

alargamento do campo da emancipação via democracia representativa e a democracia participativa.

Para Boaventura o projeto da modernidade é ambicioso, revolucionário, com possibilidades muito amplas e, por serem amplas, são excessivas e difíceis de serem cumpridas (SANTOS, 2003, p. 78). O autor aponta como conseqüência da não realização desse paradigma o surgimento de sinais evidentes de crise, pois não se confirmava o brilho prometido da ciência, com soluções privilegiadas para a vida social e individual.

Bauman defende que “os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual” (BAUMAN, 1997, p. 10). Para o autor o sonho foi abandonado e não realizada a expectativa de suprir as desigualdades sociais geradas, de garantir ao indivíduo humano possibilidades iguais de acesso a tudo de bom e desejável que a sociedade pode oferecer (BAUMAN, 1997, p. 195).

Para Helmut Thielen, a crise da modernidade tem sua gravidade na economia capitalista porque se firmou nas características centrais da exploração da mão-de-obra, na desvinculação da economia capitalista e da sociedade civil. Essa concepção econômico-sócio-política gerou uma crise de desigualdade social, que causou o aumento da miséria social, com impacto sobre as questões econômicas, ambientais e que, por fim, resultou na dependência do chamado “Terceiro Mundo” (THIELEN, 1998, P. 19).

Cristián Parker afirma que “há um desencanto crescente das massas populares em relação às promessas de salvação secular que provinham da classe política, tanto tradicional como revolucionária” (PARKER, 1996, p. 333).

O não cumprimento das promessas da modernidade tem gerado uma sensação de perda, de fragmentação, o que levou a um esvaziamento dos grandes relatos produtores de sentido. Hoje já se percebe uma tentativa de volta às questões da religião, do papel do Estado, da dimensão da emancipação da pessoa e da relação da natureza com o homem.

1.3. Pós-modernidade

Na segunda metade século XX aconteceram uma série de transformações que provocaram um horizonte além da modernidade. Essa fase de transição para muitos se caracterizaria pela “sociedade de informação” ou a “sociedade de consumo”. Esse contexto apontou para eventos inovadores que ainda hoje fogem ao entendimento completo e a qualquer controle.

Estaria nestas transformações o surgimento do paradigma da Pós-modernidade que segundo Moreira, se baseia no fim das grandes narrativas, também denominadas de pós-modernismo.

Pós-modernismo é aquilo que teorizado e expresso nas diferentes orientações científicas e artísticas, constituindo um indicador de práticas mais amplas de uma cultura pós-moderna, consumo e circulação de bens e práticas culturais. Tais tendências teriam assumido proporções epocais e de civilização e assinalariam um movimento em direção à pós-modernidade (MOREIRA, 2004, p. 02).

O certo é que no interior da literatura, das artes plásticas e da arquitetura, se espalhou o sentimento que passou a definir o movimento da estética e o estilo de vida. Assim o termo pós-modernidade passa a ficar mais marcado pela reformulação de

todas as referências construídas anteriormente pela modernidade. Esse termo, porém não é consenso entre os teóricos.

Plínio Freire Gomes diz que “a vertigem que chamamos de pós-modernidade está associada a um duplo fenômeno: o advento da velocidade e a internacionalização das relações econômicas” (GOMES, 2002, p. 01). Este autor defende que esse é um processo paradoxal situado entre a degradação das idéias da modernidade e as inovações que estariam em pleno andamento com as novas relações (pessoais, mercadológica, cultural, religiosa). Essas transformações têm contagiado inúmeras tradições artísticas, culturais e intelectuais.

Giddens chega a defender que “não basta inventar novos termos, como pós-modernidade e o resto” (GIDDENS, 1991, p. 11). Para ele a sociedade ainda não entrou na pós-modernidade, sendo que a modernidade está se radicalizando. Afirma que a sociedade está vivendo uma fase de radicalização, provocada pelo declínio da hegemonia europeia, que facilitou a criação de civilizações regionalizadas em outras partes do mundo.

O termo pós-modernidade é, assim fruto do desenvolvimento administrativo, industrial, da complexidade política e econômica. O termo seria resultado da dificuldade das “ciências sociais em mapear o universo cultural da desintegração do mundo tradicional” (MOREIRA, 2004, p. 01).

Os diversos autores, mesmo não concordando com o termo pós-modernidade, apontam que as mudanças provocadas pelos desenvolvimentos acontecidos nos últimos anos apresentam conseqüências, como o surgimento de novas organizações sociais divergentes das criadas pelas instituições modernas.

Na falta de consenso sobre o que está acontecendo com a modernidade, a pós-modernidade, ou modernidade tardia, alguns autores preferem denominar esse momento de “A nova cultura” ou “cultura atual”. O certo é que é necessário considerar que estas questões fazem parte do dia-a-dia e que também são fruto da ampliação sofrida pelo mundo, agora entendida globalmente.

1.4. Globalização

Não há como negar que o desenvolvimento tecnológico é um dos grandes contribuidores para que o mundo fosse compreendido para além do continente europeu. Começando pelas navegações mercantilistas, passando pela Revolução Industrial até as infinitas possibilidades atuais da comunicação. Todos esses aspectos tiveram um papel definitivo na forma de ver e se relacionar dos diferentes países. “Nos últimos vinte e cinco anos, acumularam-se mais conhecimentos tecnológicos do que em toda a história da humanidade” (DOWBOR, 2000, p. 10).

Dadas as transformações geo-históricas em curso no século XX, são bastante evidentes os desenvolvimentos da transnacionalização, mundialização ou, mais propriamente, globalização. São transformações que não só atravessam a nação e região, como conformam uma realidade geo-histórica de envergadura global (IANNI, 2000, p. 17).

Otávio Ianni afirma que a visão do mundo passa ser compreendida por várias metáforas que se combinam entre si:

Economia-mundo”, “sistema-mundo”, “Shopping center global”, “Disneylândia global”, “nova visão internacional do trabalho”, “moeda global”, “capitalismo global”, mundo sem fronteiras”, “tecnocosmo”, “planeta Terra”, “desterritorialização”,

“miniaturização”, “hegemonia global”, “fim da geografia”, “fim da história” e outras mais (IANNI, 2000, p. 16).

Para o autor cada uma dessas visões possui um ângulo de argumentação e análises que priorizam os aspectos econômicos, político, geográfico, histórico, cultural, religioso, lingüística entre outras. Na perspectiva de Ianni não se pode negar a existência da formação de uma comunidade mundial com várias possibilidades diferentes e com instrumentos diversos de comunicação eletrônica avançada (IANNI, 2000, p. 16). Essas tecnologias permitem que se desloque de um ponto a outro com muita facilidade. Esse cenário de mudanças sobre a visão do mundo é que vai possibilitar o surgimento do paradigma da globalização.

Segundo Aldaíza Sposati a “globalização é um processo de reforço do mecanismo de elitização de um lado e da apartação de outro” (SPOSATI, 2000. p. 44). A autora defende que a globalização não é um processo que surge por causa da modernidade ou “pós-queda do muro de Berlim” mas um processo que se iniciou com a cristianização da sociedade. “O sonho de um mundo sem fronteira, unificado na comunidade de classes trabalhadoras, encontrou eco no pensamento socialista. Rosa de Luxemburgo, Trotsky e o próprio Marx, enxergavam um só mundo socialista” (SPOSATI, 2000. p. 44).

Sposati afirma que o que acontece é que antes os conquistadores não poderiam contar com toda a agilidade da comunicação por vias virtuais que hoje existem e que, por isso mesmo, o processo agora é muito mais complexo, mais ágil e eficiente.

A globalização passou a ser um paradigma recorrente para o entendimento da modernidade, se tornando referência para as questões econômicas, culturais, sociais e

religiosas. Enzo Pace conceitua a globalização como “processo objetivo de progressiva independência nas diferentes sociedades humanas espalhadas pelo planeta” (PACE, 1999, p. 25).

Para melhor entender as características da globalização será feita a seguir uma breve abordagem de dois aspectos que a caracteriza: o primeiro relacionado com as questões econômicas e sociais e o segundo, com as questões culturais e simbólicas.

No tocante aos aspectos econômicos e sociais, a globalização pode ser vista também como produção, distribuição de bens e de serviços, na perspectiva da expansão da economia de mercado e do consumo. É a possibilidade de o capital se expandir e se acumular. Uma das características desta globalização mercadológica seria o surgimento de “uma massa popular consumidora sensível a mensagens globais” (MOREIRA, 1996. P. 2).

A globalização se pautaria então, em uma unidade planetária a partir das questões econômicas direcionadas ao mercado de consumo. O mercado capitalista funciona sobre as bases de seu próprio ritual sacrificial, com suas próprias vítimas, imoladas aos deuses do mercado, ritual operado pelos novos sacerdotes do templo-mercado e legitimados pelos novos “sábios” e “profetas” do mercado e da sociedade de consumo (PARKER, 1996, p. 341).

O aspecto econômico, com a globalização, ganha relevância especialmente com o aumento das grandes corporações, com transnacionalização do capital: “toda economia nacional, seja qual for, torna-se província da economia global” (IANNI, 2000, p. 18).

Dentro da idéia da globalização um dos pilares de sua sustentação é a visão da economia global, que Octavio Ianni apontou da seguinte forma:

Além das mercadorias convencionais, empacotam e vendem-se as informações. Estas são fabricadas como mercadorias e comercializadas em escala mundial. As informações e entretenimento e as idéias são produzidos, comercializados e consumidos como mercadorias (IANNI, 2000, p. 16).

Nos aspectos culturais e simbólicos está fala se de “indústria cultural”¹, que revive, as fantasias simbólicas e rituais da magia e do mistério, que passam a funcionar para a lógica da troca. A globalização está relacionada também com as questões culturais e simbólicas que interferem na identidade e no modo de ser dos diferentes povos.

Esse processo é reforçado com a concentração e fusão de empresas e capitais que oferecem informação, entretenimento, atividades culturais, música, cinema, shows, revista, esporte e lazer. A globalização, com esses instrumentos, faz uma aproximação das fronteiras, dos sistemas simbólicos e leva à homogeneização dos gostos e comportamentos (MOREIRA, 1996, P. 5).

Como resultado dessa visão ampliou-se o contato com outras culturas e a difusão de bens culturais e ideológicos, com a criação de marcas mundiais e estilos de vida. Essas novidades são fruto do desenvolvimento e dos avanços tecnológicos recentes, que ampliaram e mundializaram a economia e a cultura. A globalização possibilitou uma consciência global, planetária, nos indivíduos e nas sociedades do mundo.

¹ - A conceituação de Industria Cultural é usada aqui para entender como se dão as novas relações mediadas pela produção desenvolvida pela “publicidade a mídia, impressa e eletrônica, misturada com jornais, revistas, livros, programas de rádio, emissões de televisão, videoclipe, fax, redes de computadores e outros meios de comunicação, informação” (IANNI, 2000, p. 19).

Assim consolida-se a sensação de que todos fazem parte de um mesmo globo e de uma sociedade civil planetária, que se caracteriza pela ultramodernidade que faz surgir um conjunto de não lugares (o metrô, os aeroportos, grandes centros comerciais) da multiplicação das zonas francas, nas quais diferentes culturas se encontram. Aparecem novos lugares simbólicos, onde cada um pode consumir coisas de diversos lugares e significados.

A globalização, segundo Octavio Ianni, tem sido vista como abertura de fronteiras e geração de espaço comum e que, assim, o planeta se encolheu e qualquer pessoa ou lugar pode ser alcançado através do teclado do telefone, da televisão ou do computador (IANNI, 2000, p. 07).

Desse modo a globalização trouxe consigo algumas conseqüências tais como o crescente processo de desculturalização, que leva à perda de identidade cultural e da capacidade de identificação simbólica com coisas e lugares. É essa identificação que faz com que a pessoa se sinta diferente do outro, através da qual ela pode vir a negar a si ou se tornar o outro.

A globalização é um processo de decomposição e recomposição da identidade individual e coletiva que fragiliza os limites simbólicos dos sistemas de crença e pertencimento. A conseqüência é o aparecimento de uma dupla tendência: ou a abertura à mestiçagem cultural ou o refúgio em universos simbólicos que permitem continuar imaginando unida, coerente e compacta uma realidade social profundamente diferenciada e fragmentada (PACE. 1999, p. 32).

Pace diz que o paradigma da globalização possibilita entender como se dão os processos de dominação de uma sociedade sobre as outras. Seria uma nova forma de

colonização moderna das consciências, imposta pelos modelos das sociedades dominantes.

Todos esses fatores juntos devem ser levados em conta para compreender como se dão as influências no modo das pessoas se organizarem em sociedade na busca da realização das promessas da modernidade e também para se situar frente à pós-modernidade ou modernidade tardia.

1.5. Fim da história e crise das utopias

Boaventura diz que a sociedade liberal moderna defrontou-se com alguns problemas fundamentais e que, entre eles, se nota a oposição feita pelos movimentos socialista e comunista.

A sociedade moderna não só acabou por neutralizar esta oposição como resolveu todos os grandes problemas que lhes foram postos. Por esse motivo é legítimo admitir que estamos perante o fim da história, uma posição a que Fukuyama (1992) deu recentemente grande notoriedade (SANTOS, 2003, p. 284).

A expressão “O fim da história” surgiu com artigo escrito pelo Francês Fukuyama em 1992, e depois foi aprofundada no livro “*El fin de la historia e el último hombre*”. A sua pergunta principal é se existe uma direção na história do homem? Segundo ele a sociedade atual vive sobre duas lógicas: a lógica da ciência moderna, que apresenta um amplo horizonte de desejo, oferecido através do processo econômico, e a lógica da luta por reconhecimento, que também perpassa a sociedade e que segundo Fukuyama é o motor da história.

Fukuyama defende que a democracia liberal poderia pôr um ponto final na evolução histórica da humanidade e isso é o que marcaria o “Fim da História”. Alerta o autor para não se confundir “Fim da História” com sucessão de fatos e acontecimentos, mas tomar a história como um processo único, evolutivo e coerente das experiências de todos os povos em todos os tempos (FUKUYAMA, 1998, p. 11).

Isso não significaria que o ciclo natural de nascimento, vida e morte chegavam ao fim, ou que acabariam os acontecimentos importantes. Significava que não haveria mais novos processos no desenvolvimento dos princípios e instituições subjacentes, porque todos os problemas realmente cruciais haveriam sido resolvidos (FUKUYAMA, 1998, p. 13). Assim, segundo Fukuyama, tem sentido falar de uma história direcional, orientada e coerente por duas razões: uma econômica e outra pela luta por reconhecimento (FUKUYAMA, 1998, p. 13).

Desta maneira a pós-modernidade teria surgido porque a sociedade vive uma crise de utopias que alguns chamam de crise civilizatória. Essa crise seria moral e ética e diria respeito ao modelo de pessoa se que busca.

A crise repercutiria nas pessoas, nas instituições e provocaria o desencantamento. No campo político essa situação de crise causa uma apatia política, de distanciamento entre eleitores e eleitos, com progressiva repressão da sociedade sobre o pensamento político e da marginalização dos políticos em relação aos eleitores.

Resulta disso, segundo Boaventura, uma patologia da participação, através do conformismo e do abstencionismo (SANTOS, 2003, p. 22).

Algumas características da crise de utopias podem ser notadas nas seguintes questões: econômicas, políticas, geográficas, culturais e no imediatismo.

Quanto à questão econômica, a expansão extensiva do mercado e do consumo, que converte os bens da natureza em produto e que leva à progressiva acumulação de capital. Esses produtos são oferecidos para o consumo, gerando uma mecanização da vida dos bens e serviços e provocando novas relações sociais, mundiais e a perda das classes em sua capacidade de negociar com o capital e com o Estado.

O Estado tem perdido a vontade e a capacidade de regular a produção social. Percebe-se uma crescente deslegitimação das lutas, o aumento da diversidade conflitiva, o não acreditar na possibilidade de lutar para mudar a realidade.

A ampliação do mundo o tornou “uma aldeia global”. Cada vez mais a globalização econômica separa e diferencia o centro, a semiperiferia e a periferia global. Há uma constante mobilidade e transnacionalização através das ciências, do turismo, dos refugiados, das migrações e das empresas multinacionais.

Essa situação faz com que os Estados nacionais percam o controle do seu próprio território, surgindo assim, algo parecido com o desenraizamento, como uma consequência da globalização, favorecendo a perda das imagens estáveis do mundo e de sua tradição cultural.

Aparecem novas interações globais, com a perda das fronteiras que leva ao surgimento de novos costumes, de novas linguagens e ideologias. Existe um crescente desabrochar de novas identidades regionais e locais, com a valorização das raízes, de novos territórios simbólicos e imaginários entre o real e o hiper-real. Valoriza-se a particularização do gosto.

O pensamento de Fukuyama, sobre o “Fim da História”, junta-se ao mecanismo da provisoriedade e do imediatismo, que teria levado a humanidade à sugestão de que tudo agora é permitido. O que importa é viver aqui e agora.

A sociedade passa a viver sob a busca do desejo e do reconhecimento, que é um elemento do neoliberalismo e se tornou o motor da história, interferindo na cultura, na religião, no trabalho, no nacionalismo e nas guerras.

Assim as conseqüências da pós-modernidade podem ser sentidas no indivíduo e na sociedade. No que diz respeito às influências sobre os indivíduos a pós-modernidade traz um novo horizonte que se baseia na especialização progressiva, do conhecimento da subjetividade com o surgimento de uma nova faceta das questões da liberdade.

Ser livre, ser sujeito, ser humano são considerados sinônimos dentro dessa nova cosmo-visão. Afirma-se o valor absoluto da subjetividade², ou seja, a autoconsciência como critério último e supremo do bom, do belo e do verdadeiro (MOREIRA, sd, p. 2).

Cada pessoa enquanto sujeito vive uma realidade de múltiplos sujeitos.

Todos nós, cada um de nós é uma rede de sujeitos em que se combinam várias subjetividades correspondentes às várias formas de poder que circularam na sociedade. Somos arquipélagos de subjetividades que se combinam diferentemente sob múltiplas circunstâncias pessoais e coletivas (SANTOS, 2003, p. 107).

A pessoa é colocada sob o domínio da expectativa constante do futuro e com isso, há uma curiosidade pela experimentação e pela busca dos limites, que gera a crise de sentido das sociedades avançadas (MOREIRA, sd, p. 2).

Já na sociedade, criam-se novos padrões de transformação social e aparecem as novas agências de publicidade, que vão produzir a nova religião, posta a partir da

² - “A subjetividade envolve às idéias de auto-reflexibilidade e de auto-responsabilidade, a materialidade do corpo e as particularidades potencialmente infinitas que conferem cunho próprio e único à personalidade” (SANTOS. P. 240)

imposição de um sentir e desejar. Assim, “tudo se torna mais próximo, e as populações se encavalam nos espaços urbanos e o precipício econômico e social entre estas populações aumenta rapidamente” (DOWBOR, 2000, p. 11).

2. A RELIGIÃO NA PÓS-MODERNIDADE

Interessa às Ciências da Religião entender os sistemas simbólicos que dão sentido à existência da pessoa e a forma como se articulam nas estruturas sociais. A religião é a ligação que une céu e terra. É uma estrutura simbólica que se preocupa em dar sentido à existência humana, baseada num sistema de crenças e comportamentos, que representam os valores e os ideais sociais. Ela dita a maneira de ser no mundo, interpretando a história, o tempo, o espaço, a natureza (SCHIAVO, 2004, p. 73).

Para Durkheim todas as religiões são legítimas (verdadeiras) em sua forma e buscam responder às “condições humanas”. Buscam e servem para manifestar a natureza da vida religiosa. Existem para responder às condições humanas e às necessidades do homem (DURKHEIM, 1986, p. 31). É necessária para oferecer explicação e regulação daquilo que é excepcional e anormal nas coisas, tendo como tarefa essencial manter o curso normal da vida. Cumpre a função de orientar as relações com o sobrenatural, com o mistério, o incompreensível, do que não acontece no mundo ordinário. Faz parte da especulação, do que escapa à ciência e pede uma explicação.

A religião faz parte do germe da humanidade e atua enquanto elemento de coesão social. Pertence a um grupo e se torna fator social, para dar uma ordem entre o mundo natural e o sobrenatural, o profano e o sagrado. No conceito apresentado por Durkheim, a religião é resultado das relações sociais. “São representações coletivas

que exprimem realidades coletivas. Seriam coisas sociais, produtos do pensamento coletivo” (DURKHEIM, 1989, p.38).

2.1. O sagrado e sua função social

Durkheim faz uma relação entre a religião e a sociedade para dizer que, da mesma forma como a religião consagra as coisas, a sociedade exerce sobre a pessoa o mesmo efeito. Para ele os conceitos de religião e de sociedade estão intrínsecos e presentes nas consciências individuais, na forma de o homem se organizar e consagrar as coisas, principalmente as idéias.

A sociedade tem tudo o que é preciso para despertar o espírito do homem e por isso ela exerce poder sobre os que a ela pertencem. A sociedade causa uma sensação de poder divino, de ser superior aos homens. Desta forma, para os homens a sociedade é superior a eles mesmos e de quem acreditam depender (DURKHEIM, 1989, p.260).

Aquele que acredita na sociedade se vê obrigado a agir de determinadas maneiras que lhes são impostas, por causa da sua natureza, dos princípios que lhes são sagrados e com os quais se sente em relação. A sociedade exige que as pessoas se esqueçam de si, de seus interesses, e que cada um se torne seu servidor. Impõe toda espécie de incômodos, de privações e de sacrifícios sem os quais a vida social seria impossível e é por esse motivo que a cada instante as pessoas se vêem obrigadas a se submeter a regras de comportamento e de pensamento. A submissão à sociedade se dá a partir da lógica do respeito moral e da forma de autoridade que ela cria sobre a pessoa (DURKHEIM, 1989, p.261).

Assim, a sociedade é para o homem como um deus, é uma autoridade da qual as pessoas dependem. “Assim como consagra os homens, a sociedade também consagra as coisas, principalmente as idéias” (DURKHEIM, 1989, p.268).

Bourdieu afirma que a religião funciona como princípio de estruturação que constrói as formas das relações sagradas para dizer como se devem comportar as pessoas no mundo natural e no mundo social. No conceito deste autor, a religião é capaz de converter o *ethos* humano num sistema de comportamento que regula e legitima as forças materiais, simbólicas que estruturam as classes e grupos sociais.

Este autor defende que o homem tem necessidade de viver em “nomia”. O homem precisa situar-se em uma perspectiva. Precisa reunir meio para integrar-se num sistema coerente. Isso para perceber-se e ser percebido. Para isso busca uma religião que possa servir de instrumento para dar sentido à sua existência. Dentro destes instrumentos ele recorre a mitos para estruturar o seu mundo, suas funções sociais e econômicas (BOURDIEU, 2004, p. 28).

O sistema simbólico da religião permite ao homem organizar o mundo natural e social dentro da classe a que pertence e torna-se visível na arte, na política e em outros veículos de poder que diferencia e legitima as contradições sociais. Ele tem como função a conservação da ordem social e a legitimação dos domínios domésticos sobre os dominados. Por isso a religião organiza e se especializa em seu trabalho para que, investida de poder, cumpra a sua função social e política em favor de diferentes classes sociais. Essa função tem sucesso, pois a religião possui uma forte virtude de eficácia simbólica (BOURDIEU, 2004, p. 33).

A religião está disposta a assumir função ideológica e prática política de absolutizar o relativo e legitimar o arbitrário assegurando e legitimando tudo o que

define socialmente este grupo ou classe na medida em que ele (grupo ou classe) ocupa uma posição determinada na estrutura social.

A legitimação acontece através de duas modalidades: primeiro, através de sanções santificantes e o segundo, quando inculca nas pessoas ou grupos um sistema de práticas e representações consagradas. Esta modalidade de legitimação se dá via reprodução das estruturas de relações econômicas, sociais, na contribuição para o reforço de suas sanções de limites e barreiras, impostos por um tipo determinado de condições materiais de existência. Surge em função de interesses religiosos ligados às posições na estrutura social de um grupo ou classe, determinando a prática e a crença religiosas através da produção, reprodução, difusão de consumo de determinado bem de salvação e da função de reforço do poder de legitimação do arbitrário, contido na religião com sua força material e simbólica (BOURDIEU, 2004, p. 46).

Para Bourdieu a religião cumpre funções sociais conforme esperam os leigos para a justificação do existir, do livrar-se das angústias, da solidão, da miséria, da doença, dos sofrimentos e da morte. Eles esperam que a religião forneça justificações para o existir em uma determinada função social, com todas as propriedades que lhes são inerentes (BOURDIEU, 2004, p. 49).

Será mais eficaz e terá sucesso a religião quando conseguir satisfazer aos interesses religiosos, aos grupos de leigos e se exercer o efeito simbólico, ou seja, capaz de mobilização.

2.2. A religião no mundo globalizado e pós-moderno

Com o advento da modernidade as pessoas deixaram de viver num mundo orientado pela visão do sagrado, como produtor único do sentido da existência humana e da ordem das coisas. O homem se sente emancipado para a possibilidade e a liberdade de imaginar, refletir e explicar a sua existência para além da fé e também da ciência.

Essas mudanças levaram o homem a se desvincular racionalmente da subjetividade do mundo mágico e encantado. O resultado é que o homem vive sobre a orientação de um outro tipo de sagrado.

O desencantamento possibilitou o surgimento da modernidade, produziu uma nova ordem social que levou à perda da cosmo-visão produtora de sentido e unificação. A sociedade se sente confusa frente a esse desencantamento, pois a atual cultura, as novas tecnologias, o mercado econômico e a política universal não conseguem explicar, dar respostas seguranças a todas as perguntas.

Frente à perda de uma cosmo-visão religiosa unificadora, o indivíduo se sentiu mais livre das prisões ambientais e foi chamado a fazer a sua própria liberdade responsável. A autonomia do sujeito, o pluralismo cultural e o funcionalismo homogeneizado das práticas sociais de produção e organização coletiva são os fenômenos característicos desta sociedade moderna que parece instalar-se em seu dinamismo planetário na totalidade das sociedades (MARDONES, 1998, p. 135).

Para Sérgio Sauer, o desencantamento do mundo se deu por meio da diminuição do poder do sagrado, e teve como consequência a liberação do potencial da racionalidade na ação comunicativa, em que a linguagem passou assumir “uma forma

mais racional na função social da religião, dos processos de interação societal e construção do consenso” (SAUER, 2003, p. 59).

Faustino Teixeira diz que no final do século passado foi possível testemunhar a dissolução de substanciais narrativas e utopias que guarneciam de sentido a vida de inúmeras pessoas. Para ele, “a perda de referenciais de sentido deixou os indivíduos desprotegidos diante de ameaças globais cada vez mais intensificadas” (TEIXEIRA, 2005, p. 01).

Assim, segundo ele, a crise das grandes narrativas são chaves para entender e compreender a situação da religião no mundo pós-moderno e globalizado. Como fica a religião neste novo cenário? Mesmo que a religião não seja mais a única fornecedora das imagens estáveis do mundo, com sua autoridade reconhecida de geração em geração, na pós-modernidade ela vem ganhando força, pois os indivíduos estão à procura do sentido e da emoção que a religião é capaz de oferecer, o contrário do que defendiam os modernos sobre a Morte de Deus.

No novo contexto da cultura pós-moderna há uma surpreendente abertura para o transcendente e o sagrado, Jorge Boran afirma que está surgindo uma nova “consciência de que o mistério e a transcendência são realidades profundas na vida humana. Estudos em diferentes países mostram que há uma reanimação mundial da religião, especialmente nos países em desenvolvimento” (BORAN, 2005, p. 09).

A religião, porém, vive um momento de perda do controle institucional, pois os indivíduos tomaram-na como algo de sua gestão e da sua livre iniciativa. Assim a pessoa passa a buscar e ter novas fontes de imaginação simbólica, fazendo surgir uma religião pessoal com novas sensibilidades e roupagem e sem a preocupação com os pudores e ocultações impostas pelas autoridades do sagrado. Boran afirma que se trata

agora “de uma religião mais privada, sem preocupação pelas necessidades dos outros” (BORAN, 2005, p. 09).

A pós-modernidade possibilita que a pessoa sinta-se livre para beber em diferentes expressões religiosas, criando um terreno fértil para o transitar em diferentes modelos. Surge assim a idéia do “Word-religião”, que se alimenta de todos os movimentos que reinventam uma tradição, que interpretam os símbolos de um patrimônio ou vários para construir assim a sua identidade.

Posso sentir-me um fervoroso católico freqüentando um grupo pentecostal marginal, no fundo a Igreja Católica oficial, aproximar-se da ioga e descobrir a mensagem do asceta Sai Baba, peregrinar até a Índia aproximar-se dele e na volta fundar um círculo de seguidores do guru indiano para freqüentá-lo nos domingos à tarde depois de ter ido à missa pela manhã e ter invocado os carismas do Espírito no sábado anterior pela tarde (PACE1999. p. 34).

Essa tendência seria causada pela necessidade do homem de moderno se sentir mais adaptado para entrar em um mundo de segurança, de se sentir protegido sem abrir mão da modernidade técnico-econômica, com os valores da quietude interior, da orientação moral e espiritual da religiosidade tradicional que pede à religião a benção para todo seu agir (MARDONES, 1998. p. 125)

2.3. Desafios para a religião no novo cenário

A religião neste novo cenário pós-moderno terá que enfrentar alguns desafios, entre eles serão apontados aqui quatro: revisão do seu papel, enfrentamento do tradicionalismo e do fundamentalismo, o reencantar-se em um mundo globalizado e adequar-se às novas demandas pós-modernas.

Quanto à revisão do seu papel na sociedade pós-moderna a religião terá que se rever uma vez que a globalização coloca no horizonte da religião características de predominância neoliberal³ de cunho econômico, cultural, pois nesta perspectiva a religião também se pergunta como ser protagonista nesta nova realidade globalizada?

Para Mardones um outro desafio para a religião será enfrentar a tendência do crescimento da religiosidade tradicional que vem se juntando com o fundamentalismo, dando ênfase à tradição e aos modos tradicionais de sentir e de viver a religião. Esse fenômeno vem ocorrendo não só na religião mas também na sociedade, sendo essa uma característica da modernidade tardia em que terá êxito a religiosidade fundamentalista, a exemplo do protestantismo latino americano, o pentecostalismo africano, coreano e o fundamentalismo islâmico (MARDONES, 1998, p. 123).

O reencantamento ainda se reveste do sagrado. O sagrado deixou ser propriedade somente dos redutos eclesiais e passeia livremente por todos os aspectos sociais e culturais. Não existe um lugar na sociedade onde não se encontra a sua presença. O sagrado foi apossado pela cultura, pela política, a ciência, o sexo, a arte, o esporte. Tudo tem um “cheiro de aromas litúrgicos, gestos sacralizados” (MARDONES, 1998, p. 140).

Mardones aponta para a necessidade de uma religião capaz de proporcionar uma experiência profunda do sagrado, com a proteção divina, com adulez e independência na tarefa de afrontar situações e dimensões do mistério (MARDONES, 1998. p. 143).

³ - Está ligado à idéia do liberalismo, que surgiu na segunda metade do século XVIII, que parte do indivíduo afim de resgatar a identidade e, a autonomia pessoal, a identidade e a que assumiu a lei do laissez-faire laissez-passer, como principio de sua concepção econômica. O neoliberalismo está centrado na prática do mercado livre (MESQUITA, 1998. p. 46).

A partir desta perspectiva teria a religião que definir se irá se adequar à pós-modernidade, com seus aspectos neoliberais, aliando-se ao desenvolvimento tecnológico, cedendo ao fascínio e à promessa de melhora material e de consumo, criando, assim, novos sentidos e orientações para o sagrado.

As tendências de adequação são tidas por alguns como a possibilidade de auto proteção da religião frente à pós-modernidade para sentir-se segura, protegida, dinâmica frente aos desafios, sobressaltos do contexto e da cultura.

O mundo globalizado estaria forçando a religião a ficar mais difusa, eclética, bebendo de várias fontes, buscando se adaptar e responder às pessoas preocupadas com saúde, desequilíbrio psíquico, ameaça à biosfera, tornando-se uma espécie de colagem religiosa: sagrado, energia misteriosa, consciência cósmica, vida universal, que abraça e engloba o cosmo-bio-psico-divino. Esta religiosidade é uma saída às necessidades religiosa do individuo do neoliberalismo e da globalização.

Não se pode esquecer que a religião é uma espécie de manto protetor que dá segurança e sentido frente ao mundo cheio de ameaças. Para isso ela se respalda nos seus símbolos e ritos atuando “como um contrapeso ao mercado flutuante, à impotência do estado e aos traumas da modernidade” (MARDONES, 1998, p.128).

CAPITULO II

A JUVENTUDE FRENTE A INFLUENCIA DA ATUAL CULTURA

1. DEFINIÇÕES DE JUVENTUDE

Ao abordar a temática da juventude nada melhor do que entrar no mundo dos jovens sem cair nos preconceitos ou reforçar idéias do senso comum. Exige também um olhar atento para evitar a ingenuidade de vê-los como culpados do contexto de um mundo pós-moderno e globalizado, para não responsabilizá-los e lhes dar o papel de únicos responsáveis pelas mudanças e transformações necessárias na sociedade. Falar de juventude exige ter uma abordagem conceitual para além do estado de espírito, de ânimo, energia e força.

1.1. Polissemia conceitual

A juventude tem sido marcada na sociedade por diferentes visões conceituais. É considerada, por muitos, como sendo o momento primordial para as relações da vida

grupais, da relação entre seus iguais e das experiências que interferem nos resultados de buscas, encontros, desencontros, inseguranças, curiosidades, medos, confusões, indefinições, mudanças, crises e crescimentos.

Poucos são os que defendem que a juventude seja uma fase em que se tem permissão para viver com mais intensidade os questionamentos, discernimentos, entendimentos, sonhos. No geral cobra-se da juventude uma postura de compromisso e responsabilidade. Na verdade todas as visões conceituais vêm carregadas de valores e características da categoria social que a define. O que está em jogo é como cada grupo (instituições) deseja garantir que a juventude seja.

Por esses motivos conceituar a juventude é um desafio, pois seu entendimento passa por uma situação polissêmica. Assim, para melhor entender essa questão será trabalhado o conceito de juventude a partir dos seguintes aspectos: biológico, antropológico, sociológico e psicológico. Essas abordagens conceituais se fazem necessárias para entender essa fase intermediária entre a infância e a vida adulta. Também porque tal período etário necessita de olhares para além do tempo marcado por mudanças físicas do corpo humano.

Biologicamente a definição de juventude está marcada pela questão das transformações no corpo, que está deixando de ser infantil e se constituindo como um corpo que se tornará adulto. Essas mudanças corporais nem sempre são enfrentadas com tranquilidade pelos jovens. Elas vêm acompanhadas de reflexões pessoais que interferem na construção de sua identidade.

Acontecem nesta fase as alterações hormonais que passam a influenciar psicologicamente e de maneira drástica a pessoa do jovem. É comum, hoje, a constatação de que as questões de alimentação, de comportamento social e a

qualidade de vida afetiva também interferem no amadurecimento e no prolongamento da juventude.

A juventude é marcada centralmente por processos de desenvolvimento, da sua breve passagem da infância para a maturidade, com a tarefa exclusiva de preparação para a vida adulta. Biologicamente, está precedida pela puberdade e pela adolescência. Na juventude já estão conformadas as transformações anatômicas e fisiológicas que devem ocorrer na adolescência. É na juventude que se consolidam os processos biológicos e psicossociais (BORREGO, 2005, p. 07).

Psicologicamente não são todas as correntes que falam de juventude. Para a grande maioria o que existe é a adolescência. A conceituação de juventude na perspectiva da psicologia porém contribui para se perceber que não são somente os aspectos biológicos que interferem na pessoa que vive esse período. A sua vivência e emoções também vão influenciar na construção de sua identidade.

A psicologia entende que os adolescentes necessitam vencer três lutos: o luto pela perda do corpo infantil, tendo que se adaptar a um novo corpo e com a maneira de lidar com ele e também com a forma como as pessoas os observam; o luto pela perda dos pais da infância: os que antes tinham todo um modo especial de lidar e de cuidar, agora já repreendem e exigem uma adaptação à condição de alguém que não é mais criança e, ainda, lidar com a morte do mito das figuras paterna e materna, que deixam de ser herói/heroína para revelarem os limites e fragilidades; e o luto pela perda da identidade infantil, pois têm que enfrentar as suas próprias crises e dar rumos aos seus atos e história (ABERASTURY, 1981, p. 71).

Passada a etapa descrita acima vem a juventude, tida psicologicamente como momento de descoberta de valores culturais e espirituais. É o tempo dado para as

peças viverem e acomodar as crises de reforma ou de inquietação pessoal, social, familiar e religiosa.

Maria Alice Foracchi é uma pioneira no Brasil que buscou conceituar a juventude. Ela concebe a juventude como fase da vida em que a pessoa é portadora de força renovadora, que motiva os jovens a construírem novidades e enfrentarem desafios:

A juventude é uma fase da vida, uma força social renovadora e um estilo de existência, se concebermos como uma etapa que antecede a maturidade e que apresenta características singulares, notaremos que ela corresponde a um momento definitivo da descoberta da vida e da história, é a fase dramática do eu (FORACCHI, 1977, p. 302).

Sociologicamente a conceituação da juventude leva em conta que os jovens enfrentam o desafio de se adaptarem a um mundo totalmente diferente do que haviam enfrentado até então na infância. Vêm-se obrigados a uma inserção social complexa, que lhes traz novas significações e questões para as quais os jovens ainda não têm respostas integralmente formuladas. Sua identidade social ainda está em conformação. As preocupações estão voltadas mais para a experimentação intensa em diferentes esferas que se apresentam em seu horizonte.

Por essas razões, para que se conceitue sociologicamente a juventude é necessário entendê-la dentro de um contexto no qual os jovens estão inseridos. É preciso considerar que nem todos passam pelas mesmas experimentações da realidade. Há diferenciações que interferem no seu modo de se situar e de se comportar. Por isso é preciso aprofundar, verificar e identificar a realidade e como esta interfere no momento em que os jovens estão vivendo.

Segundo o Projeto Juventude⁴, a conceituação de juventude passa pela condição e o contexto atual em que vivem os jovens no Brasil. Esta condição é dada pelo fato de os jovens estarem vivendo um período específico do ciclo da vida, em um dado momento cultural, histórico.

Sociologicamente a juventude pode ser entendida então para além do período correspondente ao tempo em que se completa as formações físicas, intelectuais, psíquicas, sociais e culturais, em que os jovens se encontram, pois são nelas que se tecem suas redes simbólicas e criam suas organizações. Por esse motivo entende-se que a juventude não é homogênea, não é uniforme.

É na etapa da juventude que se processa a passagem da condição de dependência que os jovens têm em relação a sua família original, para que tenham autonomia. É quando a “pessoa torna-se capaz de produzir (trabalhar), reproduzir-se (ter filhos e criá-los), manter-se e promover-se a outros, participar plenamente da vida social com direitos e responsabilidades” (JUVENTUDE, 2004, p. 10).

Essa fase da vida vem marcada por ambigüidades e contradições quando os jovens, ao se defrontarem com a realidade, passam a questionar, desejar e experimentar mudanças que os adultos nem sempre estão dispostos a negociar. Por causa disso “os jovens contemporâneos vivem uma constante tensão entre a busca de emancipação pessoal e a subordinação aos ditames da sociedade de consumo e das imagens da juventude veiculadas pela mídia” (JUVENTUDE, 2004, p. 12).

Essa mudança de lugar, porém, nem sempre significa autonomia e emancipação que os faça se sentirem incluídos. Segundo Libânio, essa diferença entre jovens e

⁴- O Projeto Juventude resultou em um documento elaborado em 2004 pelo Instituto Cidadania e apresentado para o Governo Federal como fonte documental para a proposta de criação da Secretaria Nacional de Juventude.

adultos é mais marcada nas sociedades tradicionais (LIBÂNIO, 2004, p. 13). Esse aspecto fica mais confuso na atual realidade, marcada pela cultura pós-moderna.

Muitos autores se recusam a conceituar a juventude a partir do recorte etário, e preferem falar a partir dos aspectos sociológicos e econômicos. Para Novaes “no entanto, esses limites de idades não são fixos. Para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo”⁵ (NOVAES, 2002, p. 121).

É lugar comum começar a falar de juventude lembrando que esse é um conceito construído historicamente. As definições sobre o que é ser jovem, quem e até quando se pode ser considerado jovem têm mudado no tempo e no espaço e refletem disputas no campo político, no campo econômico e também entre as gerações (NOVAES, 2002, p. 121).

Para Novaes:

Aumento da expectativa de vida e as mudanças no mercado de trabalho permitem que parte deles possa alargar o chamado tempo da juventude até os 29 anos. Com efeito, qualquer que seja a “faixa etária” estabelecida, jovens da mesma idade vão sempre viver juventudes diferentes (NOVAES, 2002, p. 121 - 122).

Segundo dados do censo do IBGE 2000, dos 169,7 milhões de habitantes no país, 34 milhões se enquadram na faixa etária de quinze a vinte e quatro anos, o que corresponde a 20% da população. Esta foi a primeira vez que o IBGE trouxe essa definição de juventude, com esse recorte de idade. Incluídos os brasileiros entre vinte e cinco e vinte e nove anos (13,8 milhões), também classificados como jovens adultos, no

⁵- O Brasil tem mais de 21 milhões de adolescentes na faixa etária dos doze aos dezoito anos incompletos.

Brasil, chega-se a 47,9 milhões de cidadãos (28,2% do total da população) (LEON, 2002, p. 31).

A Antropologia também é uma corrente que disputa a conceituação da juventude através do grupo que se ocupa do estudo do homem e seus agrupamentos cultural e social. Nesta corrente há alguns pensadores e educadores, que refletem e atuam com juventude, que afirmam que a conceituação de juventude é resultado de uma construção social, o que explicaria as várias concepções de acordo com o momento histórico.

Para João Batista Libânio “O termo jovem remonta a outra etimologia. Jovem faz ecoar o adjetivo *aiutans* do verbo *aiutare*, ajudar. Jovem é aquele que atingiu a idade de poder ajudar” (LIBÂNIO, 2004, p. 18). Concepção que ainda hoje é vigente, pois, segundo o autor desde sempre as famílias necessitaram da ajuda econômica de seus filhos.

De forma mais intensa, no final dos anos de 1940 o termo juventude foi sendo amplamente retomado, fosse pelas questões sociológicas da consideração dessa nova categoria ou pela perspectiva do mercado, que aproveitou para se organizar, oferecer e criar desejos em torno dos mais diferentes produtos. Por isso alguns autores defendem que a juventude é fruto do mercado, com a finalidade de criar uma categoria propensa a consumir marcas e produtos identificados com essa faixa etária.

Foi porém a partir de 1985, “Ano Internacional da Juventude”, criado pela ONU, que a temática juventude ganhou mais expressão nas universidades, organizações sociais e populares. Esta preocupação se baseava no aumento da população juvenil que ocorreria na América Latina no final do século passado.

A questão é que a juventude passou a ter destaque histórico pela emergência das modernas sociedades de massa, entendida aqui a partir da idéia da urbanização, dos meios de comunicação e da produção em escala. A juventude se tornou um ator social e político diferenciado, porém sem poderes para influenciar processos de transformação social. Ela só passa a ser considerada a partir da ótica do lugar da produção, onde ela está presente, mas não tem voz ativa, de decisão. Como exemplos podem-se notar os movimentos da juventude organizada enquanto camponeses, estudantes e operários de fábricas.

1.2. Juventude e conflitos de gerações

Mannheim, ao analisar o problema sociológico das gerações, vai defender que é necessário ter presente neste conceito que cada grupo está situado em uma realidade histórico-social.

A situação da geração está baseada na existência de um ritmo biológico na vida humana – os fatores de vida e morte, um período limitado de vida e o envelhecimento. Os indivíduos que pertencem à mesma geração, que nasceram no mesmo ano, são dotados, nessa medida, de uma situação comum na dimensão histórica do processo social (MANNHEIM, p. 71).

Pensar a juventude enquanto geração desperta a possibilidade de um olhar diferenciado sobre essa categoria, para entender seu comportamento. Para Mannheim as questões de gerações possuem aspectos da antropologia e da biologia que ajudam a situar os fenômenos de vida e morte, com “as mudanças mentais, espirituais e físicas que acompanham o envelhecimento enquanto tal” (MANNHEIM. p. 72).

Para o autor é preciso “compreender a geração como um tipo particular de situação social” (MANNHEIM. p. 72). Pertencer à mesma classe, geração ou grupo etário faz com que seja comum a participação no processo histórico e social, com a mesma gama de experiência, potencial e predisposição de pensamento.

Isso não quer dizer, porém que todos vão passar pelas mesmas experiências intelectuais e emocionais, pois, segundo o autor, cada pessoa só consegue ter acesso a uma fração de toda a herança e riqueza cultural de sua sociedade. “A situação etária é determinada pelo modo como certos padrões de experiências e de pensamento tendem a ser traduzidos à existência pelos dados naturais da transição de uma outra geração” (MANNHEIM. p. 73)

Constantemente surgem assim novos grupos de pessoas que vivem processos culturais, enquanto que outras pessoas vão deixando seus processos ou desaparecendo. Cada pessoa só participa de forma particular dos aspectos culturais de um processo histórico. Cabe a cada um a transmissão constante da herança cultural acumulada. Uma geração é seguida por outra e, assim, as acumulações culturais nunca são concretizadas pelos mesmos indivíduos. Resulta então que contínuos grupos etários vão surgindo.

Os contatos originais assumem uma parte importante na vida da pessoa quando ela é forçada pelos acontecimentos a abandonar o seu grupo social e a entrar em um novo. Em todos os casos ocorre uma transformação bastante visível e impressionante na consciência do indivíduo em questão. Uma modificação no ajustamento mental e espiritual do ser humano. O contato original é um acontecimento na biografia individual (MANNHEIM. p. 75)

Se não existir essa mudança de gerações, não haverá participante da cultura que provocará novas atitudes e mudanças de acordo com a herança transmitida, o que pode levar a modificações históricas e sociais no pensamento e na prática.

A sociedade cria em seus sistemas padrões ideais de “adultos”, para que seja garantida e sintetizada as suas normas, aspirações, ambições, seus valores e suas características. Tudo que possa garantir a essência de seu *ethos*. O ideal de adulto provoca e exige da sociedade demonstrações de potencialidades, justiça e moral. Estas são condições plenas para se adquirir status. São os ideais que sustentam e definem a condição de adultos perante a sociedade (FORACCHI, p. 19).

Será adulto o indivíduo que conseguir garantir as condições sociais e humanas para a perpetuação das vontades das classes às quais pertence. Cada pessoa procura assumir os ideais para a sua existência, de acordo com as etapas biológicas. Repetindo esse ciclo na vida adulta e no envelhecimento. Por esse motivo cada etapa da vida é compreendida em contraposição e em contraste com a anterior ou com a subsequente. Surge assim a distinção entre as gerações, que são marcadas pelas idades.

Para Foracchi, encontra-se aí a razão principal dos conflitos de geração:

Os conflitos de gerações nada mais seriam senão a luta de uma geração com os valores básicos que não sabe ou não quer preservar. O conflito se estabelece quando a crítica não é absorvida, quando as tradições mais ricas perecem na apatia, no conformismo, na negação de si. As barreiras de idade são irrelevantes nesse conflito que é de valores, de adesões prévias (FORACCHI, 1972, p. 25).

2. OS JOVENS NA CULTURA ATUAL

Este tópico quer aprofundar a influência do contexto da atual cultura pós-moderna sobre a juventude. O mundo globalizado e neoliberal são fatores que também

se juntam nessa reflexão, pois os novos paradigmas se tornam facilmente assimiláveis pela juventude e influem no modo de ser, pensar e se comportar na sociedade. A tarefa permitirá verificar, identificar e entender como essa mesma realidade interfere no momento em que os jovens estão vivendo, além de visualizar as opções e crises que os inquietam e provocam.

Outra finalidade será entender como a cultura pós-moderna aliada às novas tecnologias atua com seus diferentes instrumentos sobre os jovens, que, por viverem um tempo de construção de referenciais, estão mais abertos a propostas que lhes possibilitem visualizar e ter acesso a um mundo mais amplo, sem fronteiras.

Na perspectiva das influências da pós-modernidade sobre a juventude é necessário diferenciar o que é próprio deste período etário e o que é fruto da atual sociedade e com isso, especula-se, que a juventude seria uma presa fácil do mundo pós-moderno, e que estaria mais vulnerável às conseqüências dessas transformações. A seguir serão aprofundados alguns aspectos desse momento cultural e a sua influência sobre o modo de ser e de se comportar da juventude hoje.

2.1. A comunicação hoje e seus efeitos sobre a juventude

Com o advento das novas tecnologias, os meios de comunicação social se tornam veículos facilitadores das relações entre os grupos e pessoas. Surge um padrão de mensagens e informações a serem levadas para os receptores. A comunicação ganhou poder, sendo considerada para alguns um quarto poder. Os meios de comunicação passam a serem chamados de a “grande mídia” e a sociedade atual não

vive sem os diversos instrumentos da comunicação, que possibilitam a interação das idéias, pessoas, grupos e organizações.

Os meios de comunicação social influenciam diretamente na vida das pessoas, sobretudo da juventude. Sabe-se que os meios de comunicação utilizam-se de novos símbolos para vender seus produtos através de conteúdos visuais, sonoros, que trafegam por veículos os mais rápidos e se tornam globais, apresentando a todos um mesmo padrão cultural, uma mesma matriz.

Há que se considerar também que a realidade neste novo contexto pós-moderno está mais complexa e justaposta entre vários fatos, notícias, particularidades e a fragmentação da sociedade, fatores que dificultam perceber todas as suas nuances. Assim, o mundo global coloca através das redes de comunicação uma infinidade de mistura de culturas, linguagens, códigos de comunicações e relações.

2.2. Influência da comunicação virtual

A Introdução da microeletrônica nos processos de comunicação e produção gerou o tempo da comunicação e da informação. A realidade hoje se apresenta como a era da informática, da civilização eletrônica, da imagem e do mundo da comunicação por vias virtuais.

Com a Internet, a virtualidade traz a linguagem dos computadores: é uma nova língua/linguagem que têm mudado também as formas de se relacionar. Para os jovens que tem acesso a esse meio, o tempo e o espaço passam a serem distintos; pois tempo e espaço desaparecem nas vias da Internet. Permite que se estabeleça contato em tempo real com outra pessoa a milhares quilômetros de distância.

Segundo Mario Sandoval⁶, a TV e a Internet passam a socializar a jovens pelos conteúdos das “telas” das imagens. Por isso a forma destes se relacionarem é diferente. Como resultado dessa influência, os símbolos mudam. A linguagem juvenil é cada vez mais curta, direta. Os jovens usam menos palavras, ou palavras acompanhadas de um gesto que significa coisas distintas.

Os grupos de jovens virtuais cada vez são maiores, estão a cada dia mais próximos virtualmente e distantes fisicamente uns dos outros. Somente uma percentagem pequena da juventude, porém vive em redes, a maioria têm pouco acesso, ou possuem acesso limitado a algumas comunidades. Há ainda, nessa maioria que não tem acesso e não sabem lidar, os chamados analfabetos digitais, originando um processo de elitização e de exclusão que se aprofunda. Quem não tem acesso à Internet não precisa ser pobre, mas é excluído. Não se integra, não existe. É uma exclusão partindo do que se pode chamar de elite.

Não se trata aqui de demonizar as novas tecnologias. É necessário considerar que a falta de acesso de uma grande parte dos jovens brasileiros a esses meios diz respeito à situação econômica, que tem gerado uma crescente exclusão aliada ao Estado que não consegue garantir a todos o acesso ao saber, à cultura, ao lazer e ao desporto. A perspectiva neoliberal faz o Estado se ausentar de seu papel de garantir os direitos básicos da população no que se refere aos serviços de segurança, saúde, transporte, lazer e educação, que se apresentam cada vez mais precários, insuficientes e mal distribuídos.

⁶ - Mário Sandoval, esteve no seminário “25 anos de opção pela Juventude na América Latina” , realizado pela Casa da Juventude Pe. Burnier em novembro de 2005. Ele é assessor da Comissão Episcopal de Juventude do Chile, Professor de Sociologia na Universidade Alberto Hurtado, dos Jesuítas em Santiago do Chile. Diretor do CEJU da Universidade Católica Cardenal Raúl Silva Enriquez (Santiago), membro da Rede Latino-Americana de Pesquisadores em Juventude.

Os meios de comunicação hoje cumprem o papel de agentes socializadores da juventude. A mídia, para exercer esse papel pedagógico de socializador, utiliza-se principalmente da publicidade e suas propagandas para transmitir códigos. A juventude se encanta, e deseja essa comunicação veloz, desafiadora, se identifica com esse modelo de comunicação, pois foi educada por ela. Hoje as crianças já são atraídas pela propaganda subliminar, que não visa convencer, mas seduzir. Apela para o inconsciente. Quer criar felicidade e hábitos de fidelidade forjando empatia, criando e comandando o desejo, o gosto. Atua com modelos de imitação. Utiliza-se do bom humor para ficar na memória. Fustiga o desejo, o olhar e causa uma insaciabilidade.

Para concluir Sandoval afirma que a sociedade sempre trabalhou com a idéia de que, para ser grupo, é necessário o caráter da presença. Apresenta-se aqui o desafio de entender como será a socialização da juventude que vive grande parte do seu tempo em contato com a realidade virtual (SANDOVAL, 2005. p. 20).

2.3. A influência da cultura de imagens

Os jovens de hoje são a geração da TV a cabo, acreditam no que vêem. Os jovens armam sua visão de mundo a partir daquilo que vêem na TV. A grande maioria lê pouco. O mundo da pós-modernidade se baseia na especialização progressiva, do conhecimento, que cria novos padrões de transformação social, novas agências de publicidade e que vai produzir a nova religião, pronta para impor um sentir e desejar. Essa nova contextualização impõe aos jovens novos padrões de consumo, de maneiras de se perceber e desejar.

Essa nova era leva a juventude a construir seu imaginário dentro da cultura do visual. Essas imagens são firmadas através de ícones e símbolos que se tornam mais expressivos a cada descoberta feita e desejada.

Nessa fase contemporânea, a juventude transforma-se em “marca” criada pela mídia, impondo-lhe um estilo de vida, de consumo, como padrão para outras idades. Crianças são atraídas para serem jovens, enquanto adultos permanecem tentados a assumir de maneira desajeitada, ridícula e tardia comportamentos juvenis (LIBÂNIO, 2004, p. 38).

Assim, como já foi mencionado, a proposta pós-moderna para os jovens é o da aprendizagem que passa pela revista ilustrada, pela propaganda, pelo slogan, pela insistência da iconografia da moda e pela cultura televisiva (ZEFERINO, 2002, p. 2).

2.4. Nova Subjetividade

Outra característica da sociedade pós-moderna é a tendência de enfatizar a subjetividade da pessoa. Afirma-se o valor absoluto da subjetividade, ou seja, a autoconsciência como critério último e supremo do bom, do belo e do verdadeiro, do eternamente jovem.

Para Boaventura Sousa Santos, esse comportamento desperta nas pessoas “as idéias de auto-reflexibilidade e de auto-responsabilidade, a materialidade do corpo e as particularidades potencialmente infinitas que conferem cunho próprio e único à personalidade” (SANTOS, 2003, p. 240)

Essa subjetividade provocou na geração uma preocupação com suas necessidades “pessoais, com seus sentimentos, com a melhora de sua auto-estima, com sua confiança e libertação dos traumas” (BORAN, 2005, p. 08)

Emerge um outro modelo cultural, centrado na auto-realização, baseado na autonomia, onde é útil e faz sentido o que faço em função do “meu eu pessoal” e não do coletivo. Isso provoca nos jovens o desejo da auto-realização e do auto-desenvolvimento, fazendo com que esta geração, olhando para o futuro, queira responder seus interesses em primeiro lugar. Interesses esses voltados para a sua pessoa, sua realização, sua profissão revelando uma mudança para o auto-centrismo e para a diluição do coletivo.

Para Sandoval, as questões da subjetividade tem provocado uma mutação para um novo modelo cultural, em que o conjunto de símbolos, signos, significações, valores, interesses, necessidades e efeitos que dão sentido à vida e definem o que é belo, adequado, pertinente lógico (SANDOVAL, 2005. p. 22).

2.5. Mercado e consumo

O mercado é espaço de integração em que se dão as transações de bens e serviços (comprar e vender). A educação e o trabalho permitem que as pessoas se integrem na sociedade. Na conjuntura global e neoliberal, nem a educação nem o trabalho estão cumprindo seu papel como integradores sociais.

O mercado está integrando os jovens, mas é uma integração individual, não coletiva, que transforma o conceito cidadão/cidadã. Ser cidadão ou cidadã é transformar-se em cliente, consumidor. O tipo de cidadão que necessita desta sociedade é a sociedade dos supermercados. Na venda, o grande produto que gera

lucros é o crédito, não mais o produto. O dinheiro de plástico se torna acessível a todos e com ele o acesso ao crédito. Isso cria a fantasia de poder comprar sem dinheiro, isto é, ter acesso ao consumo.

O mercado se torna o espaço da socialização. As novas gerações se socializam com os códigos do mercado. O mercado entrou no coração das sociedades. Os jovens têm no seu horizonte o desafio da busca do que lhe é desconhecido, ausente e a possibilidade do consumo se torna para estes jovens uma janela de oportunidade, que nunca se fecha, sempre surgem novos objetos desejáveis.

A cultura pós-moderna forja uma propaganda para que o indivíduo consuma o máximo possível. Nem todos os jovens, no entanto, conseguem ter acesso e condição de consumo como o mercado deseja. Assim, cria-se nos jovens uma ilusão de que tudo está a disposição de todos. Pouquíssimos, porém, são aqueles que podem consumir tudo que a propaganda oferece.

A juventude se constituiu em um dos grupos que mais se sentem aguçados com a espera dos lançamentos do cinema, da TV ou da informática. Os jovens acreditam e esperam, porque se identificam, reconhecem-se na propaganda e no desejo que ela cria.

A geração Veja, Reader`s Digest não tolera ler livros volumosos. Falta-lhe paciência e tranqüilidade para sentar-se diante de um livro e ir degustando página por página. Às vezes, nem ver um programa de televisão mais longo suporta. Daí a doença do zapping, saltitando de canal em canal, de programa em programa (LIBÂNIO, 2004, p. 110).

A mídia enquanto aliada do mercado de consumo desperta na pessoa uma insatisfação, que leva à exploração da vontade interna de ter o que o outro tem. A mídia estimula a imitação do outro e desperta o desejo mimético de ser o outro.

2.6. A cultura refletida sobre o corpo da juventude

Na temática da cultura pós-moderna o corpo ganha lugar de destaque, pois é por natureza um instrumento de comunicação. A etapa da juventude é um momento em que o corpo está cheio de vigor e capacidade de se expressar socioculturalmente. Sobre o corpo recai uma mensagem de interlocução constante, tornado-o assim, um instrumento de comunicação visual.

O tempo da juventude é entendido como potencialidades e esse tempo reflete diretamente no corpo dos jovens. Com isso as pessoas adultas querem ter a vitalidade da juventude, desejam energia. Essa concepção de corpo juvenil está ligada à visão mecanicista de utilidade, capacidade e de aparência. Ninguém quer ser velho ou incapaz. Hoje tudo passa pela experiência, pela vivência dos sentidos e dos órgãos do corpo.

Nessa nova cultura, o corpo desempenha um papel fundamental. É o órgão através do qual se emite e se recebe mensagem. É o lugar da possibilidade do encontro com o outro. Se tudo passa pelos sentidos, isto equivale dizer que deve passar pelo corpo. Ele ganhou espaço, tornou-se mais visível. As roupas encurtam e ele está à mostra, as academias e outras formas de cultivo do corpo ganharam força, as tatuagens na pele chamam a atenção de todos, as roupas transparentes mostram os contornos numa brincadeira de vela e desvela (ZEFERINO, 2002, p.4).

Há diversos cenários para envolver a juventude no que se refere ao corpo. A sociedade pós-moderna atua com a expectativa do estético. Faz um investimento no gosto da juventude, cria uma roupagem de modernidade e atua com propostas para esse corpo que está em evidência. No campo afetivo, a paquera, o “ficar” e as relações acabam sendo temporárias e sem compromissos. São indicações de que as relações são articuladas na base do sentimento (ZEFERINO, 2002, p.5).

Essas novas formas da cultura ver o corpo produz ritmos, espaços e símbolos da indústria cultural adultocêntrica, em que o corpo juvenil passa ser encarado como máquina, horizonte de desejo, de satisfação, das possibilidades todas do imaginário.

O tempo da leitura foi substituído pelas horas de academia com a malhação e outros cultivos corporais. As preocupações deslocam-se para técnicas sexuais, meditações transcendentais, cuidados do corpo, remédios contra a crise da vida adulta, psicoterapias ao alcance da mão, exercícios corporais, massagens, saunas, dietética macrobiótica, vitaminofilias, bioenergia (LIBÂNIO, 2004, p. 106).

Os padrões de beleza masculinos e femininos têm influência sobre os jovens e o corpo tornou-se o lugar e templo do lazer, da arte que se submetem às filosofias estéticas que não correspondem em sua maioria com a cultura a que pertencem.

O tema da sexualidade é da máxima importância, porque este é um ponto de ruptura com as gerações tradicionais. Muitos jovens não aceitam mais as imposições de instituições como a família e igreja, quanto à moralidade sexual. O tema da moral sexual é de grande tensão entre os jovens e a igreja. Para os jovens “a igreja diga o que queira, eu faço o que quero. Se a igreja fala o que quer, eu também posso fazer o que quero”.

A juventude hoje já não tem seu corpo como lugar de controle, do pecado ou de uma identidade corporal fixa a modelo das gerações passadas. Para eles e elas as identidades são moveis.

O corpo nesta nova cultura é forçado a ser lugar de prazer e de disciplinamento de formas e atitudes. Torna-se um horizonte de satisfação para os jovens e a possibilidade de gozo eterno. No que diz respeito à sexualidade a virgindade, por exemplo, já não se constitui regra e condição para o casamento e iniciações sexuais são cada vez mais precoces: 14 anos para os meninos e 15 para as meninas. A educação sexual ainda é deficiente e muitas adolescentes e jovens passam por complicações decorrentes de gestação não planejada, tendo que aprender a cuidar de uma criança, adaptar horário ou abandonar a escola.

As famílias ainda não falam abertamente com seus filhos sobre o assunto da sexualidade. É crescente o número de infectados pela AIDS, entre os adolescentes e jovens, que, mesmo tendo informações, não estão sensibilizados para essa questão ou simplesmente não têm acesso ao preservativo ou ao dinheiro para comprá-lo. Perto destes dados está a questão dos adolescentes e jovens vítimas da violência e de a exploração sexual infanto juvenil.

Concluindo, o corpo na cultura pós-moderna é apresentado como fonte do gozo visual para a juventude que por sua vez, exige o máximo de desempenho sexual e estético. O corpo “é o lugar das relações interpessoais, mas também funciona como inspiração para as utopias dos milagres rápidos, biológicos, farmacológicos e eufóricos” (PEREIRA, 2005, p. 08)

2.7. O imediatismo nas socializações dos jovens e seus grupos

Quando se fala em juventude como um período cheio de mudanças e decisões, é preciso entendê-la como um fenômeno social de uma determinada geração, que representa um tipo particular de identidade que está se construindo dentro do processo social ao qual ela pertence historicamente. Entender essa questão é o que possibilita verificar se a juventude é realmente imediatista.

É próprio da juventude inicialmente o tempo da experimentação e depois a fase projetiva. Os teóricos da psicologia já dizem que a etapa da juventude seria o tempo da moratória. Acontece que a cultura pós-moderna, neoliberal e globalizada provoca nas pessoas, na sociedade e, sobretudo na juventude uma fragmentação, um sentimento de provisoriedade e o tempo da “experimentação”.

Os jovens processam essas propostas de vivência e velocidade da pós-modernidade e, conseqüentemente, a sua fragmentação. O aqui e agora bate constantemente na porta de todos: jovens, adultos e idosos. Há uma influência do tempo controlado pelo relógio, pelo desejo de se realizar, ter sucesso. Diante do futuro incerto e do salário que não chega para os 30 dias do mês o melhor é aproveitar.

O imediatismo reflete também nas mudanças e no sentido do trabalho, em que passa a vigorar a lógica do menor esforço, de menos sacrifícios e o máximo de resultado. A sociedade passa a ser governada pela cultura do imediato, da performance e do rendimento (princípios das empresas). As pessoas têm que competir para ganhar e render. Daí a cultura da simulação em que se a pessoa não conseguir competir, ter bons resultados, vencer. Precisar simulando o vencimento, o empenho para ser aceita e reconhecida.

O imediatismo desperta nos jovens uma idéia de viver a vida como o final da festa e assim, para alguns o horizonte da busca pelo prazer, sobretudo do prazer sexual, é o que importa. Os meios de comunicação veiculam um sem número de promessas, produtos de mercado em que os jovens entram, provam, tentam, como quem consome um prato de comida, uma roupa ou uma distração.

Hoje tudo passa pela experiência e pela vivência dos sentidos e dos órgãos do corpo. Os jovens, há alguns anos atrás, diante de uma proposta, diziam “deixa-me pensar e depois decido”. Agora, diante das propostas, dizem: “deixa-me experimentar pra ver se vale a pena”. Hoje experimentar indica ação, experiência, algo vivencial (ZEFERINO, 2002, p.4).

Segundo Sandoval como conseqüência a juventude mais que outras gerações toma gosto pela intimidade e convivência, mas com relações curtas, pouco duradouras. Por isso os jovens se casam mais tarde e mais velhos. É a lógica do desejo e da intensidade, resumida na paixão, na emoção e na adrenalina. Busca do prazer e da auto-realização pessoal (SANDOVAL, 2005, p. 24).

Como conseqüência os jovens de hoje partilham de um sentimento de medo de sobrar, porque não podem planejar seu futuro. Nos resultados de pesquisas sobre juventude é comum o medo de sobrar. Valoriza-se mais o flexível, o momentâneo, anseia-se gozar o momento presente, com poucas perspectivas para o futuro. Têm-se dificuldades com o silêncio interior.

Como conseqüência existe hoje uma dificuldade de as pessoas e isso se reflete também na juventude de se comprometerem com experiências, nas decisões, opção de vida e na entrega total.

Uma dessas conseqüências é que os jovens passam a serem educados na mentalidade afirmativa, de poder, de superioridade, constrói um “eu narciso”, em que a pessoa se volta para si mesma. Toda sociedade, e em especial a dos jovens, recebe a mensagem de que cada um dos seus membros tem a responsabilidade de se preocupar consigo mesmo (autocentramento).

Outra conseqüência da comunicação para a juventude é que provoca nestes a idéia de que o importante para ele/a se comunicar é a cuidar da sua imagem, ser notado/a. Esses critérios têm levado não só a juventude mas também as pessoas a estarem permanentemente preocupadas com a sua autoconstrução.

Em conseqüência os jovens se tornam objeto direto do mercado em busca de consumidores. O mercado aliado à mídia cria desejos para que as pessoas os tenham como uma necessidade. É preciso lembrar que os seres humanos têm necessidades e desejos naturais referentes a objetos que lhes são exteriores: alimento, bebida, habitação e, acima de tudo, a conservação do corpo. Além disso, o homem busca ser reconhecido, como um ser com certo valor e dignidade. Assim as pessoas acabam por confundirem o que é desejo e necessidade.

Essa subjetividade inculca na juventude um sistema de compreensão e interação com o mundo para suas satisfações pessoais e quando estes não o conseguem satisfazê-la experimenta-se uma insegurança. Para prevenir e impedir essa insegurança a sociedade provoca um deslocamento da confiança nas relações de proximidade e intimidade para a relação técnica. Como resultado têm-se juventudes menos conceituais, analíticas e organizadas.

3. O JOVEM E A PARTICIPAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA

Este tópico traz uma análise da presença e participação da juventude no campo político na sociedade brasileira contemporânea. A preocupação com a dimensão da participação política da juventude, é necessária para seu desenvolvimento integral e inserção social.

A participação política dos jovens está interligada com sua construção enquanto sujeitos do direito e cidadania, para que se tornem atores sociais capazes de assumir plenamente seu lugar na sociedade, contribuindo para modificar seu meio social e realizar seus projetos de vida. Esse ideal aponta para a necessidade de requisitos para uma socialização satisfatória, com capacidade de vínculos, identificação e integração com um projeto de sociedade.

3.1. Participação política da juventude a partir da década de 60 até os dias atuais

Não é possível negar a participação da juventude em momentos diferentes da história em mobilizações e acontecimentos políticos. Em meio a essa conjuntura a participação política dos jovens envolve uma certa visão mítica de que os jovens de hoje não participam de ações e atividades políticas e que a geração dos anos 60, sobretudo 68, foi a que deu a sua contribuição.

Pesquisas têm demonstrado que nem todos os jovens se envolvem diretamente em participação política. A não participação da grande maioria dos jovens deve ser lida no sentido de interpretar qual é o recado que a juventude está dando à sociedade.

Há quem defende, e acredita que a juventude tem que ser como era em 68. A juventude deste milênio possui traços diferenciados em relação àqueles dos jovens de décadas passadas, pois sofrem influências diretas do mundo pós-moderno e

globalizado. Como foi dito o que “decididamente não significa apatia ou resignação. Significa sim, mudanças nas maneiras de, se expressar e de até, reivindicarem direitos” (YOUSSEF, 2002, p. 38).

Segundo Mary Castro, representante da UNESCO no Brasil, as mobilizações dos jovens dos anos 60 e 70 foram mais políticas e que, nos anos 80 e 90 as ações são mais culturais. Segundo a autora, cultura, aqui, deve ser entendida como modo de ser, de estar no mundo; a maneira como as pessoas se organizam para fazer as coisas o que envolve participação política (CASTRO, 2002. p. 85).

Para Abramo, a participação da juventude está vinculada à preocupação com o futuro da sociedade: “Os jovens são, como geração, os herdeiros da sociedade, de seus sistemas e códigos de funcionamento. São eles que vão definir a continuidade ou mudanças da sociedade e suas instituições” (ABRAMO, 2004, p. 13).

3.2. Participação política e democracia representativa

A palavra participação envolve uma atitude de movimento. Participar significa tomar parte, definir os rumos. Participar é ato político inerente ao ser humano, é comprometer-se com o exercício da discussão nos espaços de debate de idéias, com finalidades e objetivos a serem alcançados. No ato de participar está implícita a ação coletiva, que envolve riscos, conflitos, desafios e posturas.

A democracia representativa criou uma visão elitista da capacidade de participar e dar opinião. Esses critérios de representação criam um funil em que poucos são envolvidos e escutados. Para Helena Abramo, o sistema político possui traços autoritários, que dificultam a democracia e a capacidade de incorporar um número significativo de diferentes atores sociais. Essa situação aponta para o fato de que a

participação é um desafio que a sociedade brasileira e Latino Americana tem que enfrentar (ABRAMO, 2004, p. 09).

Segundo essa autora, mesmo com a redemocratização acontecida após os regimes militares, não há muitos avanços em bem-estar e participação. As políticas sociais não conseguiram suprir as carências existentes e as sociedades se tornam cada vez mais desiguais. Existe descrença com relação à política institucional e insatisfação com a democracia reconquistada.

Os jovens dos setores de baixa renda são os mais afetados pelas situações de exclusão. Eles enfrentam problemas de inserção social que refletem diretamente nas expectativas e condições sócio-educacionais e de ocupação profissional. Essa condição os inferioriza nas aspirações de serem destinatários das promessas dos meios de comunicação, da escola e do sistema político.

Há que se considerar também que a juventude, uma vez marginalizada, terá dificuldade de participação política pela falta de formação, dificuldade de acesso a espaços de participação em suas próprias localidades. Mesmo com todos esses desafios os jovens têm procurado superar a sua auto-negação, assumindo sua realidade e auto-estima, criando uma imagem positiva, com códigos para a construção de sua opinião sobre questões que influem em sua vida.

3.3. Dados da participação política dos jovens

Existe hoje um desencanto geral com a vida pública e isso seria um traço da sociedade pós-moderna. Os jovens participam desse desencanto e, como iniciantes na política, sentem as contradições entre os valores pregados e as práticas.

A aparente ou real desmobilização dos jovens seria resultado não de uma aprovação ou conformismo otimista com a situação reinante, mas de uma apatia provocada por falta de aderência, interesse, convicção ou confiança nos mecanismos de interferência pública (ABRAMO, 2004, p. 15).

Sobre a participação política existe por parte dos jovens duas posturas: na primeira, eles acreditam na política e sentem que ela é importante; na segunda, a maioria não tem disponibilidade e motivação para as formas tradicionais de se fazer política.

Segundo dados de pesquisa realizada pela Assessoria Especial da Juventude da Prefeitura Municipal de Goiânia, publicada em 2001, 89 % dos jovens goianienses acreditam que podem contribuir e muito para mudar a sociedade, e somente 09 % disseram que podem contribuir pouco. Já o interesse pela política revela outros dados: 44 % afirmam que lêem matérias ou assistem a noticiários sobre política; 46 % o fazem de vez em quando e apenas 10 % afirmam nunca se interessarem pelo assunto. A maioria diz que conversa de vez em quando com outras pessoas sobre política; 26 % conversam sempre e 22,5 % nunca conversam a respeito. De certa forma estes dados mostram que a política faz parte da vida dos jovens goianienses.

A participação ativa porém é mínima: 2,5 % afirmam que sempre participam de associações ou grupos comunitários para resolverem questões de seu bairro ou cidade e 81,5 % declaram que nunca participam. Apenas 3% participam de reuniões de partidos políticos e 82,5 % declaram que nunca fazem pedido a políticos e funcionários públicos. 53 % alegam nunca assinarem manifesto público e 15 % indicam que assinam e apóiam. 63 % nunca participam de manifestações em favor ou contra o governo, 12 %

afirmam fazê-lo. 30 % dizem participar de algum grupo, sendo que 70 % não participam de nenhum grupo.

Alguns dados demonstram que os jovens querem mudar o mundo mas que não estão dispostos a fazê-lo de forma mais explícita. Ficaria então a pergunta: por qual mecanismo acreditam que seja possível uma mudança social?

Existem também expectativas entre os jovens. Quando perguntados sobre os grupos de que fazem parte, à frente desponta o religioso, com 45,4 %. Na seqüência aparecem os grupos de futebol (30 %), música (15 %), movimento estudantil (14 %) e o partido político (2,5 %). A pesquisa de Goiânia revela que, no grupo religioso, a maioria se constitui de mulheres e que, nos demais grupos, a maior presença é de homens. Dos jovens entrevistados pela pesquisa, 75 % disseram que não confiam nos políticos.

A Pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, realizada pelo Instituto Cidadania em 2003⁷, revelou ainda que o conhecimento dos jovens sobre grupos culturais em suas localidades está equilibrado, pois 46 % dizem conhecer a existência desses grupos e 45 afirmam não conhecer. Já quanto à participação nos grupos somente 15 % disseram fazer parte de algum deles. A grande maioria, porém, 85 %, não participam de nenhum tipo de grupo.

A metade, dos entrevistados (54 %), têm conhecimento de grupos culturais de suas localidades tais como música, dança, rádio comunitária, teatro e grupos de esportes radicais. Para o Projeto Juventude a percepção de que os jovens estão distanciados da política não passa de um estereótipo ou mito que exige uma leitura crítica, pois não é possível comparar dados estatísticos de hoje, que medem a taxa de

⁷ - com 300 entrevistadores em 198 municípios, em áreas urbanas e rurais de todo o território nacional, aplicou 3.501 entrevistas e poderá servir de base para ajudar na análise dos dados da pesquisa de campo deste trabalho.

participação, com a dos jovens das décadas passadas. A juventude hoje tem interesse de participar e isso se manifesta em canais diferentes dos tradicionais (JUVENTUDE, 2004, p. 15).

Essas taxas de participação política dos jovens não destoam muito daquelas da população em geral. Entre os jovens entrevistados pelo Projeto Juventude, a proporção da vontade de participar de algum grupo, de associações comunitárias ou profissionais, entidades ligadas à defesa ambiental, racial, de assistência ou ainda em conselhos é de 40 a 60 %. Sendo que 85 % afirmam ser capazes de mudar o mundo. Para os analistas da pesquisa esses dados revelam que há mais entraves para a participação do que o desejo de fazê-lo.

As instituições abrem espaço para a participação formal dos jovens, para a execução de determinadas atividades, mas não para a definição e tomada de decisão. Buscam provocar a participação dos jovens, mas não partem dos interesses deles, nem das suas demandas (ABRAMO, 2004, p. 17).

Para a autora essas questões estão vinculadas não só aos jovens mas também a outros grupos e que a falência de algumas instituições políticas, vinculadas às incertezas, às chances de inserção social, atingiria a capacidade de desejar e estruturar um outro futuro tanto no plano pessoal como no social. Esse quadro seria resultado da falta de “sonhos, de propostas de transformação, de uma ‘energia utópica’, identificada nessa geração juvenil” (ABRAMO, 2004, p. 17)

3.4. A juventude e as novas alternativas de participação

Os dados mencionados no item anterior não invalidam o fato de que os jovens têm capacidade de propostas alternativas de mudanças. Nesta perspectiva pode-se

imaginar que a não participação dos jovens seja uma forma de criticar e desejar uma outra forma de participação e de fazer política, alternativa diferente do modelo que receberam e que os acompanha no seu dia-a-dia.

É necessário considerar que hoje existem outras maneiras de participação política da juventude. A sociedade pós-moderna possibilita uma maior pluralidade e dinâmica, com tendência para a descentralização. Assim, os espaços tradicionais de socialização sofrem mudanças, com novas exigências como a consideração da diversidade, das práticas pluriculturais, e com uma maior tolerância e respeito às diferenças.

As novas formas de participação política, inauguradas com o acirramento da globalização neoliberal, guardam presença marcante da juventude. Tanto através da participação constante, nas diversas mobilizações e encontros de jovens muitas vezes desligados de qualquer instituição ou organização, como via estruturas juvenis destacadas no cenário mundial e nacional que impulsionam e dão vida aos movimentos, essa juventude inventou Seattle, o Acampamento Internacional da Juventude do Fórum Social Mundial, as manifestações simultâneas contra a guerra do Iraque, as manifestações via Internet, as manifestações festivas e irreverentes (PRESTES, 2005, p. 93).

As agendas hoje para a participação da juventude estão voltadas para as questões de raça, gênero, arte, ecologia, defesa de direitos. Os jovens procuram diferentes formas de participar, manifestar e realizar coisas. Eles possuem uma outra linguagem, com outros enfoques.

Existe uma diversidade de juventudes que estão construindo suas identidades de diferentes maneiras. Algumas dessas juventudes estão definindo suas identidade a partir dos grupos mais diversos a que pertencem:

Juventude católica, evangélica, espírita, as “galeras” do futebol, do surf (segundo esporte mais praticado no Brasil), do skate, da malhação, da capoeira, do judô, do jiu-jitsu, a juventude do “country”, do Hip-Hop, do funk e os chamados movimentos “tradicionais”, como os movimentos partidários e estudantis, entre outras formas juvenis de expressão social (MORAES, 2002, p. 35).

Todos esses grupos criam suas formas de se posicionar na sociedade. Cada um à sua maneira reforça uma idéia, tem um tipo de questionamento, critica à sua maneira, cria alternativas, demarca seus espaços e reações. Nem todos são legitimados e reconhecidos pela sociedade adulta. Para Alexandre Youssef alguns grupos de juventude exercem hoje o mesmo papel que os jovens dos anos de 1968. Para ele “o Hip Hop, pode ser considerado o “68” de 2002” (YOUSSEF, 2002, p. 38).

Estaria assim a juventude hoje contribuindo à sua maneira para a mudar a forma de participação política, seja nos partidos, nos sindicatos ou nas igrejas? “Há uma diversidade de massa crítica, uma diversidade de lugares de realização de política” (CASTRO, 2002, p. 85). Essa autora entende que na atualidade existe um novo cenário onde se dão as participações políticas:

A política deixou de ser coisa exclusiva de políticos profissionais, deixou de ser instância em separado da vida social. Hoje, a cultura política inclui micro política e política molecular; política de defesa do status quo e política como projeto de transformação social (CASTRO, 2002, p. 85).

Existem diferentes formas que as juventudes encontram para participar e ter uma ação coletiva: grupos culturais, ações voluntárias, entidades estudantis, ONGs, movimentos sociais, com diferentes bandeiras, mobilizações de contestação antiglobalização, redes de solidariedade ou campanhas libertárias, como aconteceu nas

“Diretas Já”, no “Fora Collor”, nos protestos em Genova, Seattle, nos acampamentos da Juventude nos Fóruns Sociais Mundiais.

Outra forma de participação política da juventude são as redes que têm se constituído como células para construção de vínculos entre os jovens em torno de um objetivo comum. A idéia da rede carrega a leveza de uma estrutura descentralizada e com maior liberdade de diálogo e de relações entre os participantes. Os jovens se sentem muito atraídos por essas redes e a Internet é o maior exemplo disso.

3.5. Os novos marcos legais para a política pública da juventude

O Brasil viu crescer nos anos 90 a discussão sobre políticas públicas de juventude. A busca de políticas de juventude se insere no momento em que as organizações têm reivindicado políticas inclusivas para juventude, mulheres, raça, Direitos Humanos, ecologia e meio ambiente. As políticas de juventude neste momento buscam avançar e ir além da centralidade no foco da violência ou de trabalho. O que se quer construir são políticas específicas e universais que possam atender às demandas do mundo juvenil.

É bom lembrar que a expressão "políticas públicas de juventude" ganhou força ao mesmo tempo em que se diagnosticavam as fragilidades da condição juvenil nos dias de hoje. Afinal, pelo mundo afora, são os jovens os mais atingidos tanto pelas transformações que tornam o mercado de trabalho restritivo e mutante, quanto pelas distintas formas de violência física e simbólica que caracterizam o século XXI. No Brasil, o debate veio a público na década de 90 quando pesquisadores, organismos internacionais, movimentos juvenis e gestores municipais e estaduais passaram a enfatizar a singularidade da experiência

social desta geração apontando para suas demandas, vulnerabilidades e potencialidades (NOVAES, 2005)⁸

Para Novaes, neste processo de conhecimento e reconhecimento da juventude brasileira, o ano de 2003 pode ser considerado um marco. Entre várias iniciativas da sociedade civil, além da UNESCO, das ONGs e das Universidades que já vinham produzindo sobre o tema, em 2003 destacou-se o Projeto Juventude, realizado pelo Instituto Cidadania e que produziu uma ampla pesquisa, promoveu interlocuções com movimentos juvenis, especialistas e organizações não governamentais e realizou seminários nacionais e internacionais. Ao mesmo tempo no poder Legislativo, a Comissão Especial de Políticas Públicas de Juventude se constituiu, fez audiências públicas por todo o Brasil, promoveu visitas e conheceu experiências internacionais. Tudo isso colaborou para uma proposta de Plano Nacional de Juventude.

Todas essas movimentações convergiam para a necessidade de criação de um espaço institucional específico para a Juventude, em que os jovens pudessem, não só ser presença, mas que suas vozes fossem escutadas e consideradas. O Brasil era um dos únicos países da América Latina que não havia ainda dado este passo em direção a seus jovens.

No dia 1º de fevereiro de 2005, vinculada à Secretaria Geral da Presidência, foi criada a Secretaria Nacional de Juventude. Neste âmbito, também foram criados o Programa Inclusão de Jovens (o Pró Jovem) e o Conselho Nacional da Juventude.

⁸- Contribuição de Regina Novaes, Presidente do Conselho Nacional de Juventude e Subsecretária Nacional de Juventude, no seminário "Evangelificação da Juventude", promovido pela CNBB em outubro de 2005.

Sabe-se que muito ainda há que se avançar na participação política da juventude. Há uma ausência de capacitação juvenil para propor políticas articuladas e transversais que atendam os diferentes sujeitos e a pluralidade da sociedade. É também um desafio para que, ao serem estabelecidos os programas de políticas públicas de juventude, os jovens façam o controle social dos mesmos.

4. OS JOVENS E A RELIGIÃO

Na pós-modernidade existe uma busca para preencher um vazio que passou a tomar conta das pessoas. No tempo do “ser” do “aparecer” todos querem ser aceitos, reconhecidos, incluídos. Em grande parte essa busca leva as pessoas até a religião. Quem melhor atender essa necessidade e oferecer o que as pessoas buscam terá maior sucesso.

A juventude de hoje nasceu na década de 70 e encontrou um mundo em mudanças: pós-Guerra Fria e pós-descoberta da ecologia significaram elementos novos. Os jovens sofrem a influência do desemprego, dos avanços tecnológicos, do pluralismo cultural e religioso (NOVAES, 2005, p. 266).

A oferta religiosa esta mais generalizada, vai além dos sacerdotes enquanto profissionais detentores do conhecimento e do sagrado. Há também a mensagem bíblica que é encontrada pelos jovens nos meios de comunicação. Como foi descrito no capítulo anterior os jovens estão diretamente orientados para uma religiosidade que busca se adequar à realidade pós-moderna e globalizada.

A pesquisa do Projeto Juventude, já citada no item anterior, revelou que dentre os 15 % dos jovens que participam de algum grupo, 04 % dizem que fazem parte de

grupos de jovens da igreja. Somente 1 % dos jovens se afirmaram ateus. Sendo o temor a Deus um dos valores mais apontados. 65 % se declararam católicos; 22 %, evangélicos; 15 %, pentecostais e 5 % disseram pertencer a outras igrejas (Testemunhas de Jeová, Mórmons, Legião da Boa Vontade, religiões afro-brasileiras e espíritas) 11 % se consideram sem religião e 10 % dizem acreditar em Deus sem pertencer a uma religião (NOVAES, 2005, p. 266).

Os jovens católicos, se comparados com os de outras religiões, são os que estão mais presentes nas cidades de pequeno porte, sinal da subsistência do catolicismo como tradição histórica⁹. Estão nas diferentes regiões do país, são majorias entre os mais pobres, sendo precedidos apenas pelos jovens evangélicos pentecostais onde 45 %, se declaram brancos; entre os católicos 40 %, se declaram pretos ou pardos; 5 %, indígenas e 4 %, amarelos (NOVAES, 2005, p. 266).

Nas respostas estimuladas, 17 % afirmam que fazem parte de grupo religioso e 19 % informou que já fizeram parte. 26 % disseram que gostariam de fazer parte. 39 % dos jovens expressaram que nunca fez parte e não gostariam de participar.

Mesmo com os dados apontados acima a igreja é a segunda instituição em que os jovens confiam totalmente, foi citada por 51 %, dos entrevistados, sendo que 39 %

⁹ - A religião tende a ser tradicional em uma localidade que se encontra integrada a uma sociedade também tradicional. O catolicismo tradicional rural brasileiro foi uma edificação dos valores e normas e que através destes legitima os papéis predominantes na sociedade. No catolicismo tradicional as lideranças religiosas (sacerdotes) são substituídos por zeladores/as sobretudo mulheres leigas e com característica carismática. Já a prática tem pouco conteúdo litúrgico e sacramental. Predomina a ênfase nas rezas coletivas, na piedade familiar e o culto aos padroeiros. O ideal religioso tem conteúdo moral, com dimensão mágica nas orações e dos santos com ênfase nas promessas para obtenção de favores (CAMARGO, 1971, p. 10). Para Camargo a coletividade católica é um dos sistemas mais importantes e confere uma função social para as estruturas da sociedade. Isso é possível, segundo ele pelo papel que o catolicismo ocupa na ordem social dominante (CAMARGO, 1971, p. 14). O catolicismo tradicional urbano, para este autor, não orienta efetivamente a conduta das pessoas e nem constitui-se no centro da vida destas. A religião tradicional fica relegada ao rito. As decisões fundamentais de existência são orientadas pelo mundo profanos característicos de uma sociedade competitiva e de uma ética leiga (CAMARGO, 1971, p. 10).

por cento disseram confiar até certo ponto e somente 08 % não confiam na igreja. Há que se verificar como a igreja, enquanto instituição, explora essa confiança e que proposta e retorno oferece aos jovens, considerando inclusive, que 18 % dos entrevistados, disseram que a atividade que mais gosta de fazer no tempo livre é ir à missa/igreja/culto. 51 % afirmaram que vão à missa, culto religioso, sessão espírita a cada 30 dias, contra 13 % que afirmam nunca participou de atividade religiosa.

Os jovens que participam das atividades religiosas apontam para uma falta de dinamização dos cultos, das missas, que acham esses eventos desinteressantes, demorados, desatualizados. Reclamam ainda da hipocrisia, das proibições dogmáticas, das cobranças, do autoritarismo, das cobranças de taxas por parte dos bispos, pastores e padres (SCHMIDT, 1996, p.106).

Por essas razões se percebe nas igrejas uma movimentação no sentido de se adequarem para oferecer espaços mais dinâmicos e aos jovens, utilizando-se de instrumentos musicais como baterias e guitarras, o que não se via nos encontros tradicionais. Os Evangélicos e o Movimento Carismático Católico são os que mais têm demonstrado “abertura” para a diversidade juvenil. Ouvem-se shows com danças e músicas de rock pop, gospel, hip hop, funk, Country e até mesmo sertanejo, tudo em contraste com os mantras dos mosteiros e os cantos reivindicatórios das CEBs. Os jovens têm respondido a essa dinamicidade.

Em sua maioria as igrejas passaram a oferecer propostas de espiritualidade que respondessem a essa procura. Oferece-se uma espiritualidade para a juventude que é tida como desligada e descomprometida com a realidade. Vivem e propõem uma espiritualidade horizontal do indivíduo e ao Deus no qual acredita. Assim, é crescente a

oferta de uma espiritualidade “light”, mais parecida com terapias psicológicas e harmonizantes.

Há também, por parte dos jovens, resistências à postura da igreja frente ao aborto, homossexualismo, métodos anticoncepcionais e a concepção de pecado. Ainda não se pode esquecer a existência daqueles que preferem uma igreja com postura conservadora (SCHMIDT, 1996, p.109).

Os jovens possuem três atitudes em relação religião: a primeira é a de que a religião é importante e algo interior, que cabe a cada um acreditar do seu modo; a segunda daqueles que acreditam e participam muito pouco, se limitando a participações eventuais e a terceira dos que acreditam e participam ativamente dos grupos da igreja. Estes últimos sentem que a religião dá sentido e influencia suas vidas, mas que isso não os impede de fazerem suas críticas (SCHMIDT, 1996, p.111).

Os jovens, quando se dedicam a uma prática religiosa, carregam consigo todo o imaginário da perspectiva de pertencer a um campo específico ou da emoção que possa lhe ser proporcionada. Criam uma maneira de pensar e de se colocar no mundo e acreditam que têm uma tarefa a ser cumprida, uma missão a ser realizada por causa do chamado a responder.

Assim como os adultos, os jovens buscam o espaço religioso motivados pela necessidade de viverem uma experiência sagrada, que os alimentem e lhes dê sentido à vida. É essa motivação, entre outras, que os levam a se organizarem em grupos. Eles têm nas lideranças religiosas uma referência de modelo a ser seguido.

É essa vivência grupal que os possibilita se alimentarem através dos mitos, dos ritos e de toda a simbologia que lhes permite se situarem na realidade, modificando seu

ethos e visão de mundo. A crença dos jovens nas utopias religiosas é o que lhes dá sentido de pertença a um grupo. É o que lhes permite seguir uma ritualidade no tempo e no espaço.

A vivência religiosa como expressão cultural tem ocupado um papel importante na vida dos adolescentes e jovens e está presente no cotidiano da sociedade. Ela é um elemento catalisador dos medos, perspectivas e aceitações e permanece como valor de busca vivencial entre os jovens.

Existe também o crescimento da religiosidade voltada mais para a religião da “Nova Era”, que se apresenta como uma religiosidade difusa, eclética e que bebe nas fontes das diferentes religiões e assim, não tem que se comprometer com nenhuma forma de religião específica. Ela tem respondido aos jovens preocupadas com saúde, desequilíbrio psíquico, ameaça à biosfera e outros. Mardones diz que esta religiosidade pode ser entendida como uma religiosidade adequada ao uniformismo funcionalista da tecnologia e do domínio do consumismo mercantilista. Esta religiosidade é uma saída para as necessidades religiosas do indivíduo do neoliberalismo e da globalização (MARDONES, 1998, p. 128)

A religião passa ser o manto protetor que devolve à juventude a segurança frente ao descontrole do mundo e das ameaças. Fundamenta-se nos recursos dos anjos, espíritos protetores dos antepassados, fenômenos paranormais, o inexplicável, as visões e as viagens astrais. A religiosidade se apresenta como um contrapeso ao mercado flutuante, à impotência do estado e aos traumas da modernidade (MARDONES, 1998, p. 128).

Segundo o autor, com relação a religião “a tendência desta geração parece ser a afirmação da “religião interior”, que dispensa celebrações e vivências comunitárias”

(SCHMIDT, 1996, p.112). Conclui-se que as igrejas na atual cultura, necessitam se adaptar e fazer mudanças internas para integrar os jovens, pois suas práticas tradicionais não cativam nem respondem à maioria.

4.1. A religião da emoção e dos interesses imediatos

A religião católica deixou de ser a religião hegemônica nas nossas sociedades. Hoje, muitos jovens se confessam cristãos, mas “à minha maneira”. “Deixem me tranqüilo; sou cristão como quero, quando quero. Tenho filhos, educo os filhos como eu quero”. Na raiz desta situação tão contrária à natureza do cristianismo está o fato de que a Igreja não se renova. Não se renova porque primeiro, está faltando nela o relevo geracional que origina as crises da transmissão da fé e segundo, porque não se renova na procura do contacto com os outros, com os diferentes.

Há muitos jovens que procuram uma religião centrada nas emoções e com pouco vínculo a valores institucionais, a uma estrutura de paróquia e à figura de autoridade. Há nestes jovens uma volta ao sagrado, mas um sagrado mais privado, *light*, menos exigente.

Há uma rejeição à religião institucionalizada, na qual os jovens não desejam se envolver com a igreja. Para Boran é uma geração que quer uma espiritualidade privatizada.

Supermercado, onde se vai tirando das prateleiras o que convém e combina com as suas próprias conveniências, é uma religião mais privatizada, sem preocupação pelas necessidades dos outros, não está na moda defender os pobres e grupos marginalizados (BORAN, 2005, p. 10).

É crescente, também, a religião neopentecostal, que exerce sobre a juventude uma atração ligada a experiências afetivas e pessoais. Nessa religião, qualquer pessoa pode ter acesso a falar em línguas, pregar e ter acesso direto a Deus, sem mediações. Nela, as pessoas se sentem seguras frente aos desafios da pós-modernidade (BORAN, 2005, p. 11).

Este autor afirma que na Igreja Católica o movimento da renovação carismática segue a mesma linha neopentecostal e têm forte influência sobre a juventude em razão de deixar espaço para as emoções, a imaginação e a fé. Para ele acontece uma absolutização das emoções, o que leva facilmente ao fundamentalismo, que reduz as teorias, as utopias e os valores universais, limita a base social e a formação da consciência crítica dos jovens sobre as estruturas injustas da sociedade (BORAN, 2005, p. 12).

Esse modelo de espiritualidade emocional e de grandes eventos é aceita pelas igrejas e reforçada como condição de sobreviver e de existir com maior número e sem a perda de fiéis. Nessa opção, a perspectiva de futuro está no interesse e nos resultados imediatos, de curto prazo, em detrimento do abandono e do não investimento em uma evangelização mais consistente e de acompanhamento da fé mais sistemática.

Além dessas questões os questionamentos que a juventude faz para as igrejas no mundo da secularização¹⁰, os levam a se perguntarem sobre a necessidade e eficácia da religião.

¹⁰ - A secularização é a perda de controle por partes das autoridades sobre a vida das pessoas e de seu modo de proceder. Para Berger é a libertação do homem moderno da tutela da religião (BERGER, 1971, p. 118).

5. BREVE CONCLUSÃO SOBRE O ROSTO ATUAL DA JUVENTUDE

Concluindo esse capítulo, será apresentada uma síntese sobre o rosto da juventude hoje, pontuando rapidamente alguns aspectos: unidade geracional, educação, violência e drogas, trabalho, padronização cultural, gênero e juventude.

A juventude é uma unidade geracional que cria, efeitos socializantes e permitem aos jovens terem contatos com seus semelhantes a partir de grupos concretos. São essas experiências concretas de vivência de uma mesma geração que prepara os jovens para desenvolver atitudes integradoras e possibilita novas concepções sociais.

Os jovens se organizam a partir da necessidade de resistência e cooperação. No contexto brasileiro podem-se perceber várias modalidades de socialização da juventude, tais como o movimento do hip hop, que criam toda uma forma de se comportar, vestir, falar. Há os grupos que se encontram a partir das torcidas organizadas, possuindo suas regras e códigos severos de atuação grupal e os grupos considerados tanto por jovens como por adultos como rebeldes: skaitistas, Punks, roqueiros.

A juventude enfrenta o desafio de buscar formas de se incluir no mundo pós-moderno. Hoje há uma ideologização de que o estudo é um dos instrumentos exigido pelo sistema a quem quer ter uma ascensão social.

Enio Pinto, gerente de Educação do Sebrae¹¹ diz que dos “8, 7 milhões de jovens que estão no ensino médio, apenas 2,7 milhões vão para o ensino superior”. Ou seja, somente 29% dos jovens brasileiros estão na série adequada da vida estudantil. Pesquisa feita pelo Sebrae revela que a educação figura em primeiro lugar como

¹¹ - Tele-conferencia realizada pelo Sebrae em agosto de 2003.

preocupação da juventude hoje: 38% deles disseram que ir à escola, fazer vestibular e ir à faculdade são questões fundamentais.

O Projeto Juventude revelou que existem hoje oito milhões de jovens no Brasil com baixa renda e escolaridade. Essas pessoas estão com cinco anos de atraso escolar em relação às suas idades e 12% dos jovens não frequentam a escola. O índice de analfabetismo é de 13,6% entre a faixa de 15 a 24 anos e somente 2% dos jovens brasileiros que chegam à universidade conseguem concluir seus cursos.

Nessa perspectiva pode-se perguntar qual será o horizonte profissional e os projetos de vida, dessas pessoas privadas do direito ao acesso e à permanência na escola e a universidade. Que poder de consumo terão estes jovens em uma sociedade globalizada que impõe o consumo como condição para ser e pertencer à sociedade? Como pensar uma educação que possibilite que os sujeitos possam vir a ser em um mercado em que faltam vagas?

A realidade tem sido marcada pelo empobrecimento global, e provoca um colapso no sistema produtivo e o declínio das instituições. Essas questões interferem diretamente sobre uma grande parcela juvenil, que têm que lidar com o desemprego, com a falta de recursos físicos e materiais que possibilitem sua inclusão social.

Como consequência desse contexto no mundo juvenil, mais jovens se envolvem com o consumo de drogas e com a violência, seja pela dificuldade de realizarem suas expectativas de vida (alimentada em grande parte por um estilo de vida imposto pelo mercado e motivada pela comunicação), seja pelo desencanto com a realidade.

A questão das drogas para a juventude está ligada a mitos e símbolos. Para Novaes, os jovens conhecem a perversa conexão do narcotráfico, não localizada e que funciona como rede no mundo todo. Não é possível falar em drogas sem falar de

lavagem de dinheiro. É muito difícil dizer onde se localiza os nos dessa questão. Não se trata apenas da Colômbia. Essa rede tem a ver com os jovens, com o constante surgimento de novos lugares de distribuição e o surgimento de novos mapas, chegando até ao campo (NOVAES, 2005, p. 3).

Para a autora, os jovens estão afetados pelo narcotráfico mas é pequena a quantidade de jovens que estão envolvidos tanto como no consumo quanto com o tráfico. O álcool é bem mais grave. O certo é que há discriminação pelo local de moradia, considerando a conexão do local com pobreza, armamento e narcotráfico. Essas visões fazem com os jovens das periferias sejam tidos como de comportamentos transgressores às regras e considerados por muitos como irresponsáveis e delinqüentes (NOVAES, 2005, p. 3).

Os meios de comunicação também contribuem para que a juventude seja vista assim, pois se preocupam em enfatizar o sensacionalismo, a exploração e o medo, os conflitos, impondo temor e insuflando as pessoas. A mídia opera com o senso comum e superdimensiona a sensação de insegurança.

A sociedade do conhecimento “está exigindo, cada vez mais, recursos humanos com alta especialização e capacidade de adaptação às novas tecnologias” (BAQUERO, 2004, p. 124). A juventude não tem sido preparada para responder a essa exigência. Dessa forma os jovens estão permanentemente na busca de um espaço capaz de representá-los e responder a suas demandas (BAQUERO, 2004, p. 125).

Em decorrência disso, é possível que a tendência seja a de que os jovens terão comprometido seu papel produtivo de cidadãos, uma vez que as instituições (família, Estado, religião e escola) produtoras de sentido: não têm conseguido realizar a tarefa de incluir as novas gerações.

Como decorrência da falta de oportunidade, em uma parte da juventude se observa o ceticismo, as desesperanças, o distanciamento e a desconfiança dos jovens em relação às instituições que não se comprometem com suas demandas (BAQUERO, 2004, p. 121).

Existe hoje uma falta de vagas e de mudanças nas relações de trabalho e, com a modernização, a tecnologia, a precarização do trabalho, a falta de vagas nos postos formais, o que leva a juventude a buscar alternativas para a sobrevivência. Muitas vezes, a solução encontrada é o mercado informal, podendo, em alguns casos, os jovens serem aliciados pelo narcotráfico, levando-os ao uso de drogas, a marginalidade, à formação de gangs, ao alcoolismo, migrações, êxodo rural, crime, violência, a exploração do trabalho infantil e ao trabalho escravo. Toda essa conjuntura leva os jovens à constante procura e à migração interna e externa.

Nesta procura, um item importante é o que se refere à experiência e capacidade. Segundo Pochmann, o jovem não pode se sentir culpado por não possuírem a experiência exigida. Os problemas que os jovens enfrentam na busca de trabalho não são de ordem individual. Não existe uma saída individual, porque não existe emprego para todos (POCHMANN, 1999).

O melhor seria retardar a entrada dos jovens no mercado de trabalho e investir mais na sua preparação, pois o destino dos jovens que não recebem esse investimento é o mercado informal, onde há mais ofertas de vagas para pessoas de baixa qualificação, em que não se tem estabilidade, em que não há registro em carteira assinada, sem direitos como o 13º salário e férias remuneradas, diminuindo suas possibilidades de ascensão.

Como consequência maior há na juventude hoje uma visão negativa do campo político, minando sua legitimidade e credibilidade, o que resultará em uma baixa qualidade democrática, o aumento da postura individualista, a defesa particular de seus interesses e pontos de vista.

Os impactos culturais das últimas décadas têm provocado interferências diretas, sobre os jovens, alterando seu modo de viver e ver as coisas. Há uma certa desconfiança na capacidade de rebeldia que tem se manifestado na juventude, pois suas músicas, danças, linguagens e códigos estão ainda muito carregados da mensagem consumista do mercado. Não há, na grande maioria dos jovens, uma atitude de resistência e de enfrentamento da atual imposição cultural mercadológica globalizada.

Os jovens da cultura pós-moderna sofrem algumas crises identificadas no panorama sócio cultural do capitalismo, que fomenta a busca do prazer egocêntrico e provoca nos jovens um individualismo que dificulta a tarefa de assumir relações mais maduras, e levando-os à busca de prazeres momentâneos.

Quanto ao Gênero¹² na atual conjuntura da sociedade, o papel da mulher já não é o mesmo do passado, pois a realidade tem pautado disputas iguais para homens e mulheres e as mulheres, jovens também se inserem e exigem mais dos papéis estabelecidos pelas tradições que estabelecem limites simbólicos construídos socialmente e que as diferenciam dos homens.

Ainda é forte o imaginário popular que representa a mulher como subordinada ao homem. Para Zilda Ribeiro, essa visão é reforçada desde a crença na criação da

¹² - A questão de gênero é trazida aqui não somente para identificação da categoria masculino e feminino mas também como um conceito que ajuda a entender como estão organizadas as relações e a maneira em que socialmente elas são construídas.

humanidade (RIBEIRO, 2004. p. 154). A questão da visão sobre as mulheres vem sendo construída na história de um peso hierárquico na questão sexual que para Jussara Reis Prá, impõe à “população juvenil códigos e princípios que configuram situações de desigualdade e de dominação” (PRÁ, 2004, p. 81).

A construção da identidade masculina ou feminina é alimentada no tempo e estabelece assim o que é ser homem e o que é ser mulher. A questão de gênero entre a juventude é relevante no que se refere à suas atitudes e comportamentos e é possível identificar como se estabelecem as redes sociais e políticas por entre os gêneros. A questão de gênero permite dimensionar como são atribuídos os pesos, os valores das atividades, as competências nos espaços públicos e privados e sua interação com a cultura, a política e a economia. Os jovens também acabam sendo envolvidos na tentação e na armadilha imposta pela sociedade, para reproduzirem as ideologias e práticas sobre as relações de gênero.

Prá afirma que a mulher também é vista somente como reprodutora e não ignorando que ambos (juventude e mulher) tem potencial social de intervenção. Esta autora afirma ainda que, por causa dessas questões, o “trabalho produtivo representa para as jovens a possibilidade de ingresso que se dá mediante a realização de tarefas de reprodução e cuidado” (PRÁ, 2004, p. 84). Assim a autora defende que ser jovem ou adolescente no feminino tem significado diverso de ser jovem ou adolescente no masculino. “A transição de jovens para a vida adulta estaria sempre pautada pela reprodução de desigualdades sociais expressas, de um lado, pela condição social das pessoas e, de outro, pela divisão sexual do trabalho” (PRÁ, 2004, p. 91).

Essas e outras questões levam a compreender os limites que podem estar por trás da pouca presença das mulheres na atual conjuntura e de suas identidades sociais

que vão sendo construídas em espaços bem demarcadas por um conjunto de elementos para a manutenção de todo um sistema através da vida cotidiana, de símbolos, costumes, tratamentos, crenças e argumentos.

Pode, enfim, se especular se os jovens e as jovens de hoje, com suas diferentes condições sociais, educacionais e de classes estão dispostas a reproduzirem esse sistema, acabando por delegar às mulheres jovens o papel de mães e esposas ou romperem com essa visão.

Nos capítulos seguintes serão abordadas as utopias e como estas interagem com a juventude e com a religião, em especial no estudo de caso das lideranças das Pastorais da Juventude que têm na proposta da “Civilização do Amor”, o seu horizonte utópico.

CAPITULO III

A “CIVILIZAÇÃO DO AMOR” - ENTRE UTOPIA E REALIZAÇÃO

1. A CONSTRUÇÃO DA UTOPIA

No primeiro capítulo deste trabalho foi visto que o fim da Cristandade levou ao surgimento da modernidade, que se apresentou como possibilidade de realização do indivíduo, da liberdade de escolhas e da emancipação, sobretudo do poder religioso e da possibilidade de acesso aos bens e serviços. Essas promessas possuíam uma infinidade de horizontes e que, por si só, ficavam inviabilizadas de serem realizadas. Viu-se também que a pós-modernidade trouxe a globalização, tendo como resultado novos desenvolvimentos e tecnologias, que possibilitaram uma ampliação do mercado e provocaram a perda das fronteiras, deixando o mundo como numa única “aldeia global”.

Falou-se ainda que a pós-modernidade estaria marcada pela crise da modernidade, pela não realização das promessas originais e pelo desencantamento e a falência das instituições produtoras de sentido, o que resultou numa profunda crise de

paradigmas da sociedade. Esse novo contexto trouxe consigo a idéia de que as utopias estavam fadadas ao fracasso.

A juventude é uma das categorias sociais que mais sofre influência dessas mudanças que vem ocorrendo no mundo. Essa conjuntura influi diretamente em seu jeito de se comportar, de socializar, construir sua identidade e participar da sociedade.

Frente à crise, as buscas de novos referenciais surgem para que o homem se sinta seguro e protegido das turbulências da vida cotidiana. Assim, as utopias são os novos nichos que alimentam e motivam as perspectivas de que a realidade possa vir a ser outra. São as utopias que fazem os jovens permanecerem unidos a grupos, instituições e na continuação de suas trajetórias de vida.

Este capítulo fará uma retomada da concepção de utopia, aprofundando, especialmente, a utopia da “Civilização do Amor” proposta aos jovens pela Igreja Católica, como uma das instituições que têm buscado garantir seu papel de ser produtora de sentido, adaptando-se a esse novo contexto. Ela ainda é uma das molas mestras que garantem, nas pessoas, a utopia.

Por essas e outras razões a utopia se constitui como elemento teórico neste projeto. Nos tópicos seguintes ela será abordada conceitualmente, a partir de suas raízes históricas e das diferentes concepções acerca da idéia de utopia para, em seguida, fazer uma relação com a situação da juventude e as utopias no mundo pós-moderno. Será analisado como a proposta da “Civilização do amor” surgiu e como os jovens entraram em contato com ela.

1.1. A ilha de Thomas Morus

Como ponto de partida para a conceituação de utopia, João Batista Libânio afirma que a idéia de utopia contém uma série de significações nos diversos aspectos: político, religioso e literário: “ora assume o papel de sonhos e quimeras, ora veste-se da seriedade das ciências sociais, ora colore-se de matizes teológicas” (LIBÂNIO, 1989. p. 7).

Um dos primeiros registros que se tem sobre utopia foi feito por Thomas Morus, na primeira metade do século XVI, na Inglaterra. Utopia para ele era a imaginação de uma ilha, com águas calmas e pacíficas que a partir da conquista, foi possível se transformar em um modelo de sociedade constituída por um “povo que ultrapassa ainda hoje a todos os outros em civilização” (MORUS, 1956, p. 79).

A ilha de Morus é descrita como um conjunto de cinqüenta e quatro cidades. Nestas cidades e campos existe todo um processo engenhoso para a produção e o cultivo da terra. Nelas seus habitantes, os utopianos, “convertem em pão os cereais; bebem o suco da uva, da maçã; bebem também água pura ou fervida com mel e alcaçuz, que possuem em abundancia” (MORUS, 1956, p. 80)

Todas essas cidades são semelhantes, têm toda uma organização urbana com ruas, praças, edifícios, transporte e vastos jardins. “Brilham de elegância e conforto” (MORUS, 1956, p. 82). Os seus habitantes aplicam o princípio do bem comum e aboliram a propriedade individual. Na utopia de Morus as instituições sociais têm a finalidade de promover as necessidades do consumo público e individual e de deixar “o maior tempo possível para libertar-se da servidão do corpo e cultivar livremente o espírito, desenvolvendo suas faculdades intelectuais, pelo espírito da ciência e das letras” (MORUS, 1956, p. 93). Morus traz ainda uma descrição quanto à forma de

legislar, de desenvolver a arte, a ocupação do tempo entre trabalho, lazer e descanso e conclui dizendo que aí está a felicidade.

Nesta sociedade o bem estar e a abundância fazem parte da vida e devem ser distribuídas entre todos. Nela a mediocridade e a miséria são monstros desconhecidos.

Na Utopia, onde tudo pertence a todos, não pode faltar nada a ninguém. Naquele país não se vêem nem pobres nem mendigos. Existe, na realidade, uma mais bela riqueza de viver alegre e tranqüilo, sem inquietação. A república utopiana garante essas vantagens aos que, inválidos hoje, outrora trabalharam tão bem quanto os cidadãos ativos aptos a trabalhar (MORUS, 1956, p. 166).

A utopia de Thomas Morus diz que a idéia de Utopia é fruto do desejo humanista como uma forma de reação à sociedade inglesa de seu tempo. Seu pensamento buscava fazer uma oposição entre a linguagem e o dinheiro.

Para Libânio a:

Utopia constitui uma espécie de arquipélago da imaginação política. Representa na obra de Th. Morus uma ilha, país ideal, onde habita o povo dos ‘utopianos’. Metáfora para a Inglaterra, essa ilha ideal e verdadeiro libelo de acusações dos abusos do tempo (LIBÂNIO, 1998, p. 18).

1.2. O que é utopia

Etimologicamente, Libanio apresenta duas maneiras de conceituar utopia:

O termo utopia permite uma **dupla composição**¹³ no referente às raízes etimológicas: utopia = **ouk + topos : não + lugar. = eu + topos : bom + lugar. A primeira composição: Utopia (ouk + topos) traduz a dimensão de irrealizabilidade, de não lugar, de caráter fantástico, ideal, irreal da utopia. É o desejado inalcançável, o lugar que não existe em nenhum lugar. É a presença ausente, a**

¹³ - Grifo do autor

*realidade irreal, o alhures nostálgico, a alteridade sem identificação, regido pela lógica do fantástico. A **segunda composição**: Utopia (eu + topos) quer traduzir, não tanto o aspecto de “ausência de lugar” como a anterior -, mas a **dimensão de fim (telos) da utopia**. Ela quer ser uma realidade boa, melhor (LIBÂNIO, 1989, p. 20).*

Ivone Raimer também retoma a semântica da palavra utopia como “termo grego topos e derivados, que significa lugar, espaço, e pela partícula de negação u, sendo que utopia, então, significa algo como o ‘não-lugar” (RAIMER, 2004, p. 113). Para a autora, trata-se de um horizonte que convida a uma direção e que, no entanto, a cada passo dado, se distancia da mesma.

No que diz respeito à utopia e à idéia de lugar, Libânio afirma:

É a aspiração de uma forma de convivência onde se implanta efetivamente uma ordem de vida verdadeiramente justa. Irrompe como germe coletivo de um mundo social plenamente humanizado por ser capaz de responder na plenitude possível aos sonhos e necessidades da vida humana. Representa uma sociedade radicalmente outra com relação à existente, caracterizada por uma capacidade de responder adequadamente às necessidades dos homens e satisfazer as suas aspirações fundamentais (LIBÂNIO, 1989, p. 26).

Mannheim diz que são utópicas as orientações que transcendem a realidade, e que buscam mudar as condutas, que abalam a ordem constituída (MANNHEIM, sd, p. 216). Segundo ele, as idéias de sonhos sempre existiram e somente se tornam utópicas quando buscam mudar a ordem existente. Ela fica sancionada a impossibilidade de ser realizada socialmente e podem assim afetar o *status quo*.

Santos defende que a utopia tem a ver com a busca radical de algo diferente da realidade em que se está:

A utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, por via da oposição da imaginação a necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem direito de desejar e porque merece a pena lutar (SANTOS, 2003, p. 323).

Para ele a utopia será sempre utópica, pois ela gera novas combinações e desejos além do que já existe. A “utopia recusa a subjetividade do conformismo e cria a vontade de lutar por alternativas. Trata-se de uma arqueologia virtual porque só interessa escavar sobre o que não foi feito” (SANTOS, 2003, p. 324). Seria uma orientação para escavar a utopia em meio aos silenciados e orientá-la para estes, para as experiências subalternas, na perspectiva das vítimas.

Dos oprimidos, dos que estão à margem e na fronteira, na periferia, para os que têm fome de fartura, para a miséria da opulência, para a tradição que deixou de existir, para inteligibilidade nunca compreendida, para as línguas e estilos de vida proibidos (SANTOS, 2003, p. 324).

1.3. Utopia e ordem social

Como já foi dito anteriormente a utopia interessa aqui para melhor compreender como as pessoas no seu cotidiano, se alimentam de novos sonhos, esperanças e possibilidade como maneira de reagir ao contexto pós-moderno, global e neoliberal. Os quatro autores trabalhados até aqui se assemelham quando ressaltam que utopia nasce do desejo inconformado da realidade.

Mannheim diz que a utopia tende a transcender a situação social, pois ao orientar as condutas, traz elementos que a realidade não contém. Assim é uma contra-realidade que visa transformar a realidade histórica. Desta forma um grupo que sonha vai sempre estar em confronto com outros grupos que mantêm a realidade e que

defendem que nada nela deve mudar. Os grupos de oposição aos que sonham sempre dirão que as idéias destes são utopias. É utópico tudo o que ultrapassar a ordem existente.

Esse enfrentamento da ordem existente leva a criar utopias e revoluções. “O caminho da história vai de uma topia, para outra utopia até a utopia seguinte” (MANNHEIM, sd. p. 221). Cada época permite surgir lutas novas por utopias, pois estas nascem da necessidade de cada tempo e que estes desejos do que não existe é o que apresenta limites da ordem existente, pois as utopias visam romper esses limites. Assim “é possível que as utopias de hoje venham a ser a realidade de amanhã” (MANNHEIM, sd. p. 227).

Acontece, segundo esse autor, que a utopia pode surgir como uma quimera de uma única pessoa e que depois passa a serem incorporados a objetivos de grupos políticos (MANNHEIM, sd, p. 230). Assim, as idéias do indivíduo carismático só podem se tornar coletivas quando estiverem em contato com problemas correntes importantes e estejam vinculados a objetivos coletivos.

2. UTOPIAS DOS JOVENS PÓS-MODERNOS EM TEMPO DE CRISE

Para Santo, a promessa da modernidade se fundou na qualidade das formas de vida para a pessoa, a ecologia, a paz, a solidariedade internacional, a igualdade sexual e a democratização política, a democratização radical da vida pessoal e coletiva. Uma das promessas era a emancipação desenhada pela modernidade.

2.1. A crise das utopias

Como resultado do não cumprimento das promessas da modernidade gerou-se uma crise de regulação social, igual à crise de emancipação social, dando assim a idéia de que as sociedades não têm que cumprir nada que esteja além delas (SANTOS, 2003, p. 35).

Pode-se notar os sinais dessa crise de utopias também nas questões da expansão extensiva do mercado, do consumo, da perda das fronteiras, do surgimento de novos costumes, de novas linguagens e ideologias; o desabrochar de novas identidades regionais e locais.

A crise da modernidade marca a separação daquilo que estivera tanto tempo unida, o homem e o universo, as palavras e as coisas, o desejo e a técnica. De nada vale voltar atrás, em busca de um princípio de unidade absoluta (TOURAINÉ, 1995, p. 244).

O contexto em que vive a juventude é marcado pela crise de paradigma da atual sociedade. Isso tem influência sobre os jovens, fazendo com que se sintam inseguros e fragmentados, dificultando sua inserção no mundo adulto com os compromissos que lhes são apresentados. As ideologias atuais abrem caminhos e buscas que envolvem uma carga de irresponsabilidade, de ceticismo, de libertinagem e de hedonismo (PARKER, 1996, p. 344).

Mas há também aspectos positivos neste novo contexto pois a juventude de hoje encontra a oportunidade de expandirem sua visão do mundo, aumenta suas possibilidades de encontro com a diversidade cultural da humanidade e também e estabelecerem redes de trocas para novas formas de relacionarem.

A idéia de progresso tem se transformado em acumulação de capital, em que a natureza é condição de produção.

O homem moderno está em crise, porque está em crise a relação consigo mesmo e com o seu ecossistema. O homem está se cindindo e rompendo sua harmonia original. Desmoronou-se todo um universo de valores e de categorias que sustentou toda uma era de sonhos prometeicos, base das utopias conservadoras, liberais, desenvolvimentistas e também dos socialismos histórico. Presenciamos o desmoronamento do quadro de compreensão ordenado e coerente do cosmo e da história como um curso ascendente, progressivo e unilinear (PARKER, 1996, p. 344).

2.2. As promessas da pós-modernidade aos jovens

Várias são as promessas da pós-modernidade aos jovens. Oferece-se um leque de possibilidades para que a juventude possa, em meio a abundância, construir seus desejos, sonhos e utopias.

A sociedade hoje está orientada para utopias e sonhos que têm em suas propostas a promessa de realização da pessoa. Pessoas individuais, livres, responsáveis por sua realização. É uma utopia que convida a juventude a se comprometer com os ideais de independência, autonomia, realização, conquista e capacidade.

Cada jovem é chamado a desempenhar papéis nos quais ele possa consumir e assumir os valores que lhes são apresentados. A sociedade “empurra o indivíduo ou grupo em busca da sua liberdade através de lutas infundáveis contra a ordem estabelecida e os determinismos sociais. Porque o indivíduo só é sujeito pelo domínio de suas obras, que a ele resistem” (TOURAINÉ, p.222).

Promete-se à juventude a possibilidade de acesso a novos territórios simbólicos e imaginários entre o real e o hiper-real. Oferece-se a oportunidade de constante mobilidade e transnacionalização através do turismo, do consumo, dos meios de comunicação.

Este novo contexto cultural oferece à juventude um mundo que se baseia na especialização progressiva do conhecimento. A pós-modernidade propõe que a pessoa seja capaz de se relacionar com os novos meios de comunicação em redes de organizações nacionais e internacionais. O novo modelo sugere os jovens consumam e dominem as novas tecnologias.

Oferece à juventude e às pessoas em geral novas tecnologias científicas que possibilitam diversas técnicas que prometem uma vida mais longa, fácil e confortável, como a revolução cibernética, que tem influência nas questões da biomedicina e que oferece infinitas possibilidades para a vida humana.

2.3. Conseqüência das promessas utópicas pós-modernas sobre a vida dos jovens

Como conseqüência, cresce no meio dos jovens um egocentrismo que se preocupa somente com sua pessoa e com o momento presente. Para os que não conseguirão se inserir neste contexto e realizar as promessas da utopia pós-moderna resta o sentimento de inutilidade, fracasso e inexistência.

Outra conseqüência é que a promessa de realização aqui e agora leva a uma crescente deslegitimação das lutas, ao aumento da diversidade conflitiva, o não acreditar na capacidade de lutar para mudar frente a questões como a explosão

demográfica, a globalização econômica que separa e diferencia cada vez mais o centro, a semiperiferia e a periferia global.

Há que se analisar que muitas das utopias oferecidas à juventude têm uma temporalidade descartável, de interesses classistas, que nem sempre estão orientadas para o bem comum. Como já foi visto no segundo capítulo o mercado oferece uma utopia que mais que liberdade e sonho, gera uma ditadura do consumo e uma exclusão de quem não tem capacidade e acesso ao desejado. A sociedade contemporânea, chamada de sociedade do conhecimento e da comunicação, está criando, contraditoriamente, cada vez mais incomunicação e solidão entre as pessoas.

Mesmo em meio a todas as promessas utópicas da pós-modernidade para a juventude, não se pode esquecer que na história recente o movimento juvenil dos anos de 1960 revelou a utopia da contracultura, que se inseriu na luta por direitos civis das minorias. Para muitos essa década pertenceu aos jovens, quando eles foram os atores.

Hoje se fala que os jovens reinventam essa realidade, questionam o modo de vida e geram espaços de identificação. Os jovens articulam suas demandas específicas de trabalho, sexualidade e moradia com aquelas que lhes afetam de maneira fundamental: o lazer, a saúde, a segurança, a educação e cultura. Eles modificam os espaços de seu mundo social, subjetivo e da vida cotidiana e fazem de suas modas juvenis estilos e expressões de seus sonhos e utopias de lugar no mundo. Os movimentos juvenis que estão organizados e reconhecidos atraíram outros jovens de meios sociais extremamente distintos e têm, juntos, procurado criar redes de relações.

Associa-se para o compromisso e com a possibilidade de prefigurar um estilo de vida diferente e buscar sua concretização. Neste sentido, as utopias são inerentes à vida humana. A utopia não morreu, como asseguram os pós-

modernistas, vivemos um processo de reconstrução de utopias (ARCE, sd, p. 201).

Arce afirma que a idéia de futuro encontra-se intimamente ligada á imagem de utopia e, assim, é possível o aparecimento de projetos alternativos para construir novas formas de vida. Para ele a idéia de utopia se associa ao compromisso de construir um estilo de vida diferente.

3. UTOPIAS RELIGIOSAS PARA A JUVENTUDE

Este tópico traz uma breve retomada histórica da presença dos jovens na Igreja Católica e apresenta “Civilização do Amor” proposta pelo Papa Paulo VI e como esta foi assumida pelos bispos da América Latina para a juventude.

3.1. História dos jovens na Igreja Católica

A Igreja Católica no Brasil desde sempre atuou com a juventude. Essa atuação se deu no século passado através das escolas mantidas pelas congregações que tinham como opção o trabalho com a juventude.

A atuação dessas escolas valorizava, sobretudo, os chamados Movimentos “Marianos”, que tiveram grande repercussão junto à juventude até o Concílio Vaticano II. Esses movimentos eram marcados pela presença de adultos que davam à direção uma característica de assistência e missão popular e que, mais tarde, resultou, numa dimensão de promoção social.

Por volta de 1930 e 1940 surgiu na América Latina a Ação Católica Geral vinda da Itália e que muito influenciou a juventude católica. A Ação Católica dava prioridade à

militância dos leigos, formando-os para uma participação nos ambientes para a “promoção dos direitos da igreja na vida da sociedade” (CELAM, 1997, p. 71).

Fruto dessa experiência foi a Ação Católica Especializada, chamada conforme o ambiente: Juventude Agrária Católica – JAC, Juventude Estudantil Católica – JEC, Juventude Independente Católica – JIC, – Juventude Operária Católica – JOC e Juventude Universitária Católica – JUC. A Ação Católica Especializada foi possível por causa de uma pequena parte da igreja que sentia a necessidade de mudanças e novos posicionamentos dos religiosos diante das desigualdades sociais do país.

A Ação Católica Especializada foi uma tomada de posição dos cristãos diante das questões da realidade social e cultural, com uma nova pedagogia centrada no testemunho e na metodologia indutiva do ver-julgar e agir, com objetivo de promoção dos ambientes de atuação para a transformação social.

Angela Paiva afirma que a Ação Católica

Foi fundamental para novas propostas de participação cidadã, especialmente porque vai propiciar que grupos excluídos da sociedade passem a contar com novas condições, tanto em termos de recursos quanto de valores para uma nova leitura do que é ser cristão; quando ser cristão passa a ter como fundamento a participação radical na transformação das estruturas sociais que oprimem e limitam (PAIVA, 2003, p. 13).

Para a autora, a Ação Católica vai promover novos atores na religião, com novas formas de pensar a ação social.

Assim sendo, essa esfera adquire uma dimensão inteiramente nova e de grande significação para a construção da cidadania plena, quando valores religiosos fornecem um novo sentido para a vivência religiosa. E essa prática pode levar à ampliação da visão de mundo necessária para a maior inserção do

cristão/cidadão no contexto mais amplo (PAIVA, 2003, p. 13).

Segundo Paiva, a Ação Católica foi um momento de mudança profunda no ethos religioso, pois propôs uma nova leitura do que é ser cristão, por isso foram chamados de católicos radicais ou de esquerda. Ela afirma que a Ação Católica foi capaz de utilizar-se da própria estrutura religiosa para o engajamento na esfera social (PAIVA, 2003, p. 165).

Com o fim da Ação Católica Especializada, nos anos 1970, surgem os chamados Movimentos de Encontros que têm como metodologia o impacto emocional. São esses movimentos que vão preparar o terreno para o surgimento da Pastoral de Juventude nos anos de 1980. Essa pastoral vai surgir da necessidade de organização dos jovens em diferentes níveis: paroquial, diocesano, regional e nacional.

Em meio a esse tempo a Igreja Católica “Universal” passa pelo fato inovador que foi o Concílio Vaticano II, que trouxe uma nova revisão do papel da igreja na história, com o objetivo de uma aproximação com os leigos, através de uma nova liturgia e adaptação às linguagens nacionais. A conferência dava também, um novo destaque à inserção dos católicos no mundo, ao encontro da igreja com a sociedade e com o desejo de empenhar-se para a transformação das estruturas que promoviam a injustiça (PAIVA, 2003, p. 173).

Na América Latina a repercussão do Vaticano II foi visível nas conferências de Medellín (1968) e Puebla e (1979). Essas conferências destacam como prioridades a opção pelos pobres e pela juventude. As opções pelos pobres e pela juventude tiveram como pano de fundo uma disputa entre, de um lado, os bispos da chamada Teologia da Libertação, que percebiam a necessidade de uma maior inserção da igreja na realidade

sofrida da América Latina e, de outro os bispos da linha mais conservadora que optaram pela juventude.

Tanto o Vaticano II como as conferências de Puebla e Medellín sofreram influência da Teologia da Libertação. Essa teologia foi um conjunto de reflexões sobre as experiências de leitura da bíblia em meio ao processo de injustiça sofrida por homens e mulheres da América Latina. Ela só foi possível por causa do desejo de uma teologia que surgisse da experiência e do compromisso libertador dessa realidade.

A Teologia da Libertação propunha a mudança radical, a libertação do homem e a construção de uma sociedade justa e fraterna, na qual todos possam viver com dignidade e ser agentes de seu próprio destino. É uma teologia crítica sobre a presença do homem na história (GUTIERREZ, 1986, p. 10).

Só teremos uma autêntica teologia da libertação quando os próprios oprimidos puderem alçar livremente a voz e exprimir-se direta e criadoramente na sociedade e no seio do povo de Deus. Quando eles próprios 'se derem conta da esperança' de que são portadores. Quando forem agentes de sua própria libertação (GUTIERREZ, 1986, p. 250).

O autor defende que a teologia da libertação prega o compromisso com a realidade como condição para acabar com a injustiça e construir a sociedade nova. É a libertação de toda opressão, exploração e que o homem novo passa por essa luta. Tudo isso levou a Igreja Católica e dar uma importância às pequenas comunidades eclesiais e à necessidade de somar forças pastorais numa Pastoral de Conjunto.

Em 1968, a II Conferencia Geral do Episcopado Latino-Americana, reunida em Medellín, estimulada pela importância que o papa Paulo VI deu à juventude quando afirmou, em seu discurso inaugural, que era um tema 'digno do máximo interesse e de grandíssima atualidade', dedicou seu documento nº 5 à juventude.

Foi a primeira vez que se produziu, no continente, um documento oficial da Igreja sobre o tema. Medellín foi, assim, a força geradora e renovadora do processo de pastoral da juventude (CELAM, 1997, p. 81).

Da mesma II Conferência sairia a decisão de propor, como meta e desafio para a juventude latino-americana, a construção da “Civilização do Amor” (CELAM, 1997, p. 82), tema e objeto dessa pesquisa.

Essa opção levou a Igreja a organizar a Pastoral da Juventude em todas as Conferências na América Latina. Na década de 1980 e 1990 o Conselho Episcopal Latino Americano, através da seção Juventude, passou a orientar a missão e a animação da evangelização da juventude no continente. Iniciou uma série de encontros de responsáveis nacionais pela Pastoral da Juventude.

Os encontros de responsáveis nacionais de pastoral da juventude se tornaram se espaços privilegiados para a construção de um corpo de atuação da igreja com a juventude. As reflexões constantes dos encontros resultaram na construção de uma proposta global de pastoral da juventude:

Construtora da “Civilização do Amor”, uma pedagogia para acompanhar os processos de formação humana e cristã dos jovens; uma metodologia adequada para o trabalho de grupo; uma espiritualidade para o seguimento de Jesus e uma organização participativa (CELAM, 1997, p. 13)

3.2. Paulo VI e a “Civilização do Amor”

Na busca sobre a origem, a definição e as características da utopia da “Civilização do Amor”, é necessário voltar ao ano de 1975. O termo “Civilização do Amor” tem sua origem na homilia do Papa Paulo VI, no dia 25 de dezembro de 1975, no

discurso conclusivo do Ano Santo e no 10º aniversário do Concílio Ecumênico Vaticano II. A homilia foi proferida na missa da meia noite de Natal, e foi vista por mais de 330 milhões de pessoas em 41 países, nos cinco continentes (ENSINAMENTOS, 1975, p. 485).

A seguir uma síntese dos discursos de Paulo VI sobre a “Civilização do Amor”:

Primeiro discurso

O texto da homilia do papa Paulo VI diz que o rito de abertura da Porta do Ano Santo se faz com a invocação da misericórdia sobre a Igreja e o mundo. Para ele novas utopias são necessárias para os homens daquele século que ele classificou como “esplêndido, babélico, trepidante e corajoso, que está a procura da revivência e a reconciliação harmoniosa com o Deus da justiça e da bondade” (ENSINAMENTOS, 1975, p. 486).

O discurso faz menção ao êxito da religião em restabelecer a vida na modernidade histórica, atual e civil. Esteja ela em estado de ceticismo, negação ou indiferença. Percebe-se se que a igreja quer reencantar o mundo a partir de uma proposta religiosa como condição de mudar a realidade, mas para isso ela apresenta a perspectiva da cristianização do mundo.

Para Paulo VI, o Ano Santo é sinal dos tempos e que o amor ao próximo e aos homens surge das necessidades, da compreensão, da ajuda, do conforto e do sacrifício à pessoa seja ela próxima ou distante. O discurso segue dizendo que o amor fraterno caracteriza as obras cristãs e que irá manifestar uma nova fecundidade, vitoriosa felicidade e regenerante socialidade. “Sua dialética não será o ódio, nem contendas, nem avareza, mas, sim, o amor, o amor que gera amor, amor do homem pelo homem”

(ENSINAMENTOS, 1975, p. 488).

Antes de concluir o discurso, o papa apresenta a proposta da “Civilização do Amor”, **como condição de amor a Cristo descoberto no sofrimento e na necessidade de todo homem**. “A ‘Civilização do Amor’ prevalecerá sobre o afã das implacáveis lutas sociais, e dará ao mundo a sonhada transfiguração da humanidade finalmente cristã” (ENSINAMENTOS, 1975, p. 488).

Paulo VI volta ao tema da “Civilização do Amor” em outros discursos e estes possibilitam entender onde ele quer chegar com a proposta desta utopia e apresenta também as características definidoras da “Civilização do Amor”.

Segundo discurso

Em 14 de janeiro de 1976 Paulo VI fala da “Civilização do Amor” num texto sobre alegria e cruz.

*Nós veremos geminar destas, outras palavras, outras **fórmulas fecundas**¹⁴, que teremos gosto em cultivar e em fazer com que informem o **estilo** e o **programa da nossa renovação cristã**. A **busca e a escolha** de alguma **fórmula simples e sintética** está no gênio do nosso tempo. Uma fórmula já foi por nós alcançada fugazmente, quando nos propusemos buscar na “Civilização do Amor” o fruto religioso, moral e civil do Ano Santo (ENSINAMENTOS, 1976, p. 5).*

É possível identificar no discurso acima algumas expressões e características que o Papa desejava ao apresentar a “Civilização do Amor” e nota-se os termos “geminar”, “fórmulas”, “estilo”, dando a idéia de algo que ainda está para ser construído que dependerá de um programa, de busca e escolha.

¹⁴ - Grifos meus

Nesse segundo discurso, Paulo VI se inspira em Santo Agostinho sobre a Cidade de Deus, alertando para que não seja construída a “cidade terrena contrária ao amor de Deus, o único que pode ser fundamento da ‘cidade’ celeste, a cidade também única a poder, no nosso pensamento, realizar a civilização do amor” (ENSINAMENTOS, 1976, p. 5).

O discurso da utopia da “Civilização do Amor” é concluído trazendo a idéia de que o Reino de Deus começa na terra e que não se encontra em um estado definitivo e, por isso, deve-se pedir que ele venha. Este desejo está no campo da fé, da esperança, e que seja experimentável no amor.

Ainda neste discurso o Papa afirma que a “Civilização do Amor” é uma das fórmulas para se chegar ao Reino de Deus, uma novidade trazida por Jesus Cristo. Ensina Paulo VI que o primeiro a falar no Reino de Deus foi João Batista o que depois se torna a centralidade da pregação de Jesus:

É necessário que esta doutrina do Reino de Deus seja por nós adquirida com plenitude de adesão, prontos a gozarmos da alegria que lhe é própria... Fazemos dela argumento do nosso diálogo com o mundo profano que nos rodeia. Venha sim o Vosso Reino, ó Cristo; o Vosso Reino, o Deus; deveremos dizer sempre, quando pensamos agimos e rezamos (ENSINAMENTOS, 1976, p. 7).

Terceiro discurso

No terceiro discurso Paulo VI afirma que a “Civilização do Amor” é um feixe luminoso que se expande em um mundo de sombras e de resplendores confusos. Para ele, essa idéia é um título pleno de significado e programas.

Sim desejaríamos que a crônica dos dias que se seguem ao Ano Santo, bem como dos anos futuros, se caracterizassem por esta fulgurante e animadora

corrente do amor evangélico, redescoberto e reacendido pela renovação e pela reconciliação (ENSINAMENTOS, 1976, p. 8).

Segue o texto dizendo que as condições morais, sociais e políticas em que o homem vive no mundo acabam se contradizendo, pois a terra encontra-se cheia de problemas, agitações e conflitos o que torna ingênuo o desejo e a esperança da “Civilização do Amor”. O Papa propõe então a reafirmação da vontade de fazer do amor social, da caridade e do compromisso prioritário uma luta de encontro e persistência. Para ele esse amor não é uma solução automática frente ao progresso apresentado pela humanidade.

A “Civilização do Amor” tende para a paz, para a fraternidade. Trata-se precisamente de uma paz dinâmica e corajosa como é a paz animada pela caridade. Se compreendemos isso, podemos compreender também o caráter da civilização que deseriámos surgir do amor; uma civilização que, precisamente por ter a sua origem experiência no amor à humanidade e por se propor levá-la a gozar a feliz experiência do amor, deverá dedicar-se à busca dos autênticos e plena dos valores da vida (ENSINAMENTOS, 1976, p. 9).

Quarto discurso

O quarto discurso proferido em 08 de janeiro de 1976, aparece novamente a utopia da “Civilização do Amor”,

Quer dizer, fazemo-nos pensar num primeiro aspecto daquela desejada renovação a que nós chamamos “civilização do amor”, e que outra coisa não é senão o ágape, o amor, a caridade, primeira animadora da nossa maneira de viver (ENSINAMENTOS, 1976, p. 13).

3.3. A “Civilização do Amor” na Igreja Católica da América Latina

Na Conferência Episcopal de Medellín, Paulo VI referia-se à juventude como um tema atual e digno de grande interesse, sendo ela considerada como uma grande força nova de pressão e como um novo organismo social com valores próprios. Isso se deu com a preocupação da igreja de que a juventude estava em uma época de crises, e que segundo ela, uns aceitavam as formas burguesas da sociedade e outros as rejeitavam (DICK, 2005, P. 01).

Essa tornou-se uma preocupação legítima para bispos, porque a juventude desejava transformações profundas, que garantissem uma sociedade justa. A igreja viu nos jovens sensibilidade aos valores novos. Para Dick a igreja percebeu que a juventude era uma possibilidade de renovação da vida da humanidade, tendo nela um sinal de si mesma e a convida a uma revitalização, mantendo a fé na vida e conservando sua faculdade de alegrar-se com o que começa. O documento de Medellín diz que a juventude é o símbolo da Igreja e que por isso deseja auscultar atentamente as preocupações dos jovens para ter uma atitude diálogo e reconhecimento do seu papel na missão profética. Por isso a igreja quer desenvolver, dentro da pastoral de conjunto, uma autêntica pastoral de juventude, educando os jovens a partir de suas vidas, permitindo-lhes plena participação na comunidade eclesial (DICK, 2005, P. 01).

A quarta conferência vai então fazer a opção concreta pela juventude junto com a opção pelos pobres. Em Puebla “propuseram aos jovens da América Latina um projeto de vida que tem implicações nos planos pessoal, familiar, comunitário, social e eclesial: construir a “Civilização do Amor” (CELAM, 1997, p. 147).

Com essas definições sobre a origem e as características da “Civilização do Amor”, o tópico seguinte vai trazer como essa proposta foi incorporada pela Igreja da

América Latina e proposta à Pastoral da Juventude.

3.4. A “Civilização do Amor”: uma proposta para o hoje

Puebla afirma que a igreja dirige insistente convite para que os próprios jovens busquem encontrar na “Civilização do Amor” o lugar de sua comunhão com Deus e com os homens, a fim de continuarem a utopia e edificarem a paz na justiça.

A “Civilização do Amor” é um conceito referencial da organização da Pastoral da Juventude da América Latina, que desde o início da década de 1980, vem sendo sonhada, trabalhada e buscada pelas lideranças que compõem esta pastoral em todo o continente. Assim o projeto de “Civilização do Amor” foi sendo gestado e vivenciado pelos jovens em suas experiências comunitárias, através de uma proposta pedagógica que foi sendo ao mesmo tempo sistematizada e tornou-se um documento publicado pela primeira vez em 1987, como resultado de uma série de recopilações e sistematizações, com a colaboração de várias pessoas. Em 1994 uma comissão foi formada por pessoas leigas e sacerdotes¹⁵ com representatividade de toda América Latina, que tratou de dar uma nova redação ao documento sendo em 1995 publicado a sua última versão como: “Civilização do Amor: Tarefa e Esperança – Orientações para a pastoral da juventude Latino-Americana”. Com o objetivo maior de:

Contribuir para tornar mais efetiva a opção preferencial pelos jovens e, especialmente, para apresentar uma proposta evangelizadora séria, capaz de responder às exigências das mudanças culturais do mundo de hoje, entusiasmar os jovens no seguimento de Jesus e tornar real a tão desejada civilização do amor (CELAM, 1997, p. 13).

¹⁵- Daniel Bazzano, (Uruguai) Juan Ramon Córdoba (El Salvador), Hilário Dick (Brasil) Derry Healy (Chile), Alejandro Londono (Colômbia), Germán Medina (Republica Dominicana), Felicio Rodrigues (Porto Rico), Horácio G. Penengo.

O documento da “Civilização do Amor” ganhou repercussão para a Pastoral da Juventude da América, quando o Papa João Paulo II passou a ter a juventude como um dos seus destaques. João Paulo II por diversas vezes escreveu aos jovens e lhes dedicou apoio em seus encontros continentais e nas jornadas mundiais da juventude.

No documento “**Civilização do Amor: tarefa e esperança**”, em seu marco doutrinal que afirma a “Civilização do Amor” foi apresentada pela Igreja aos jovens católicos como um chamado de Deus Pai para que, junto com Jesus, a juventude fosse testemunha de compromisso, entrega, profetas dessa civilização no continente. Sendo essa uma resposta aos questionamentos existenciais dos jovens, para uma plenitude de vida e comunidade.

Para a Pastoral da Juventude essa utopia é um “conjunto de características e valores próprios da cultura de um povo, diante do mundo em ‘crise de civilização” (CELAM, 1997, p. 148). As Pastorais da Juventude afirmam que, frente à crise de civilização atual do mundo, os valores e anti-valores tradicionais estão se perdendo e surgindo novos valores e anti-valores. A “Civilização do Amor” se apresenta como uma proposta “fundada sobre valores universais de paz, solidariedade, justiça e liberdade, que encontram em Cristo sua plena realização” (CELAM, 1997, p. 148).

A “Civilização do Amor” está descrita como “aquele conjunto de condições morais, civis e econômicas que permite à vida humana uma condição melhor de existência, uma racionalidade plena, um feliz destino eterno” (CELAM, 1997, p. 148). Essa civilização deveria crescer na América Latina entre os pobres e os que sofrem. Trata-se da dignidade, libertação e pleno desenvolvimento da pessoa, da nova cultura de vida e a solidariedade, verdade, justiça e libertação plena do amor. “A Civilização do

Amor é um chamado a reconhecer que o Reino de Deus cresce na América Latina entre os que sofrem” (CELAM, 1997, p. 149).

A Civilização do Amor é descrita como serviço à vida, opção incondicional pelo amor, capaz de gerar uma nova cultura de vida, em que estão valorizados cada homem e mulher. Nesta civilização supõe-se acreditar no estilo de vida apresentado por Jesus, com seus critérios e valores e que, desse pensamento é possível originar profundas mudanças nas consciências, que farão surgir novas estruturas sociais, mais justas.

Defende ainda que é um esforço dos cristãos não só no âmbito pessoal mas também no social, sendo uma alternativa que proporciona aos jovens uma outra cultura. É um compromisso criador para novos modos de encarnar o amor.

O documento do CELAM diz que não se trata de uma ideologia, nem sistema técnico e que não é papel exclusivo da igreja. Essa é uma tarefa de toda sociedade e os cristãos contribuem com suas visões, propostas e valores.

É uma entrega e serviço. É critério inspirador e realização no tempo. É a luta para que as normas do direito, as leis que estruturam a convivência, a ação política, as relações trabalhistas e sociais, os projetos de cada país, as culturas, os modos de ser, as novas sensibilidades, reflitam cada vez mais a escala de valores que ela propõe (CELAM, 1997, p. 150).

A “Civilização do Amor” é descrita como uma proposta total. Segundo os autores, é um projeto de vida com conseqüência na vida familiar, nas relações, na fé, na comunidade eclesial, no compromisso político e no trabalho, lazer, ciência, arte e cultura. É um compromisso que exige esforço organizado e que significa sinais de vida, unidade, ternura, esperança e paz. Os jovens têm a abundância deste espírito, com sua audácia, dinamismo, espontaneidade, amizade, espírito de luta, solidariedade, alegria e

criatividade (CELAM, 1997, p. 151).

Defende o documento que é por isso que a idéia da “Civilização do Amor” é uma utopia, pois se trata de transformar pelo amor, ideal atraente, grandioso e fascinante.

É uma utopia pela qual vale a pena arriscar-se e entregar a vida. É um ideal, contudo, que vai se concretizando e se historicizando nos pequenos e grandes compromissos de cada dia que anunciam e fazem acreditar na possibilidade de sua plena realização. A civilização do amor é tarefa e esperança. Não se trata de um sonho adiável para o futuro, nem de um desafio que se pode realizar num só dia ou numa só geração (CELAM, 1997, p. 152).

Por isso a Pastoral da Juventude defende que a “Civilização do Amor” é a reafirmação de dez valores básicos como: sim à vida; sim ao amor como vocação humana; sim a solidariedade; sim à liberdade; sim à verdade e ao diálogo; sim à participação; sim ao esforço permanente pela paz; sim ao respeito pelas culturas; sim à integração latino-americana.

E que assim essa civilização terá que dizer não: ao individualismo, à absolutização do prazer, ao consumismo, à intolerância, à injustiça, à discriminação e à marginalização, à corrupção, à violência. Afirma os autores que a “Civilização do Amor” possuem os seguintes primados: primado pela vida humana sobre qualquer outro valor ou interesse; primado da pessoa sobre as coisas; primado da ética sobre a técnica; primado do testemunho e da experiência sobre as palavras e as doutrinas; primado do serviço sobre o poder; primado de uma economia solidária sobre a produção de riqueza; primado do trabalho sobre o capital; primado da identidade cultural latino-americana sobre outras influencias culturais hegemônicas; primado da fé e da

transcendência sobre toda tentativa de absolutizar o ser humano.

A utopia da “Civilização do Amor” está composta de uma série de reflexões e imagens que formam o seu imaginário. Sua proposta traz considerações, expressões sociais, capacidade de revitalização, conteúdos, pulsões, emoções coletivas. Assim o imaginário dessa utopia visa forjar sentidos, identidades, desejos e os sonhos que orientariam os jovens frente às representações da sociedade que eles querem tecer.

Conforme apresenta Swain o imaginário dessa utopia tem atravessado diferentes linguagens, visa atuar na formação religiosa dos jovens da igreja católica e modelar todo o conjunto das relações destes. É uma utopia que tem poder nos bens simbólicos (SWAIN, s/d p.51).

Todo poder engendra formas de resistência, e um contra-imaginário está sempre presente, tomando para si muitas modalidades do imaginário transformador, aquele que cria dispositivos simbólicos outros, para assegurar a legitimidade de novas relações de poder. O imaginário instaura relações de sentido, paradigmas que se apresentam como verdades (SWAIN, sd, p. 51).

Nesta perspectiva as idéias imaginárias da utopia “Civilização do Amor” estaria para a criação de novos sentidos, que permitam um deslocamento para a implantação de novas práticas ou reforçar a prática instituída.

3.5. “Civilização do Amor” e transformação da sociedade

Na concepção de utopia se percebe sempre no horizonte o sonho de uma outra realidade, da transformação daquilo que um determinado grupo julga como “anomia”.

Poderia se especular sobre qual é a finalidade da Igreja Católica ao propor uma utopia para ser seguida por seus jovens. Eric Hobsbawn defende que os grupos criam

propostas para se tornarem tradição e assim poder estabelecer um conjunto de práticas e regras a serem aceitas. Elas visam inculcar valores e normas de comportamento e que estas se dão através da repetição e têm relação de continuidade com o passado (HOBSBAWN, 1984, p. 09).

Por trás da intenção da utopia proposta pelo papa Paulo VI está o desejo da igreja voltar a regular as ações do sagrado frente ao mundo profano e em busca do encantamento. A igreja deseja uma volta aos valores apregoados por ela. O projeto dessa utopia teria como finalidade a coesão social de seus fiéis. Seria então a “Civilização do Amor” uma invenção da igreja (do poder) para construir um novo *ethos* em meio à juventude? No texto inicial sobre a “Civilização do Amor” afirma-se que essa é uma “genial intuição que levou a propor aos jovens um projeto de vida com implicações pessoais, familiares, comunitários, sociais e eclesiais (CELAM, 1997, p. 145)”. Resta saber e verificar como tem sido exercido o controle dessa proposta junto aos jovens,

Uma utopia nova surge da necessidade de mudança de valores em condições novas. A questão da inovação faz parte da construção de identidade da juventude, por características próprias e por estarem os jovens em tempo de construção e de afirmação do seu lugar no mundo e assim, estão por natureza mais propensos à assimilação ou à contestação das normas e valores de outra geração.

Pode acontecer que os fins últimos dessa nova utopia sejam a de excitar o imaginário para que haja uma luta por esperança, por justiça e por não tolerância. O contrário, porém, também é possível, que essa utopia seja trazida pelos sacerdotes da igreja para formarem lideranças que dêem continuidade as suas idéias de ordem, direito, segurança e estruturas de poder.

Fato semelhante se nota nos conflitos entre as gerações que se cruzam nas suas diferenças de idade, onde os mais velhos, sentem na responsabilidade, diante dos jovens de serem os guardiões e defensores do acúmulo adquirido e que o melhor é adaptar suas tradições para não serem ameaçadas pelos jovens.

É natural que as Pastorais da Juventude enquanto pertencentes a uma organização que está em disputa com outros grupos, vá procurar se firmar e dar respostas convincentes ao seu imaginário construído. Pois é isso que lhe dá sentido de existência. Hobsbawn diz que “a maioria das ocasiões em que as pessoas tomam consciência da cidadania como tal permanecem associadas a símbolos e práticas semi-rituais, que em sua maior parte são inventadas” (HOBBSAWN, 1984, p. 20).

O último capítulo deste trabalho faz uma apresentação da Proposta das Pastorais da Juventude, e as percepções das lideranças desta organização acerca dos seus papéis enquanto jovens e enquanto igreja na busca de construir a utopia da “Civilização do Amor”.

CAPÍTULO IV

PASTORAIS DA JUVENTUDE E A CONSTRUÇÃO DA UTOPIA DA “CIVILIZAÇÃO DO AMOR”

1. PASTORAIS DA JUVENTUDE NO BRASIL

Esta primeira parte do capítulo é uma retomada breve sobre o que são as Pastorais de Juventude hoje no Brasil. Foi pensado a partir de documentos que se encontram facilmente nas livrarias ou bibliotecas especializadas em juventude, além de outros trabalhos acadêmicos já realizadas em diferentes universidades sobre a temática pastoral juvenil.

1.1. O que são e como funcionam

As Pastorais da Juventude – PJs, se definem como uma ação organizada dos jovens que são igreja, junto com seus pastores e toda a comunidade para aprofundar a vivência da fé e evangelizar outros jovens. Seu caráter é de ser uma ação coordenada

de igreja, que articula organicamente as forças vivas que trabalham na evangelização dos jovens, fazendo parte da Igreja do Brasil e assumindo suas diretrizes gerais.

As Pastorais da Juventude do Brasil surgiram na década de 70 e têm sua afirmação nos anos 80 quando a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil cria o Setor Juventude. Na sua organização encontram-se quatro pastorais que formam esse conjunto: Pastoral da Juventude, Pastoral da Juventude Estudantil, Pastoral da Juventude Rural e Pastoral da Juventude do Meio Popular.

As Pastorais da Juventude estão organizada em 18 regionais do Brasil (conjunto de dioceses presentes em um ou mais Estados), conforme orientações geográficas da CNBB¹⁶, com diferentes realidades geográficas, culturais, sociais e aspectos específicos como o econômico. As pastorais têm se identificado em seus documentos como constituída por jovens cristãos católicos, organizados como ação da igreja evangelizando outros Jovens, para que, capacitados, atuem na própria Igreja e nos movimentos sociais visando a transformação da sociedade em todo o Brasil. O objetivo das Pjs é:

Despertar jovens para a pessoa e a proposta de Jesus Cristo e desenvolver com eles um processo global de formação a partir da fé para formar líderes capacitados a atuarem na própria PJ, em outros ministérios da igreja e em seu meio específico, comprometidos com a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação (CF. 1992, p. 80)

A pastoral da juventude se organiza através de pequenos grupos de jovens e por meios específicos, com coordenações nos diversos níveis (local/comunidade,

¹⁶ - A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil está organizada por 17 regiões: Norte I e II; Nordeste I, II, III, IV e V; Leste I e II; Oeste I e II; Centro Oeste; Noroeste e Sul I, II, III e IV.

paroquial/cidade, diocesana, regional, nacional, além de outros intermediários), formando assim a PJ orgânica (FC. 1992, p. 38). Para a pastoral é essa organização que permite a partilha e sistematização das experiências críticas e a memória histórica, favorecendo a realização da missão evangelizadora.

O ponto de partida dessa organização é o próprio jovem assumido em sua realidade. A pastoral quer levar o jovem a viver um processo:

Um conjunto de dinamismo que leva o jovem a abrir-se, a buscar respostas às suas inquietudes, a valorizar o que constrói sua pessoa, a amadurecer motivações pessoais profundas e a concretizar seu projeto de vida e sua opção vocacional (CELAM, 1997, p. 180).

1.2. Opções pedagógicas e plano de ação

A Pastoral da Juventude na América Latina estabeleceu cinco opções pedagógicas que têm orientado a sua ação: a formação integral, o grupo, as pastorais específicas, a organização, a assessoria e o acompanhamento. Essas opções são:

Convite aos e às jovens para viverem um estilo de vida marcado pelo seguimento de Jesus e pela experiência comunitária, que os capacita na tarefa de construir redes e de serem multiplicadores de outras experiências de vida grupal (CELAM, 2004, p. 46).

A primeira opção pedagógica é a Formação Integral, que compreende às dimensões que a pastoral deseja trabalhar com os jovens através do desenvolvimento de um processo de vivência grupal: psico-afetiva, social, política, mística e técnica. A finalidade é possibilitar que os jovens possam ser, possuir-se, comunicar, comprometer-se, fazer, construir e transcender.

A vivência grupal em processo, segundo a pastoral, visa possibilitar que os jovens façam à descoberta da importância da vida em grupo, da sua pessoa e situação histórica. Quer levá-los a descoberta da comunidade, da sociedade, da militância e do projeto de vida ou vocacional.

A segunda opção pedagógica está centrada nos pequenos grupos de base, como local para a pastoral trabalhar a sua proposta. Nesses pequenos grupos os jovens são motivados a viverem um estilo de vida. No grupo a juventude estabelece relações com seus iguais e avança na construção da sua identidade. Possui de duas a quatro lideranças responsáveis por acompanhar e fazer a representação nas instâncias maiores: paróquia, forâneas, diocese, regional, nacional ou Latino Americana. Cada um desses níveis de representação possui seus espaços de definição de projetos e ações.

A terceira opção pedagógica da pastoral da juventude se refere à organização em pastorais específicas de juventude. Segundo a pastoral ela necessita desenvolver-se em meios e ambientes próprios em que estão os jovens: escolas, universidades, lugares de trabalho, comunidades indígenas, comunidades rurais ou urbanas, jovens em situações de migração ou de marginalização.

A quarta opção pedagógica é a organização que já foi tratada anteriormente. O destaque está no fato de centrar a formação na ação, em buscar o protagonismo juvenil, de ter estímulo para participação dos jovens através de lideranças ou coordenações. “A coordenação é a que suscita as novas lideranças e distribuem, da melhor forma, as atividades dentro do grupo para que se gere participação” (CELAM, 2004, p. 46).

Por fim está o acompanhamento e a assessoria como outras opções pedagógicas de pastorais da juventude. Esta opção está centrada na pessoa do assessor educador, preparado ou que se prepara para a escuta, e que expressar seu olhar sobre o processo de caminhada da pastoral.

Essas opções pedagógicas fazem parte da proposta educativa da pastoral, que tem por meta ser uma ação experiencial, transformadora e libertadora. Uma pastoral comunitária, coerente, testemunhal, participativa, personalizante e personalizada (CELAM, 1997, p. 180).

A Pastoral da Juventude do Brasil desde 1995 tem buscado atuar dentro da perspectiva de ter sua caminhada planejada a partir de linhas de ação e de um trabalho chamado “Plano Trienal”. Esses planos têm sido elaborados nas assembleias que o conjunto das pastorais da Juventude realiza a cada três anos, a partir de três prioridades: formação, espiritualidade e cidadania.

2. DESCRIÇÃO DA PESQUISA

O objeto desta pesquisa foram às lideranças que fazem parte das coordenações das Pastorais da Juventude da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, descrita no item anterior. A pesquisa utilizou-se de entrevistas com aplicação de questionário individual. O critério de escolha dos entrevistados se deu por serem essas lideranças que estão a frente das ações das pastorais de juventude e que trazem o conhecimento e a experiência da organização.

Foram selecionados no universo desta pastoral 64 coordenadores/as e lideranças escolhidas entre os estados do Amazonas, Pará, Santa Catarina, Rio

Grande do Sul e Ceará e Rio Grande do Norte. Dos 64 questionários aplicados foram retornados 24, Sendo a maior parte respondida pelas por jovens do estado do Pará.

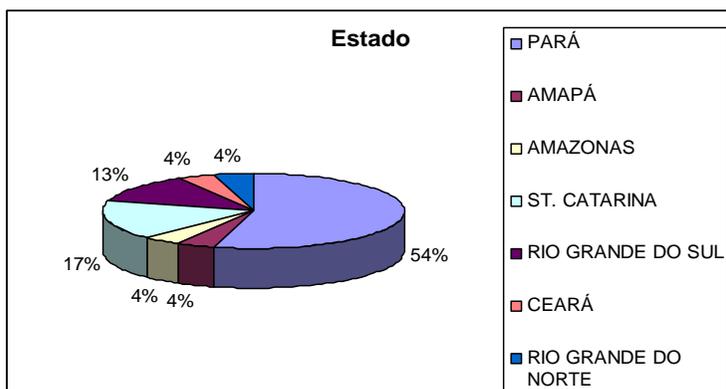


Figura 1

O questionário distribuído continha perguntas abertas para estabelecer um perfil das lideranças entrevistadas e sua compreensão acerca da Pastoral da Juventude: papel, interferências na vida eclesial, na sociedade e como percebem a si mesmos e aos outros jovens. Algumas perguntas buscaram verificar as questões sócio-políticas, identificando o que motiva e/ou frustra, essas lideranças, quais são suas aspirações em relação à religião, ao poder e às transformações propostas e proclamadas pela “Civilização do Amor”.

Para a análise das questões da pesquisa de campo procurou-se trabalhar os conteúdos das manifestações levantadas pelos entrevistados. Uma vez identificados os mesmo foram organizados em categorias e conceitos que estiveram mais recorrentes.

A reflexão a seguir visa socializar o resultado das questões respondidas pelos entrevistados, a partir da organização das respostas do questionário por categorias que foram mais relevantes nas respostas do conjunto.

O relatório foi organizado considerando as respostas sobre o que estes jovens afirmam ou defende sobre a sua presença na igreja e a “Civilização do Amor”. Optou-se

por apresentar a maioria das respostas em gráficos, mais também foram registradas falas diretas dos jovens, sendo identificados com as iniciais de seu nome, idade, local de atuação, estado. Cada questão é seguida de uma análise das respostas.

No retorno dos questionários aplicados chama a atenção a presença do gênero masculino:

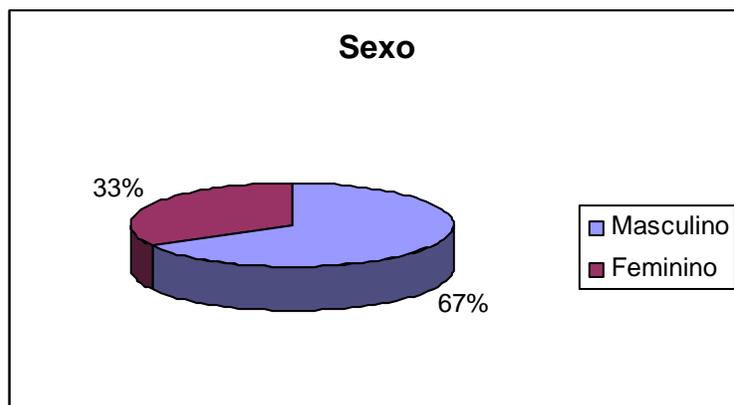


Figura 2

Esse dado levou ao questionamento sobre o que estaria por trás do papel que a mulher, sobretudo jovem ocupa na sociedade em especial na igreja e ainda na região norte, no caso o Estado do Pará. Dentro desta perspectiva vale lembrar que o questionário foi aplicado às lideranças que estavam participando de um evento estadual, com duração de três dias. Distantes na maioria dos casos de seus municípios de origem. O que diretamente sofreria uma interferência dos pais, pois nem todos dão permissão para que suas filhas viajem ou mesmo estejam distantes de casa por muito tempo.

Observa-se que a participação nas comunidades na igreja é constituída na sua maioria de mulheres, porém os espaços de representação e poder são majoritariamente constituídos de homens, refletindo os índices das demais organizações da sociedade,

em que os homens ocupam mais espaços de decisão e poder, ficando as mulheres restritas a outras ocupações. Há que se considerar também outros fatores como os que foram apontados no segundo capítulo na questão: o gênero e a juventude.

O gráfico abaixo é demonstrativo da idade dos entrevistados:

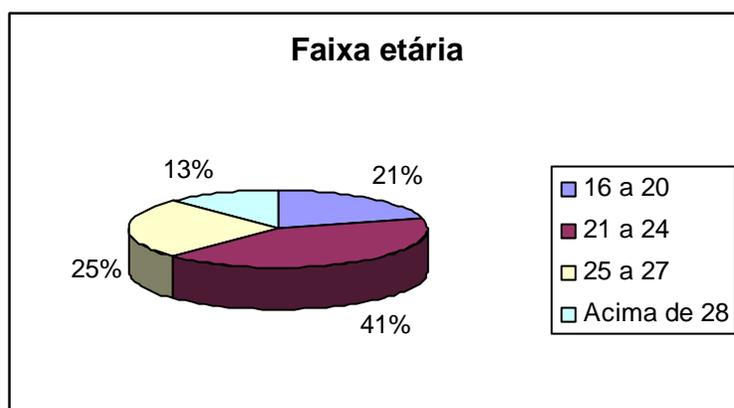


Figura 3

Com esses dados pode-se dizer que as lideranças que estão à frente das Pastorais da Juventude do Brasil em sua maioria vêm chegando à faixa etária considerada como etapa da juventude, 14 a 24 ou 25 anos, conforme classificação da Organização Mundial da Saúde e também da UNICEF, e que recentemente a juventude tem recebido por parte destes organismos uma nova classificação à medida que ultrapassam a faixa etária dita acima, com idade de 25 a 29 anos. Estariam na chamada etapa de "adultos jovens" ou "jovens adultos". Em alguns países da Europa as políticas de juventude têm considerado juventude até os 34 anos.

Após a identificação da pessoa, a primeira pergunta do questionário foi "quando e por que você foi para a pastoral da juventude". Nas respostas foi possível perceber há quanto tempo os jovens entrevistados estão participando dos grupos, conforme mostra a figura.

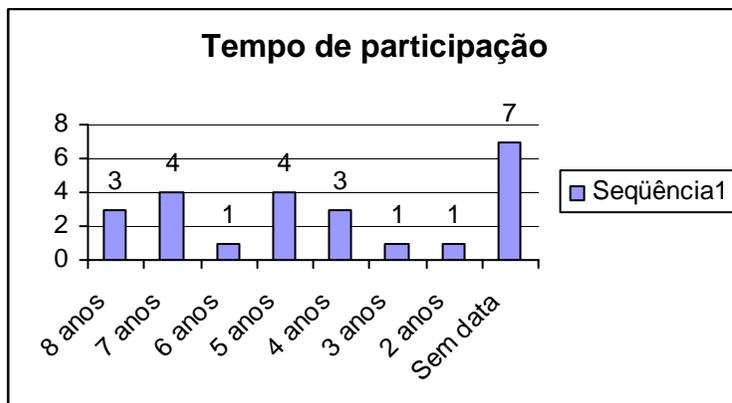


Figura 4

Nestas respostas se identifica quem permanece por mais tempo fica por de cinco a sete anos. Se forem consideradas as datas de entrada no grupo, verifica-se que, assumir a coordenação nessa organização, é necessário que as lideranças percorram um tempo de participação no grupo.

Na segunda parte da pergunta, “*porque foi para a pastoral*”, destacam-se as seguintes razões, como se pode ver no gráfico de figura 5:

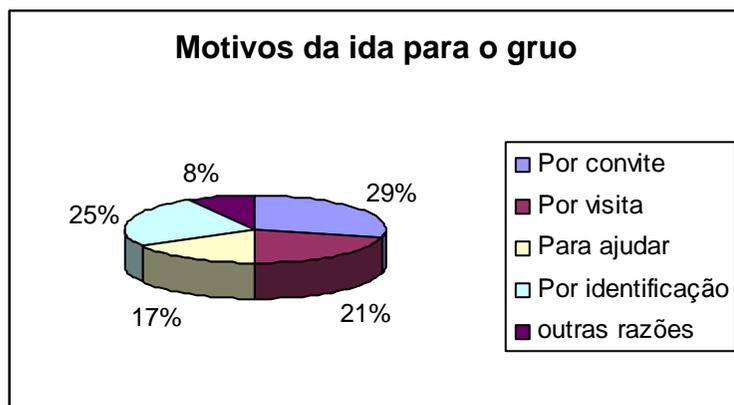


Figura 5

A novidade trazida aqui pelos jovens sobre os motivos que os levaram ao grupo é o fato de 17 % terem sido motivados pela necessidade de ajudar, contribuir, fazer algo para as pessoas, para a sociedade. Demonstrando também o desejo de ter claro

seu papel de jovem. Esse dado é novidade porque desmistifica a idéia de que os jovens em sua maioria vão a igreja por razões de fundo religioso, por causa de Jesus Cristo.

Os jovens disseram que buscam a convivência em grupo porque querem conhecer outras experiências de evangelização. Porque querem fazer parte de um grupo de jovem com a mesma idade, onde se pudesse escutar e ser escutado. Alguns entrevistados fizeram questão de responderem que a participação na pastoral lhes possibilitou a reflexão e aperfeiçoamento de sua prática pessoal, comunitária e deu relevância para um novo modelo de sociedade.

“Comecei minha caminhada na pastoral em 1997 por um grupo de base em que eu acreditava fazer um trabalho que viesse a contribuir com a sociedade e que me fizesse adquirir consciência do meu papel como jovem nessa vida” (G.V.R. 23 anos, Belém, Norte II).

Entre as outras razões para a entrada na pastoral, além das relacionadas no gráfico, os jovens disseram que sua participação se deu através de alguma atividade como, pós-crisma, retiro, cursos, encontros e Dias Nacionais da Juventude¹⁷. Há casos de quem foi para a pastoral porque já tinha uma vivência comunitária, outros entraram como uma forma de transgressão após terem sido rejeitados anteriormente, ou impedidos de participarem de alguma ação, por razões de idade ou modalidade da atividade. Alguns procuraram a pastoral por curiosidade, para saber como funcionava, pois a mesma era referência na comunidade ou mesmo para conhecer uma pessoa.

Nas respostas dadas pelos entrevistados pode se verificar que a pastoral da juventude não possui instrumentos fixos de convocação dos jovens para a vida do grupo, pois na maioria das respostas se verifica que o chamado é feito de forma convencional como convites e pós-crisma. Não se explora que muitos vão para o grupo

¹⁷ - Evento de massa realizado pelas Pastorais da Juventude em todo o Brasil sempre no ultimo domingo de outubro, desde 1986. Sendo de caráter aberto a toda a juventude. Discutindo a cada ano um tema social ligado a juventude.

por identificações relacionadas a juventude e o modo de ser da pastoral. Revela um certo espontaneísmo, e ausência de estratégias e planejamento, pois na maioria das falas há uma espera de que o jovem espontaneamente se apresentem aos grupos.

3. IDENTIFICAÇÃO DO PAPEL DOS JOVENS NA IGREJA E NA SOCIEDADE

Após conhecer o perfil do grupo e a suas motivações para entrada e participação nas pastorais da juventude esta pesquisa tinha a de intenção levantar como as lideranças dessa organização idealizavam sua prática cotidiana e também qual a relevância da pastoral dentro da Igreja e para além dos limites dela. Outra finalidade era levantar a sua capacidade de intervenção.

Nas respostas pode se perceber que o papel da pastoral envolve todo um processo que implica atitudes, funções, ferramentas e ambientes onde se devem cumprir essa finalidade. As respostas sobre o papel da Pastoral da juventude na sociedade estão no gráfico abaixo:

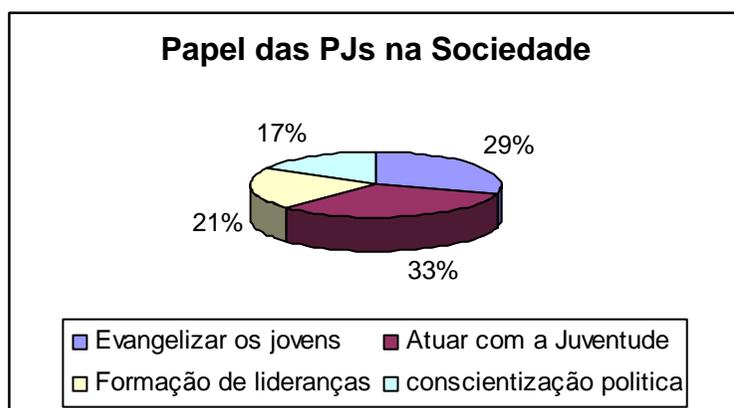


Figura 6

Para alguns o papel da pastoral da juventude na sociedade é de formar lideranças cristãs e militantes, críticos para a igreja e para a sociedade. Para que se

tenham os jovens como protagonistas na formação de outros jovens, com a finalidade, de serem ferramentas para contribuir com a sociedade. O papel das pastorais segundo eles deve ser de criar consciência crítica, para a promoção das políticas e para que sejam profetas, de uma sociedade igualitária.

Fazer e compreender a integração entre as juventudes e suas organizações, contribuindo na construção de homens e mulheres novos (as), rumo a uma sociedade igualitária” (G.S.A, 23 anos, Monte Santo, nordeste III).

Essa visão do papel da pastoral da juventude na sociedade está marcada não só por desejos concretos ligados às questões da busca da melhoria de vida e ampliação de oportunidades, como também a lutar, por políticas públicas para a juventude¹⁸. A abordagem de uma temática política na ação da pastoral da juventude segundo seus documentos, faz parte de uma opção de trabalho de formação integral da pessoa conforme descrito no início deste capítulo.

Os papéis das pastorais da juventude, devem ser de jovens evangelizando jovens, buscando conscientizar a sociedade para buscar a justiça, fraternidade, solidariedade, paz, amor, construindo o novo (S.C.M, 18 anos, Tailândia, norte II).

Evangelizar e conscientizar a juventude para que seja conhecedora de seus direitos e deveres perante a sociedade, lutando contra as injustiças em busca de dias melhores (C.A.S, 21 anos, Breu Branco, norte II).

Há os que defendem que o papel das PJs está ligado a uma missão que a religião, no caso, a igreja, tem na sociedade. Essa missão é, segundo eles, de levar a palavra de Deus aos fiéis, de evangelizar os jovens, e conduzi-los ao coração de Deus. Algumas respostas apresentaram condições para que esse papel aconteça na sociedade:

¹⁸ - A temática da política pública de juventude vem sendo amplamente debatida e refletida pelas pastorais de Juventude desde 2001.

Fazer com que o jovem possa compreender a sua importância na sociedade, adquirir uma consciência cristã e cidadã para poder interferir na busca de seus direitos (A.R.C.S, 24 anos, Aurora do Pará, norte II).

Nas afirmações do papel da pastoral da juventude na sociedade é possível notar que a juventude só terá capacidade de intervir se ela estiver preparada para enfrentar os problemas sociais, identificados pelos próprios nos ambientes de educação, trabalho, família, política, religião e saúde. De acordo com algumas respostas nas realidades sofridas e esquecidas em que os espaços permitem a proposição e intervenção nas realidades específicas

Há que se considerar que a tarefa de preparar os jovens para terem um papel social não cabe somente à religião, mas é necessário verificar se há, nos encontros e nas pautas dos grupos de jovens da pastoral, o desejo, a articulação e o planejamento para essa intervenção social, como a “Civilização do Amor” propõe.

Outra finalidade da pesquisa foi levantar, através da consulta às lideranças das Pastorais da Juventude, qual devia ser o papel dos jovens na sociedade. Conforme apresenta o gráfico abaixo:

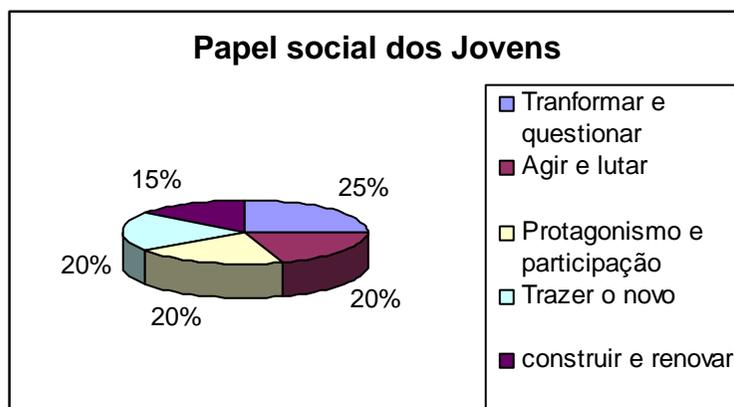


Figura 7

Na grande maioria dos entrevistados é possível verificar uma certa visão positiva sobre o papel da juventude na sociedade. Esse otimismo pode ser identificado nas respostas apresentadas, que atestam que o papel dos jovens é serem agentes ativos e protagonista da história.

Assim as lideranças reivindicam para si o papel de serem dinâmicos, entusiastas, da rebeldia, da ousadia, de serem revitalizantes e construtores da felicidade pessoal. Respondem que querem lutar por seus direitos, ocupar os espaços na sociedade e conseguir seus objetivos, além de contribuírem para construção de homens e mulheres novos (as) rumo a sociedade igualitária.

Há, também, nas respostas um certo saudosismo por parte de alguns jovens de um tempo passado que não foram vividos por eles:

Antigamente (outra realidade) de forma bem ativa e forte hoje em dia não tão expresso como dantes, outros que são organizados, bem, bem informados, contribuem com sua cidadania pra a comunidade e em particular para o jovem. É só ter acompanhamento capacitado e ele desempenham um grande trabalho evangelizador (jovem evangelizando jovem) como vem acontecendo timidamente (R.G.S, 26 anos, Manaus, norte I).

A visão otimista não se confirma entre todos. Alguns fizeram questão de trazer um outro olhar sobre o papel social que lhes cabe, dizendo que os jovens deveriam questionar a sociedade e não serem “massa de manobra”, ou ficarem acomodados.

Os jovens que ao invés de lutar para mudar a realidade, se alienam perdendo os valores éticos e morais acabam se afundando por falta de metas na vida (S.C.M, 18 anos, Tailândia, norte II).

Hoje o papel “das juventudes” é muito restrito, somente o grupo de jovem “X” conhece seu papel (quando conhece). Devemos articular não só as estruturas mas as idéias (J.N.A.M, 22 anos, Bragança, norte II).

Essa postura sobre eles mesmos confirma a tendência de não acreditar que os jovens sejam cidadãos com capacidade de mudar a situação e, que vivem e preferem permanecerem na visão individualista. Revela que nem todos os jovens estão

satisfeitos com a sociedade brasileira, pois se sentem inseguros, assustados e indignados.

A expectativa de futuro melhor entre os jovens das Pastorais da Juventude aparecem se comparada com uma maioria que se encontra cética. Grande parte dos jovens que não participam de grupo não acreditam que o futuro será melhor que o presente. Na pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, no item das perspectivas para os próximos anos 48%, dos jovens responderam que o Brasil vai melhorar; 52 % acreditam que seu bairro vai melhorar e 92 % que sua vida pessoal vai melhorar. Os mesmos revelam que as expectativas são mais expressivas com relação a vida pessoal. Os jovens “acreditam que, com o esforço pessoal, promoveriam a melhoria das suas condições de vida, reiterando o imaginário liberal em torno da importância do êxito individual” (SPOSITO, 2003, p. 24)

Com essas afirmações os jovens acabam revelando as mesmas idéias e posturas da questão anterior, segundo os quais a sociedade esta em anomia e por, isso necessitando de ajuste e que à juventude cabe a tarefa de contribuir, apontando outros rumos.

4. PARTICIPAÇÃO E LIDERANÇA SEGUNDO OS JOVENS DAS PJs

Foi também interesse neste trabalho, levantar como as lideranças das pastorais da juventude percebem os outros jovens que não fazem parte de sua organização, bem como verificar a sua compreensão acerca do papel que eles desempenham. Na questão da opinião sobre os jovens que não fazem parte de um grupo foram identificadas as opiniões do gráfico abaixo:

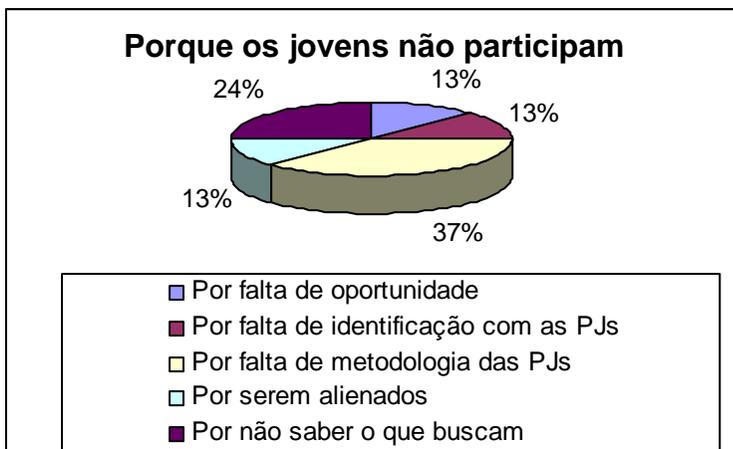


Figura 8

Para alguns a não participação dos jovens na vida em grupo se deve à própria pastoral, alegam que há uma falta de convite. Outros dizem também que essa ausência dos jovens se deve à falta de oportunidade de estarem no grupo por estes não terem descoberto o sentido de ser jovem. Existem os que alegam que as razões se encontram na falta de metodologia da pastoral da juventude em inventar novos jeitos para inseri-los na organização.

Nós devemos criar novas estratégias para atrairmos “as juventudes” ou nos infiltramos para plantar sementes de esperanças (J.N.A.M, 22 anos, Bragança, norte II).

Alguns admitem que há uma falta de abertura na pastoral para responderem aos anseios dos jovens que não participam de grupos.

Falta de convite e até mesmo falta de método, que os grupos não tem para atraí-los (F.B.S, 23 anos, Terra Santa, norte II).

Um dos jovens aponta que a questão da participação dos jovens em grupo envolve uma reflexão mais ampla:

Todo jovem participa de grupo, entretanto não são grupos eclesiais, a participação em um grupo é uma necessidade primária do jovem e ele vai onde responde às necessidades (G.S. A, 23 anos, Monte Santo, nordeste III).

Essas respostas revelam a importância da socialização da vida em grupo. Para Jussara Prá, o termo socialização vem de socializar, que significa tornar-se social, “reunir em sociedade, pôr sob regime de associação; assim, a socialização (socializar+ação) pressupõe o ato de pôr em sociedade por meio de um processo de integração mais intensa” (PRÁ, 2004, p. 81)

A partir da idéia trazida por essa autora pode-se afirmar que o fato dos jovens se envolverem com um grupo, seja ele escolar, familiar, religioso, oficial ou ilícito o coloca em um espírito coletivo. Essa experiência possibilita a aprendizagem e as bases para a formação da auto-imagem nas relações e interações entre os indivíduos e a sociedade.

A pastoral da juventude, no que se refere a sua liderança, tem o papel de transferir e transmitir a aprendizagem necessária para seus jovens conviverem na sociedade. Essa socialização passa por uma rede complexa de agentes e agências tais como a família, a escola: “passando por instituições religiosas, culturais, econômicas e políticas das quais, emergem códigos de condutas e as sociabilidades que norteiam os comportamentos em sociedade” (PRÁ, 2004, p. 82).

Quanto ao que é ser liderança na pastoral da juventude confira no quadro abaixo as respostas:

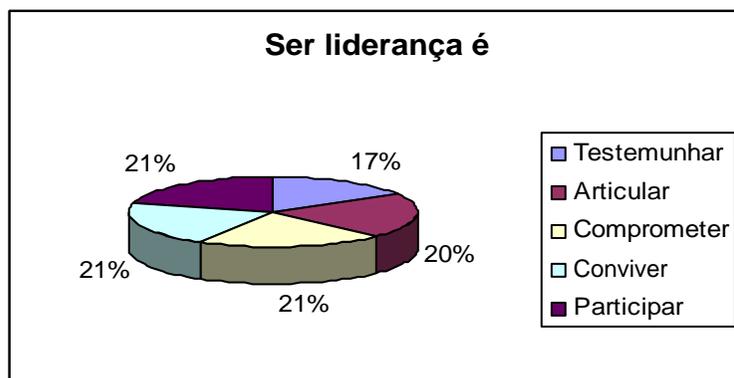


Figura 9

A liderança é identificada com qualidades e capacidades para a criatividade, cidadania e autenticidade, é, quando o cristão é capaz de motivar os jovens para serem protagonistas. Afirmando que um líder é aquele que ajuda o jovem a refletir e discutir assuntos, temas. É estar junto dos jovens, agir, desenvolver uma atuação integral de todos os participantes, e ter condição de se comprometer com os jovens.

Para uma pessoa que venha a se tornar liderança nas PJs é necessária toda uma preparação, organização e articulação da juventude para que se alcance esse objetivo. O líder nas PJs é alguém que representa o anseio de muitos inspirando confiança, responsabilidade e compromisso (G.V.R, 23 anos, Belém, norte II).

Há os que identificam a liderança com atributos da fé, afirmando que ser liderança é ser testemunho de Jesus, ter compromisso com o Reino de Deus, cuidar dos jovens e estar a serviço da pastoral, realizar a vontade de Deus.

A idéia de liderança em relação se firma quando a pessoa consegue estabelecer metas comuns para um determinado grupo. Por isso se escolhem pessoas que os dirija. A liderança é imprescindível para qualquer grupo. Segundo Calderon e De Govia, líder é quem tem a capacidade de aglutinar as pessoas. “Entende-se por liderança as funções que o grupo necessita realizar para alcançar seus objetivos” (DE GOVIA, 1973, p. 20).

Segundo estes autores, o líder é capaz de formar equipes, perceber os passos, distribuir tarefas e fazer-se responsável.

As relações de liderança são a “organização” do grupo para o alcance de suas metas. A evolução da liderança vai desde a centralizada em uma só pessoa até aquela em que a autoridade e responsabilidade são compartilhadas por todos os membros. O bom líder é aquele que contribui para criar as condições para perder sua liderança em favor de todos os membros do grupo (DE GOVIA, 1973, p. 22).

A partir da descrição acima pode-se especular que tipo de liderança as Pastorais da Juventude conseguem desenvolver nos jovens que fazem parte de sua organização e que diferença as lideranças possuem, em relação ao desejo atual do mercado que prima por líderes que sejam capazes de serem bem sucedidos, que mantenham o controle do trabalho e que possam ser capazes de manipular ferramentas para agilizar sua ação e evitar o desperdício de tempo e recursos.

As Pastorais da Juventude defendem que seus líderes sejam capazes de serem protagonistas, multiplicadores, “jovens evangelizando Jovens” que estejam formados integralmente. Teria espaço hoje na Igreja Católica para esse tipo de liderança que a pastoral deseja? A conjuntura eclesial tem revelado que bispos e pastores às vezes querem fiéis que digam amém, que sejam obedientes às normas e regras. Os que assim se portarem terão espaço, pois a tendência da Igreja Católica é de centralidade cada vez maior na postura de obediência, de respeito a autoridade e a hierarquia.

No que diz respeito às motivações as lideranças jovens das pastorais da juventude para participarem, teve a finalidade de levantar as causas, eixos de atuação e as motivações dos jovens que estão na busca de construir o capital social¹⁹. As

¹⁹- O capital social é um dos conceitos mais difundidos na análise política, econômica e social dos últimos anos segundo Schmidt. Capital social quer dizer a maneira como as pessoas estabelecem a construção da democracia a partir de fatores de natureza subjetiva, a partir da confiança, da solidariedade recíproca que se constroem na convivência, no estabelecimento de redes, de normas, valores e cooperação entre as pessoas em busca de objetivos comuns.

Para João Pedro Schmidt, a idéia do capital social inclui diferentes metodologias e abrange relações e organizações formais e informais. Essas metodologias são verificadas através dos níveis de confiança que se estabelecem entre as pessoas, as atitudes favoráveis à cooperação com os outros. A intensidade de relações familiares, vizinhança e a participação comunitária e religiosa. Possibilita medir o grau de envolvimento das pessoas em organizações da sociedade civil com suas diferentes manifestações (recreativas, esportivas, culturais, de classe), o envolvimento dos cidadãos em voluntariado e filantropia. Bem como o grau de compromisso que estas pessoas conseguem estabelecer nas questões cívicas, nos protestos, reivindicações, partidos e grupos de pressões (SCHMIDT, 2004, p. 147). Assim este conceito permite levantar as percepções dos jovens da pastoral da juventude nas questões respondidas na pesquisa de campo. Pois a organização a que eles pertencem é uma capacidade de se associar para a cooperação interna cujos objetivos finais são o de construir uma

respostas dos jovens sobre o assunto estão ligadas diretamente aos seus desejos de ter um outro mundo, diferente da realidade cotidiana em que vivem, conforme mostra o gráfico.

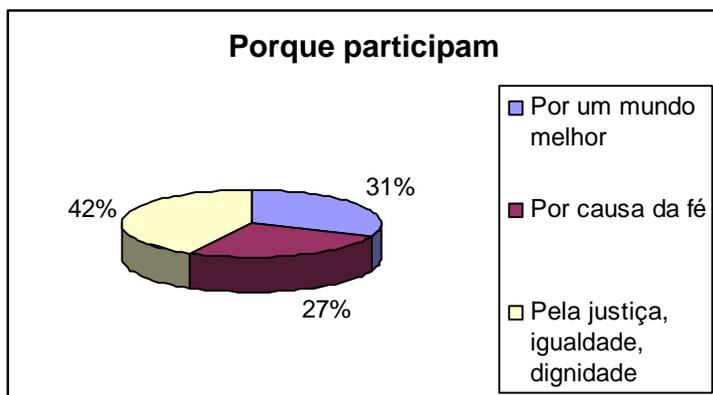


Figura 10

Além das respostas apresentadas no gráfico, há também motivações ligadas com a questão da fé, do sagrado. Como cristãos, apresentam Jesus, como aquele que lhes é motivador, testemunho, modelo e exemplo. Pontuam que lutam e participam porque têm fé.

Porque acredito no mundo melhor a partir das organizações e o que me motiva é o projeto de vida que Jesus nos ensina (F.B.S, 23 anos, Terra Santa, norte II).

Porque quero contribuir na construção de uma vida melhor e tanto seguir a missão de Jesus, agindo em busca da construção do Reino de Deus; tenho fé, esperança que somos capazes (C.A.S, 21 anos, Breu Branco, norte II).

Uma parte dos que responderam porque tem fé, disseram que esta fé é em Jesus, faz remeter à descrição de sagrado feita por Rudolfo Otto, em que a presença do sagrado provoca na pessoa o sentimento de que ela é uma criatura, que é uma presença que esta além e que, diante dessa grandeza, a pessoa se torna um nada frente ao poder soberano do sagrado. “É o esfacelamento da criatura diante de um

participação sócio política a partir da sua fé, fundamentada nos valores proposta na utopia da “Civilização do Amor”.

poder soberano. Não um poder qualquer, mas um poder soberano específico” (OTTO, 1985. p. 15).

Lutam e participam porque desejam uma outra sociedade, lutam para ter um mundo mais justo, digno e por que querem *“Um outro mundo é possível”*, para transformara sociedade. As lideranças revelam em suas resposta a esperança e o desejo de um mundo melhor sempre estiveram no horizonte das pessoas e, sobretudo dos jovens, que, através de suas contestações, reivindicam outra ordem social.

Em 2001 Brasil e no mundo surgiu uma nova perspectiva de lutar por uma outra sociedade. Fruto das motivações de organizações e movimentos sociais para fazerem frente aos países ricos, criou-se o Fórum Social Mundial, que passou ser um espaço de manifestação, de utopias de *“Um outro mundo possível”*.

Neste sentido as respostas dos jovens se assemelham com os debates e proposições destes Fóruns Sociais, pois também querem uma outra forma de conceber a realidade, na luta contra o capitalismo, a discriminação, a exclusão e a opressão. Pela não violência e tantas outras bandeiras e reivindicações de quem não está de acordo com a realidade que vive. Para Boaventura Sousa Santos, o Fórum Social Mundial, “pretende realizar a utopia num mundo desprovido de utopias. Aquilo em que se aposta não é tanto um mundo utópico, mas um mundo que permita as utopias” (SANTOS, 2005, p.13).

A “Revista das Religiões” de fevereiro de 2005, trouxe uma reportagem sobre a evangelização dos trabalhos comunitários dos jovens de diversas religiões. Na reportagem de Adriana Reis, um dos jovens traz a fala de Luciano Azevedo, uma liderança da pastoral da juventude que ajuda a ilustrar as motivações da luta enfocada pela pesquisa de campo. “Mostramos aos jovens, que também depende dele criar uma

ação transformadora que ajude na construção da civilização do amor. Ele aprende a ter um projeto de vida” (REIS, 2005, p. 43).

5. INFLUÊNCIA DA IGREJA SOBRE OS JOVENS E SUAS PASTORAIS

Sendo as pastorais da juventude uma das organizações da Igreja Católica buscou-se verificar como os jovens percebem suas relações e de que forma a questão do poder influi sobre as PJs serem e que reações tem a igreja hierárquica sobre estes.

Em relação às pessoas que os jovens se inspiram para a atuação a pesquisa revelou que a maior inspiração vem da própria igreja, conforme mostra o quadro abaixo.

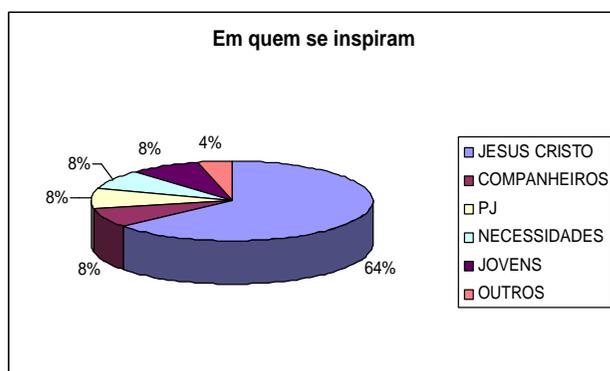


Figura 11

64 % dos jovens apontam Jesus Cristo e sua pessoa, como o maior inspirador para sua participação pastoral. A segunda inspiração se refere as necessidades do povo, e dos jovens. Em terceiro lugar aparece a própria pastoral como motivação para participação. Foi citada também, em menor numero, que a inspiração vem da caminhada, dos cristãos, de “Maria”, que aparece somente uma vez. Os companheiros de pastoral foram citados como inspiração duas vezes. Somente uma jovem cita outras pessoas além de Jesus:

Jesus Cristo, Gandhi, Madre Teresa, Che Guevara, Martin Luter king, Francisco de Assis (C.A.S, 21 anos, Breu Branco, norte II).

Jesus é visto como referência de vida, caminhada, ações, exemplo de pessoa obstinada na construção do Reino do Pai. Trazem que Ele é o grande libertador do povo oprimido, pobre. Reconhecem em Jesus um revolucionário de sua época. Revelam que Jesus é um irmão, companheiro de caminhada, exemplo de vida e de opção pelos mais empobrecidos.

Foi perguntado também quem são as pessoas, grupos e organizações que mais criticam, com a finalidade de visualizar quem faz oposição à proposta das pastorais da juventude e quais seriam, na percepção das lideranças, as causas dessas reações.

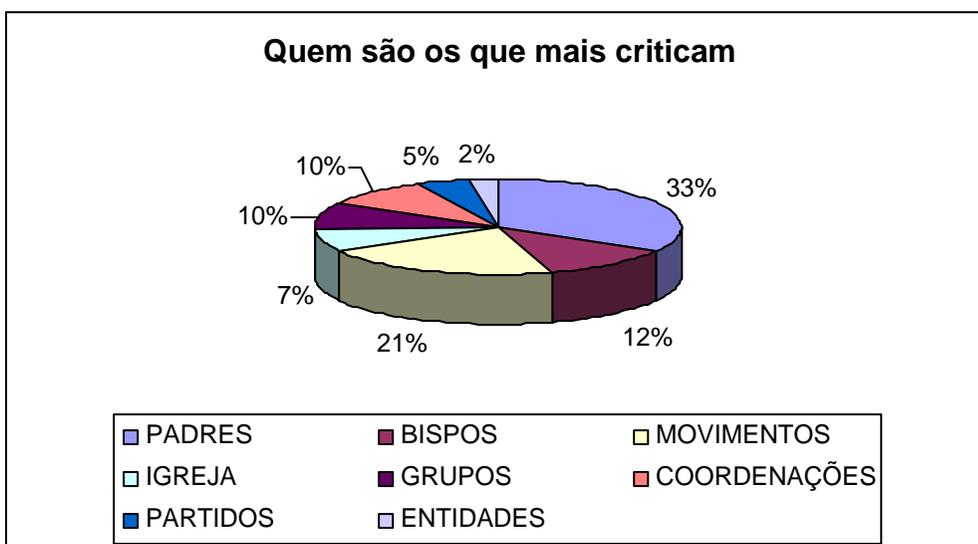


Figura 12

Em primeiro lugar os jovens apontam que as pessoas que mais reagem às propostas da pastoral fazem parte da instituição a que eles pertencem, ou seja, estão no próprio espaço da igreja. Eles apontam que o clero e as congregações são os que mais reagem, seguidos pelos movimentos. Entre estes últimos foram citadas pelos jovens a Renovação Carismática Católica – RCC e o movimento Tradição, Família e Propriedade - TFP.

Em terceiro lugar os jovens disseram que os bispos estão entre os que fazem oposição à proposta da pastoral. Citam diretamente as coordenações de pastorais (dizimistas) e comunidades, como críticos. Com poucas citações está o político, partido, poder público, sindicatos.

Na opinião dos jovens, as pessoas e grupos agem assim porque não conhecem a identidade, o processo, o funcionamento, metodologia e a proposta da pastoral, por não gostarem do novo, da mudança. Ou mesmo por causa do modelo de pastoral. Alguns jovens são mais radicais dizendo que as pessoas e grupos fazem assim porque querem uma pastoral de resultados, por não compreenderem a capacidade de mudança da juventude. Porque os jovens não contribuem financeiramente.

Os entrevistados afirmam que muitas pessoas se sentem incomodadas e questionadas com os jovens. Alegam falta de compreensão com o modo de ser diferente dos jovens. Para os jovens isso é resultado da postura preconceituosa de alguns adultos, pois para eles essas pessoas não acreditam no trabalho e no compromisso dos jovens somente pelo fato de serem jovens. Só olham o negativo, não aceitam a rebeldia dos jovens, a linha de evangelização, orações, posturas, atitudes e a forma de trabalho da organização.

Aqui é bom recordar que as utopias nascem da reação social de um grupo em relação aos grupos dominantes e elas encontram oposição ao tentar colocar em prática suas propostas a partir dos ideais. A sociedade permite que cada grupo e pessoa sonhe, mas não está disposta a aceitar qualquer proposta e experiência que venha mudar a ordem estabelecida. Por isso a ordem vigente procura de todas formas fazer uma eliminação de qualquer possibilidade, assim aconteceu com a destruição de Palmares, Canudos e Anjos. As cidades ideais podem existir, mas em sonho, na

utopia, enquanto que, na realidade, não é permitida.

As Pastorais da juventude conseguem se organizar em todo o território nacional e articular cerca de 30 mil grupos, estimando atingir diretamente 500 mil jovens. Uma outra questão desta pesquisa tinha como finalidade levantar como esta organização permanece se articulando frente a tantas críticas e oposições por parte das igrejas locais e da igreja oficial. O que os animam? O que a mesma representa no seu projeto pessoal de vida. O gráfico a seguir traz um pouco das respostas apontadas pela verificação do campo.

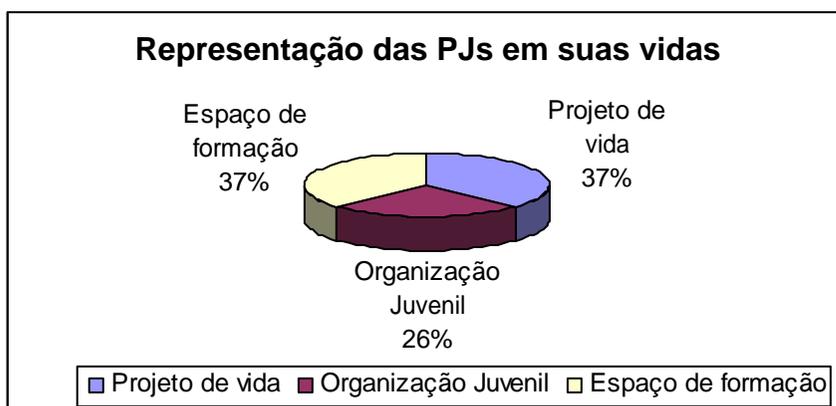


Figura 13

Para muitos jovens a representação da pastoral da juventude está ligada à idéia de organização, sendo espaço em que estes encontram para lutar por justiça, para aderirem à proposta de Jesus Cristo e por ser a forma dos jovens se organizarem na igreja.

Uma forma dos (as) jovens se organizarem na Igreja, para cumprir sua missão e contribuírem na construção de uma nova sociedade. (G.S.A, 23 anos, Monte Santo, nordeste III).

As respostas revelam que as pastorais são tidas pelos jovens como ação profética para uma igreja libertadora. Para essas lideranças é a forma de organizar os

jovens que tem sonhos, que planejam e trabalham para um mundo melhor. Representa a oportunidade de conhecimento sobre a vida.

Representa uma união muito linda, jovens com objetivos de mudanças de luta e coragem. Ela é uma escola que aprendemos a planejar, analisar, ganhar, perder. Aprendi muito com a pastoral (G.G.O. 23 anos, Santarém, norte II).

4. SIGNIFICADO DA “CIVILIZAÇÃO DO AMOR” PARA OS JOVENS

Todos entrevistados trouxeram consigo expectativas a cerca das transformações da sociedade em um lugar melhor para se viver. Sobre a representação da “Civilização do amor” estes revelaram também qual o significado em suas vidas.



Figura 14

Suas respostas revelam os conteúdos e também como eles a vivenciam e a colocam em prática a mesma, bem como sua implicação na vida pastoral e pessoal. Alguns trazem que o significado da “Civilização do Amor” está diretamente ligado a questões de valores ou ao modo de organizar a sociedade de maneira mais justa socialmente.

“Civilização do Amor” é uma forma de manter a memória e o imaginário cristão para os jovens. As utopias dos jovens cristãos estão ligadas diretamente à memória do

povo de Deus, aos saberes e ensinamentos acerca da doutrina e da fé cristã recebidos na catequese. É na vivência grupal que essas questões têm maior capacidade de assimilação pelo povo e pela juventude. As utopias cristãs fazem parte do imaginário e se mantêm vivas no presente. Elas são relatadas e contadas para incentivar as gerações futuras (VASCONCELOS, 2003, p. 75).

A pesquisa revelou que para os jovens a “Civilização do Amor” é um horizonte em que podem ser consideradas suas necessidades e sua história. É a possibilidade de serem incluídos. É uma utopia que os tornam portadores da Boa Notícia Evangélica para a Juventude que vive em busca de lugar e de mudanças sociais. Os ideias da “Civilização do Amor” para os Jovens assim vai além do controle pretendido por alguns bispos.

A “Civilização do Amor” atua com a perspectiva da esperança, sendo, assim, contrária ao presentismo, o imediatismo ou mesmo à ideia de que o aqui e agora é o que importa e conta. Faz oposição ao “Fim da História”. Para as PJs estes são os valores que agregados aos jovens quando vão participar dos grupos.

As falas sobre a liderança e seus objetivos estão intimamente ligados com a opção e a forma de se organizarem para despertar na juventude uma espiritualidade integradora na sociedade, que tem como finalidade a construção de outra realidade, da proposição de Políticas Públicas, de cidadania e de direitos. Os jovens das PJs desta forma, estão na contramão da tendência atual dos bispos e da sociedade de uma igreja voltada para o indivíduo, para a religião como algo privado.

Quanto aos instrumentos para realizar a “Civilização do Amor” teve como resposta por parte dos jovens que ela é pode ser colocada em prática a partir de atitude de coragem, de ousadia e do sonho. Afirmam que é uma questão de não terem medo

da mudança, do novo, de lutar por direitos iguais e formar integralmente nossa juventude. Para eles isso exige conscientização popular para a libertação. É contrapor-se ao atual sistema e construir alternativas, experiências dessa civilização.

Construção nova sociedade composta de pessoas cheias de amor. Disposta a construir o Reino. (G.C.M. 18 anos, Torres, sul 3).

Os líderes pontuam que é necessária união em torno de um ideal, seja social ou espiritual, para se cultivar de valores. Outros dizem que os instrumentos são as pessoas, pastorais e igreja organizada; serviço pastoral a exemplo de Jesus de Nazaré; o discernimento, amadurecimento da vida de comunidade “povo de Deus”. Dizem também que igreja, as Cebes, os movimentos e as pastorais são instrumentos para realizar essa civilização sonhada.

Nas respostas das lideranças a questão da fé e da religião está muito presente, pois trazem que é preciso crer em Jesus Cristo e acreditar nele, conhecer seu projeto, ter humildade, compreensão. Saber escutar, perdoar, pensar no bem comum. No diálogo, na persistência, no carisma, na fidelidade, na coerência e na disposição da para se construir essa a “Civilização do Amor”.

Os instrumentos mais evidentes seriam: o amor pela pátria; o amor por aquilo em que acredita; na verdade, na justiça, na solidariedade, na solução pelas desigualdades sociais e pela superação de nossas diferenças (G.V.R, 23 anos, Belém, norte II).

As respostas do grupo demonstram uma atitude mais de passividade, com pouco ou quase nada de enfrentamento direto das questões da realidade que vive a população e em especial a juventude e que é contrário à sociedade sonhada e anunciada em questões anteriores. Não pode ser desconsiderado também que as questões da pós-modernidade: individualismo, imediatismo, inseguranças, sejam causadoras desse medo de engajar.

Essas atitudes teriam a ver com o fato de que à religião cabe o papel de lutar pela construção do Reino de Deus. Revelam também que a juventude, tanto quanto a Igreja em geral, é carente de uma formação social que ligue fé e vida, para uma fé engajada e solidária. Estariam essas respostas ligadas a alguma questão messiânica²⁰ em que para a igreja, Jesus é tido como a solução para resolver as questões da sociedade?

Outra curiosidade é o fato de apresentarem a religião, a fé, a igreja e Jesus como instrumentos para a construção da “Civilização do Amor”. Há nas respostas uma distância do engajamento da militância da pastoral. O grupo cita genericamente a palavra organização, e não aponta nenhum nome ou referência de organização social, partidária, associativa ou juvenil.

7. A RELIGIÃO PARA OS JOVENS DAS PASTORAIS DA JUVENTUDE

Este item tem como finalidade fazer uma breve retomada da incidência da questão papel da religião para as lideranças que estão a frente desta pastoral. O quadro abaixo traz o que é para os jovens a o papel da religião.

²⁰ - O messianismo anuncia a mudança aqui e agora, através da figura de um redentor ou Messias. Tem na vinda deste a solução para a realidade presente. O movimento messiânico seria, então, a salvação coletiva trazida por um messias, um redentor, um líder carismático, enfim (VASCONCELLOS, 1991, p. 29). No Brasil e na América Latina é possível identificar algumas utopias ligadas a questões messiânicas, há uma dezena de exemplos delas: Canudos, a “república negra” dos Palmares, os Mucker, Padre Cícero, Contestado, Santa Dica, a “Terra sem males” dos tupi-guaranis, a república indígena Mapuche. Essas utopias nasceram no meio do povo e todas acreditavam na criação de uma sociedade histórica. Elas não foram só palavras, mas buscaram-se realizar aqui na terra.

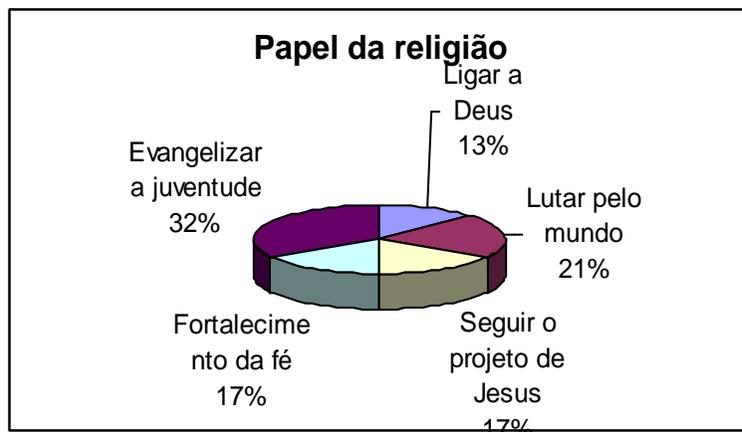


Figura 15

Grande parte dos líderes entrevistados revelam entender que o papel da Igreja está voltado para eles mesmos, ou seja que a religião deve cuidar da juventude. Levar o jovem para o caminho certo, que na opinião dos deles é o Reino de Deus. Que o papel da liderança e das PJs é ser fermento, mobilizador, animador, contribuindo na organização dos jovens. Devendo assim cuidar dos jovens chamá-los e atraí-los para a evangelização. Nota-se as respostas delegam um papel à religião mesmo estando em conflito com seu clero, bispos e outros grupos de fé (congregações, movimentos e coordenações).

Nas respostas é possível verificar que a Igreja é identificada como uma organização, instituição, mas também trouxeram a missão que os jovens acreditam que é preciso que a igreja viva.

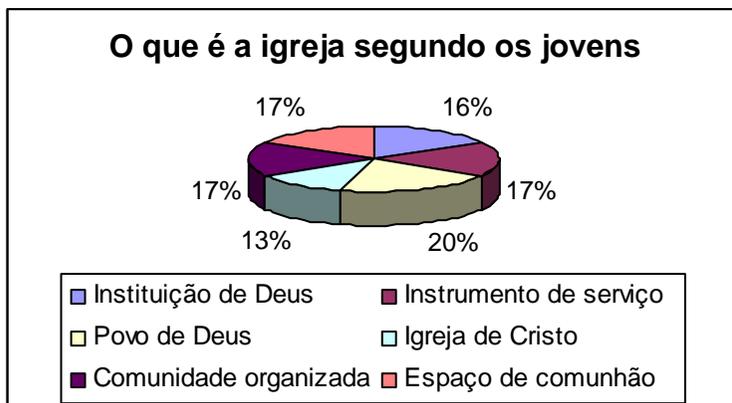


Figura 16

As lideranças das pastorais de juventude revelam uma visão de igreja nos moldes do Vaticano II que ampliou e colocou para todos os fieis católicos a possibilidade de conhecer e se inteirar da igreja através da idéia da comunhão e participação. O Papa João Paulo fez de seu mandato um tempo para divulgar a Igreja Católica pelo mundo e usou de estratégias de nomear bispos que estivessem afinados com o seu modelo de igreja. Isso implica em uma outra formação do clero com centralidade em Roma.

8. FINALIZANDO O CAPÍTULO

Dentre as várias questões que a pesquisa com os jovens abordou e que já foram analisadas e refletidas, duas serão destaque para a conclusão deste capítulo: primeiro a religião, a igreja e a Pastorais da Juventude enquanto produtora de sentido e construtora do capital social e a segunda a instituição e sua forma de se relacionar com os jovens.

A religião tem encontrado na igreja uma das formas de se expressar no mundo, é o lugar da manifestação do sagrado. Assim ela se torna produtora de sentido para as

peças e, sobretudo, para os jovens, que têm encontrado na pastoral uma significação para sua existência. É nela que eles têm construído seu capital social.

A religião, com seu sistema de práticas consegue influenciar no modo de ser e se comportar dos jovens que estão dentro da pastoral, apresentando-lhes motivações e simbologias para seu existir, propondo formas para os jovens se socializarem e olhar o mundo. Ela tem influência porque oferece uma mensagem forte através do monopólio que ela detém do capital da graça sacramental, que é fonte de informação para agir, controlar e ajustar.

Os jovens internalizam esse processo da religião, que contribui para o surgimento de valores, conhecimentos e ideologias. Segundo Camargo, a internalização da religião serve para dar um conteúdo ético aos jovens que vivem em um processo de mudança (CAMARGO, 1971, p. 08).

Esta pesquisa acabou revelando ricos elementos do capital social que a religião através da Igreja Católica e das Pastorais de Juventude proporciona aos jovens, pois traz novos conceitos que dão significados ao lugar que estes ocupam na sociedade. Aqui poderia estar o maior mérito da proposta da “Civilização do Amor” trabalhada ao longo dos anos pelas PJs. Ela acabou se desdobrando em orientações sobre a concepção de evangelização, da presença e do modo de se cristão na sociedade.

Como foi visto no item anterior a religião é produtora de sentido para a juventude. Ela não só é produtora de sentido como também limita, impõe e diz qual o lugar que os jovens devem ocupar no mundo e na própria igreja, e faz isso através do poder de gestão que ela tem sobre os bens de salvação. A religião exerce esse poder sobre os jovens porque os mesmos são consumidores destes bens de salvação que ela oferece.

Para exercer esse poder sobre as pessoas, a religião utiliza-se da racionalização e da hierarquia e passa, através do funcionário do sagrado, a controlar o acesso dos jovens as estas estruturas do poder a ela conferido. Não se pode negar, contudo que a “Civilização do Amor” foi uma imposição aos jovens, pois foi uma proposta que partiu do papa Paulo VI e dos bispos e não dos próprios jovens.

Acontece que a juventude por estar em um tempo de busca de referência, de lugar, e, conseqüentemente, de poderes que ainda não tem, entra em conflito com as autoridades que estão à frente do poder eclesial. Isso foi percebido na pesquisa no item sobre quem mais reage a proposta de organização e atuação das pastorais da Juventude. É difícil para os jovens entenderem essa situação de poder, e percebê-la como parte das relações humanas. Para a juventude isso é difícil porque ela ainda não foi investida de poder pelo mundo adulto para decidir sobre a sua própria vida. Não se pode esquecer que o poder confere status, reconhecimento social e mantém a ordem.

É natural que quem detém o poder submeta, obrigue, limite e castigue os demais. Quem tem o poder está disposto a tudo para não perdê-lo. Poderia ser uma dessas as razões da reação dos bispos, padres e lideranças que estão à frente da Igreja ao criticarem e resistirem aos jovens que questionam a estrutura e a forma destes reagirem.

Nos encontros das pastorais da juventude em âmbito nacional, muito jovens relatam proibições da existência da pastoral por parte de bispos e clero. Reclamam também que a atual conjuntura dos bispos não quer o modelo das Pastorais da Juventude.

Isso leva a refletir que não é que a igreja e os bispos não desejem a presença dos jovens. Desejam, sim, mas preferem e exigem que as Pastorais da Juventude

busquem envolver toda a juventude (das pastorais e movimentos), alegando a necessidade de diálogo e da vivência da espiritualidade mais animadora.

Os jovens sentem que essa exigência não respeita sua proposta, não considera as metodologias de ação e a diversidade de realidades e carismas. Na realidade se percebe que a organização das Pastorais da Juventude mal consegue dar respostas para seus desafios internos. Há que se considerar que esse é um desejo só do clero e dos bispos, uma vez que tais propostas não partem dos jovens, sejam eles das PJs ou dos movimentos.

Por trás dessas questões e exigências sobre a juventude estão dois modelos de igreja que convivem internamente na Igreja Católica e influem diretamente sobre os jovens. Um é o modelo centrado na perspectiva da ação processual na comunidade, que tem nos grupos e nas pastorais sua expressão maior, com proposta de intervenção social como forma de mudar a realidade e anunciar a mensagem evangélica.

A segunda tendência forte é o modelo centrado na hierarquia que tem na estrutura a sua principal orientação, fundamentada na doutrina e na autoridade, com uma pastoral de massa e de eventos, que defende a observância da fé a partir do modelo da Igreja de Roma.

A concorrência entre esses dois modelos sobre a juventude pode ser notada na postura de apoio de parte de um grupo aos movimentos centrados no louvor e na espiritualidade, de um lado e, de outro, as pastorais da Juventude, que insistem na formação integral e na inserção social. Essa questão pode ser notada no projeto do Papa João Paulo II, que reforçou os movimentos, criando a “Juventude do papa”, através do investimento nos grandes eventos de massa, como “jornadas mundiais da

Juventude”, “encontros continentais dos jovens”, enfraquecendo assim, as Pastorais da Juventude em níveis diocesanos e nacionais.

Nestas questões se encontram as razões da falta de apoio de parte do clero às Pastorais da Juventude, revelada nas respostas à pergunta sobre quem mais reage e critica a proposta das PJs. Deve ser levado em conta que, se a igreja age assim, é porque existem outros grupos e movimentos juvenis com perspectivas eclesiais e espirituais que estão dispostos a aceitar as regras, a normas apresentadas pela Igreja.

O que está em disputa entre esses dois modelos é a polarização entre a idéia de igreja popular e movimento carismático, que tem se revelado no embate “político-religioso de tendências no interior do catolicismo que são intimamente opostas” (SILVA, 1998, p. 1.427).

Assim, dependerá das Pjs estabelecer estratégias para saber como se situar em meio a essa realidade, sabendo o que ela poderá negociar, ou se assumirá a postura de resistir e insistir na sua proposta da “Civilização do Amor”, revitalizando-a e dimensionando-a de forma a ser capaz de agregação e produção de sentido junto à juventude e mostrando aos bispos que a forma de se organizar das PJs responde às buscas que a juventude faz no que diz respeito à religião no mundo pós-moderno globalizado.

CONCLUSÃO

Esta dissertação teve a pretensão de fazer uma reflexão sobre a juventude e sua situação quanto à religião, às utopias e às influências da pós-modernidade. Entre seus objetivos, pretendia fazer uma abordagem dos aspectos centrais da pós-modernidade e a situação da religião, refletindo sobre como a cultura atual interfere na juventude brasileira a partir da utopia e, de modo especial, a “Civilização do Amor” enquanto proposta para a juventude católica e, por fim revelar as percepções que as lideranças de PJs têm.

A hipótese era a de que as Pastorais da Juventude propõem aos jovens um projeto de formação que considera a pessoa integralmente para, que esta, a partir da vida em grupo, esteja preparada para atuar na igreja e na sociedade com princípios cristãos. A preparação que esta organização oferece está centrada nas orientações da utopia “Civilização do Amor” e por causa das pautas e temáticas apresentadas por este

ideal, as pastorais buscam despertar os jovens para o engajamento na realidade em que vivem, e construir um outro modelo de sociedade.

As análises e constatações que embasaram a temática desta pesquisa foram:

1- A juventude, principalmente na concepção trazida por Regina Novaes, que defende que a mesma sofre influência dos interesses econômicos, políticos e que não pode ser definida somente no recorte etário, pois cada jovem está sobre a influência do contexto social onde vive. Próximos desta mesma concepção outros autores como Helena Abramo, Marília Sposito, possibilitaram assinalar e ver a importância e recorrência da temática.

2- A Religião, segundo o pensamento de Durkheim, que afirma que as religiões existem para responder às condições humanas e às necessidades do homem e que o homem assim organizaria suas relações na sociedade sobre os mesmos moldes. Também Bourdieu, que foi utilizado por defender que a religião funciona como princípio de estruturação, que constrói as formas das relações sagradas, para dizer como se devem comportar as pessoas no mundo natural e no mundo social.

3- A utopia, no conceito de Thomas Morus em que aparece como uma imaginação de um modelo de sociedade e de Mannheim, que concebe as idéias utópicas enquanto orientações que transcendem a realidade e que buscam mudar as condutas e abalar a ordem desta mesma realidade. Visam romper com as amarras da ordem existente.

4- Por fim, a “Civilização do Amor”, promulgada pelo Papa Paulo VI e assumida pelas Pastorais da Juventude na América Latina e no Brasil como horizonte para a formação e a vivência grupal da juventude, com a finalidade de que os jovens sejam presença cristã frente à realidade e, assim, a partir da visão cristã construir um outro mundo.

Ao longo deste trabalho ficou constatada que à juventude é apresentada uma multiplicidade de escolhas em que ela se vê influenciada a partir das propostas da pós-modernidade globalizada. E que esta juventude vive marcada pela cultura que valoriza as questões da subjetividade, do imediatismo, do horizonte consumista imposto pelo mercado através da mídia. Essa influência sobre os jovens se dá, num momento que estes estão buscando se inserir e encontrar o seu lugar no mundo adulto.

Contatou-se que, mesmo em meio à forte tendência à apatia por parte da juventude, pelas questões políticas e participação nos tradicionais canais de debates e engajamento social, 15% dos jovens participam de grupos, e 85% desejam e acreditam que são capazes de contribuir para a mudança social do país. 4% dos jovens que participam estão no espaço religioso, que também tem grande confiabilidade dos jovens. A religião, assim, tem forte influência sobre os jovens enquanto produtora de sentido e de explicação de suas existências.

Outra descoberta foi a de que a utopia da “Civilização do Amor”, ainda que assumida por uma pequena parte da juventude da Igreja Católica, se apresenta como referência para que esta juventude interfira na sociedade com valores cristãos.

A pesquisa trouxe que os jovens das pastorais da juventude não estão satisfeitos com a atual sociedade a que pertencem, pois querem um mundo mais próximo do modelo apresentado pela visão cristã. Eles acreditam que a igreja e as pastorais os preparam para serem os agentes dessa mudança, que é tarefa não só deles mais também da Igreja.

Acreditam e defendem que a sua experiência religiosa feita nos grupos, lhes possibilita adquirirem as habilidades e valores necessários para construir uma outra sociedade a partir da presença, do engajamento, bem como do compromisso cristão,

para criarem a “Civilização do Amor”. Sabem que terão que enfrentar o desafio de construir seu papel de transformadores numa sociedade que aponta para a centralização na pessoa e na subjetividade, nas quais as reivindicações coletivas não têm tanto sentido. Sabem que mesmo que recebam formação, orientações acerca das esperanças e sonhos, estas não são suficientes nas exigências de construir um outro modelo de sociedade.

Ficou clara que no atual momento há uma ausência de atuação ostensiva das lideranças das Pjs nas esferas mais amplas da sociedade tais como cooperativas, movimentos sociais, partidos políticos, sindicatos e ONGs, pois não ficou evidenciado nas respostas, serem estes espaços instrumentos para se construir a “Civilização do Amor”. A idéia do engajamento é tímida e restrita ao universo da igreja e suas comunidades, podendo ser que essa questão fique protelada por influência do contexto pós-moderno da globalização e do neoliberalismo, que deixa as pessoas inseguras e voltadas para sua autoconstrução.

A pesquisa revelou ainda que o horizonte desejado, de mudanças da realidade da sociedade está marcado sobremaneira por uma visão de mundo e ethos religioso inspirado em Jesus Cristo como centro, o que parece ser uma volta à Cristandade como condição de salvação da humanidade.

As Pastorais da Juventude se constituem como uma pequena célula dentro da imensidão dos fiéis da Igreja Católica no Brasil e, além disso, enfrentam dificuldades com a hierarquia (bispos, padres) e movimentos, por falta de estratégias de diálogo, comunicação e pela linha de pastoral pela qual as Pjs fazem opção. Possuem poucos quadros de acompanhantes, revelando uma ausência de planejamento para ampliar suas bases.

Se a proposta da “Civilização do Amor” é uma perspectiva a ser construída pelos jovens das PJs terão estes que enfrentarem alguns limites:

- a) A forte oposição que tem crescido de uma grande parte da hierarquia que não mais acredita no modelo de igreja em pastoral, que priva cada vez mais os jovens de investimento em uma formação processual, sistemática que os preparem para uma intervenção social. As Pjs, as CEBs e as pastorais sociais estão em busca de espaço e resistência dentro da tendência da Igreja Católica, que tem centrado atenção na estrutura e na autoridade clerical a sua forma de evangelização. Este limite foi confirmado na pesquisa quando os jovens apontam que as maiores resistências e críticas a sua proposta de ação estão na hierarquia: padres, bispos;
- b) Conseguir agregar um número maior de jovens em seus grupos e em outros ambientes de presença juvenil;
- c) Retomar os conceitos da “Civilização do Amor” e possibilitar que mais jovens possam se apropriar das idéias e valores nela propostos para que as novas gerações das PJs tenham a mesma como horizonte que orientem suas expectativas de construir uma outra sociedade diferente da qual eles estão inseridos.

Portanto a “Civilização do Amor” é uma utopia coerente, pois orienta e é referencial para as Pastorais de Juventude frente ao mundo que tem outras ofertas para as pessoas. A realização da “Civilização do Amor” está na perspectiva da concepção de utopia, pois é sonho, quimera, aponta para frente, nunca se alcança em sua totalidade. Carrega em si o elemento da oposição à realidade dominante com a qual um grupo não está de acordo e sonha com outra realidade.

Neste sentido, para as lideranças das pastorais da juventude ela foi traduzida para o desejar um mundo de justiça, de liberdade, que considera a pessoa como um todo, que respeita a natureza, a diversidade e a pluralidade de cultura. Ela acontece quando estes jovens reivindicam políticas públicas, quando insistem em viver a experiência de comunidade, quando tomam atitudes contrárias à pregada pela sociedade neoliberal.

Vista por este prisma se entende por que os jovens ao serem perguntados sobre o que desejam, responderam *“Um outro mundo possível”*. Para eles a “Civilização do Amor” acontece no seu modo de ser e de se comportar. Está mais presente nas idéias, orientações e valores que os jovens assumem em seus projetos e engajamento. Aparece nos documentos, em seus encontros, na forma de fazer e construir seus espaços de formação e vivência.

Após esta longa análise, acredita-se que a presente dissertação seja mais uma contribuição para a Academia na sua forma de pensar a juventude, bem como possibilitar que a Igreja Católica retome e recupere a preocupação com esta geração, para clarear qual é a utopia cristã que ela quer propor aos jovens na atual realidade contemporânea. Espera-se ainda que possa contribuir para que as pastorais da juventude recuperem as concepções que fizeram dela uma pastoral expressiva dentro da Igreja Católica. Que os resultados possam vir a ser fonte para elaboração de estratégias e ações quanto à juventude ou mesmo que sirva de base para novas reflexões e pesquisas acerca da temática.

Fica ainda em aberto, para o futuro, em razões dos limites desta pesquisa, o aprofundamento de questões da juventude no que diz respeito à família e a sexualidade.

Finalizando, é necessário considerar que os bispos e lideranças das Pastorais da Juventude que aceitaram a proposta da “Civilização do Amor”, já não tem mais força ou postos dentro da hierarquia da Igreja Católica que os possibilitem defenderem essa utopia. Assim ficam as seguintes perguntas: teria espaço e estaria disposta a Igreja Católica hoje em colaborar com o modelo de “Civilização do Amor” proposta por ela mesma às PJs? Estaria sendo gestada pelos bispos uma “outra utopia” para responder aos tempos atuais, para fazer frente à proposta de Paulo VI? De que forma e até quando estarão dispostas as PJs a defenderem no Brasil e na América Latina a proposta da “Civilização do Amor”? Ou estaria esta utopia condenada a ser um projeto saudosista para uma elite vanguardista das experiências feitas nas décadas de 1980 e 1990 do século passado?

BIBLIOGRAFIA CITADA

ABERASTURY, Arminda, KNOBEL, Mauricio. *Adolescência Normal – Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artimed, 1981.

ARCE, José Manuel Valenzuela. *Modernidad, postmodernidad y juventude*. Revista Mexicana de Sociologia. Sdl.

ABRAMO, Helena Wendel. Espaços de Juventude. In: *Políticas Públicas: Juventude em Pauta*. VIRGÍNIA, Maria de Freitas, PAPA, Fernanda de Carvalho (org). São Paulo: Cortez, Ação Educativa, Friedrich Ebert Stiftung, 2003, p. 219-228.

_____. *Participação e organizações juvenis. Jovens e juventude: contribuições*. Recife: Projeto Redes de Juventudes, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BAQUERO, Marcelo. Um Caminho “alternativo” no empoderamento dos jovens: capital social e cultura política no Brasil. In. *Democracia, Juventude e Capital Social no Brasil*. Org. Marcello Baquero. UFRGS, Porto Alegre, 2004 p. 120 a 146.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas. Gênese e Estrutura do Campo Religioso*. 5ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

BORREGO, Natividade Guerrero. *Concepções e Realidades Atuais da Juventude: a*

experiência cubana. In: AZEVEDO, Fabio Palácio de. (Org.) *Juventude, Cultura e Políticas Públicas - Intervenções apresentadas no seminário teórico-político do Centro de Estudos e Memória da Juventude*. CMJ. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005, p. 05-17.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo*. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br>, acesso em 02 de nov. de 2005.

BORAN, Jorge. *A realidade da juventude latino-americana sob o ponto de vista social, econômico e cultural*. Relatório para Encontro de Agentes da Pastoral Juvenil e Pastoral Vocacional da Conferência Episcopal Latino-Americana, 2005, 15 p.

CALDERON, Julieta Fernandes e De Govia, Guilherme C. C. *El grupo operativo: teoria y practica*. México: Extemporaneos, 1973.

CAMARGO, Candido de Ferreira. *Igreja e Desenvolvimento*. Editora Brasileira de Ciências LTD. São Paulo, 1971

CASTRO, Mary Garcia. O que dizem as pesquisas da UNESCO sobre juventude no Brasil. In: *Juventude, cultura e cidadania*. Org. Regina Reyes Novaes, Marta Porto, Ricardo Henriques. Rio de Janeiro: Comunicações do ISER, 2002, p. 63-90.

CELAM, Conselho Episcopal Latino-Americano. *Civilização do amor: tarefa e Esperanza. Orientações para a pastoral da juventude Latino-americana*. Tradução: Hilário Dick: São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *Projeto de Vida*. Caminho Vocacional da Pastoral da Juventude Latino-americana. Tradução, Hilário Dick. CNBB – Setor Juventude. CELAM. São Paulo: CCJ, 2004.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Campanha da Fraternidade 1992. Juventude Caminho Aberto*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1992.

CHAVES, Lázaro Curvelo. *Reflexões Sobre o Fundamentalismo*. Professor de História e de Sociologia. Disponível em: www.dhnet.org.br/direitos/militantes/boff/boff_fundamen.htm, acesso em 02 de nov. de 2005.

COMBLIN, José, *A Força da Palavra*. “No principio havia a palavra”. Petrópolis: Vozes, 1986.

DICK, Hilário. *Gritos silenciados mas evidentes. Jovens construindo juventude na história*. São Paulo: Loyola, 2003.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulus, 1989.

DOWBOR, Ladislau. Globalização e Tendências Institucionais. In: *Desafios da Globalização*. Organizadores: Ladislau Dowbor, Octavio Ianni, Paulo-Edgar A. Rezende. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 09-16.

ENSINAMENTOS, de Paulo VI, Libreria Editrice Vaticana. Città Del Vaticano, 1975 e 1976.

FORACCHI, Maria Alice Mencarini. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

_____. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. 2ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

FUKUYAMA, Francês. *El fin de la história e el último hombre – La interpretación más audaz e brilhante de lá história presente y futura de la humanidade*. Traducción de P. Elias. 6ª Edição. Buenos Aires: Planeta, 1996.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora Universidade Paulista, 1991.

GOMES, Plínio Freire, *O mal-estar coletivo da pós-modernidade*. Disponível em: www.jt.estadão.com.br/suplemento/saba/2001/09/15saba009.html. Acesso em set. de 2002.

GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. 6ª Edição, Petrópolis: Vozes, 1986.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A Invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

IANNI, Otavio. A Política Mudou de Lugar. In: *Desafios da Globalização*. Organizadores: Ladislau Dowbor, Octavio Ianni, Paulo-Edgar A. Rezende. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 17-27.

JUVENTUDE, Projeto. *Projeto Juventude – Documento de conclusão – Versão final*. São Paulo: Instituto Cidadania, 2004.

LEON, Alessandro Ponce de. “Juventude problema” ou descaso Oficial? In: *Juventude cultura e cidadania*. Organizadores: Regina Reyes Novaes, Maria Porto, Ricardo Henriques. Comunicações do ISER. Ano 21 – Rio de Janeiro: Edição Especial, 2002. p. 31-41.

LIBANIO, J. B. *Jovens em tempo de pós-modernidade. Considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Editora Loyola, 2004.

____ *Utopia e esperança cristã. Fé e realidade*. São Paulo: Loyola, 1989.

MANNHEIM, Karl. *O problema sociológico das gerações*. In. Sociologia. Org: Marialice Mercarini Foracchi. São Paulo: Ática, sd.

____ *Ideologia e Utopia*. Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MARDONE, José Maria. *Neoliberalismo e religión. La religión em la época de la globalización*. Navarra: Verbo Divino, 1998.

MOREIRA, Alberto da Silva. *Observações para uma sociologia da cultura pós-moderna e da religião*. Súmula de um debate. Goiânia: Texto mimeo, 2004.

____ *A religião no mundo globalizado – Rápido panorama da discussão nas ciências sociais*. Bragança Paulista: IFAN/CCHSJ, 1996.

MORAES, Margarete. Políticas públicas e juventude: a experiência da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre In: *Juventude cultura e cidadania*. Organizadores: Regina Reyes Novaes, Maria Porto, Ricardo Henriques. Comunicações do ISER. Ano 21 – Rio de Janeiro: Edição Especial, 2002. p. 21-29.

MORUS, Thomas. *A Utopia*. Prefácio: Mauro Brandão Lopes. Tradução: Andrade. Edições de Ouro. Sem data.

NOVAES, Regina Reyes. Juventude, Exclusão e Inclusão Social: aspectos e controvérsias de um debate em curso In: *Políticas Públicas: Juventude em Pauta*. VIRGÍNIA, Maria de Freitas, PAPA, Fernanda de Carvalho (org). São Paulo: Cortez, Ação Educativa, Friedrich Ebert Stiftung, 2003, p. 121-141.

____ Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virgínia de; SPOSITO, Marília P. (org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez Editora e Ação Educativa, 2000.

____ Juventudes Cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais. In: VIANNA, Hermano (org.). *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

____ Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: *Retratos da Juventude Brasileira – análise de uma pesquisa nacional*. Org. Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco. Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2005.

____ Os Jovens e as Políticas Públicas no Brasil. Relatório Seminário Evangelização da Juventude – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Brasília, 2005, 35p.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Um estudo do elemento não-racional da idéia do divino e a sua relação com o racional. Traduzido por Prócoro Velasques Filho. São Bernardo do Campo – SP: Imprensa Metodista, 1985.

____ *Teorias da Globalização*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PACE, Enzo. Religião e Globalização. In ORO, Ari Pedro e Carlos Alberto Steil, *Globalização e Religião*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999, 25-43.

PARKER, Cristián. *Religião Popular e Modernização Capitalista. Outra lógica na América Latina*. Tradução de Atílio Bunetta. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAIVA, Ângela Randolpho. *Católico, protestante, Cidadão. Uma comparação entre Brasil e Estados Unidos*. Belo Horizonte: Editoras UFMG: Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

PRÀ, Jussara Reis. (Re)socializar é preciso: aportes para uma releitura sobre gênero e juventude no Brasil. In: *Democracia, Juventude e Capital Social no Brasil*. Org. Marcello Baquero. UFRGS, Porto Alegre, 2004, p. 79 a 119.

PEREIRA, William César Castilho, *Matrizes Societárias e Processo de Subjetivação. Pessoa e relações*. Relatório Seminário Evangelização da Juventude – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Brasília, 2005, 35p.

PRESTES, Ana Maria. A participação política em tempos de globalização – um estudo sobre o fórum social mundial. In: AZEVEDO, Fabio Palácio de. (Org.) *Juventude, Cultura e Políticas Públicas - Intervenções apresentadas no seminário teórico-político do Centro de Estudos e Memória da Juventude*. CMJ. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005, p. 79-93.

PONCHMANN, Marcio. *Globalização, Concorrência e Trabalho. Trabalho sob fogo cruzado*. In: O mundo do Trabalho no Brasil. São Paulo, Contexto, 1999.

QUEIROS, Edina Mendonça Oliveira, CHAVES, Elza Guedes, MARIANO, Nilva Lopes. *Retratos da Juventude. Pesquisa sobre o perfil da juventude goianiense*. Goiânia: Verbo Comunicação, 2001.

RAIMER, Ivone Richter. *Construção de Heterotopias Socioculturais nas Origens de Comunidades Judaico-cristãs*. In: Comunicações, Revista Caminho. V. 2, n. 1. Mestrado Em Ciência da Religião, Goiânia, 2004.

REIS, Adriana. *Revista das Religiões – o mundo da fé*. Dossiê: Juventude e religião. Jovens movidos pela fé. Edição 18, Editora Abril, fevereiro de 2005.

RIBEIRO, Zilda Fernandes. *Religião e Relação de Gênero*. In: LAGO, Lorenzo (org.) et al. *O sagrado e as construções de mundo. Roteiro para as aulas de introdução à teologia na universidade*. Goiânia: UCG, Universa, 2004, p. 143-145.

RICHARD, Pablo. *Morte das Cristandades e o Nascimento da Igreja*. Paulinas, São Paulo, 1984.

SANDOVAL, Mario M. BENITO, Justino Gómez de. *Jóvenes Del siglo XXI. Sujetos y actores en una sociedad en cambio*. Ediciones UCSH, Santiago, 2002.

____Relatório Seminário 25 anos de opção pela juventude na América Latina. Casa da Juventude Pe. Burnier, 2005. 39p.

SAUER, Sérgio. *Religião e Pós-Modernidade: anotações esparsas de um debate contemporâneo*. Revista Fragmentos de cultura – Goiânia: IFITEG e UCG, 2003.

SCHMIDT, João Pedro. *O que pensam os jovens hoje. Imaginário social dos estudantes dos Vales do Rio Pardo e Taquari*. Santa Cruz do Sul: Clarice Agnes, 1996.

____Os jovens e a construção de capital social no Brasil. In. *Democracia, Juventude e Capital Social no Brasil*. Org. Marcello Baquero. UFRGS, Porto Alegre, 2004, p. 147 a 205.

SCHIAVO, Luigi. Conceito e Interpretações da Religião. In: LAGO, Lorenzo (org.) et al. *O sagrado e as construções de mundo. Roteiro para as aulas de introdução à teologia na universidade*. Goiânia: UCG, Universa, 2004, p. 63-68.

SWAIN, Tânia Navarro. *Você disse imaginário?* In: *História do Plural*. Org. Tânia

Navarro Swain. Brasília: UnB, S.d.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. 9ª Edição: São Paulo. Cortez, 2003.

____ *O Fórum Social Mundial: Manual de Uso*. São Paulo, Cortez, 2005.

SAUER, Sérgio, *Religião e Pós-Modernidade: anotações esparsas de um debate contemporâneo*. Revista Fragmentos de cultura – Goiânia, IFITEG e UCG, 2003.

SILVA, Maria Conceição. *A Renovação Carismática Católica em Goiânia: identidade e alteridades*. In: Fragmentos de Cultura. v. 8. n. 6. nov/dez. Goiânia: IFITEG – SGC, 1998.

SPOSITO, Marília. Trajetórias na construção de políticas públicas de juventude no Brasil. In: *Políticas Públicas: Juventude em Pauta*. VIRGÍNIA, Maria de Freitas, PAPA, Fernanda de Carvalho (org). São Paulo: Cortez, Ação Educativa, Friedrich Ebert Stiftung, 2003, p. 57-73.

____ *Jovens no Brasil – desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. Ação Educativa, São Paulo, 2003.

SPOSATI, Aldaíza. Globalização: Um Novo e Velho Processo. In: *Desafios da Globalização*. Organizadores: Ladislau Dowbor, Octavio Ianni, Paulo-Edgar A. Rezende. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 43-59..

TEIXEIRA, Faustino. *O Sagrado em Novos Itinerários*. PPCIR – ISER-Assessoria. Rio de Janeiro, 2005.

THIELEN, Helmut. A crise da modernidade e o capitalismo atual. In: *Além da modernidade? Para a globalização de uma esperança conscientizada*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. Tradução: Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1995.

UNITED, Nations world population Prospects: 1990 (ST/ESA/SER.A/120).

UNFPA, *Direitos da População Jovem. Um marco para o desenvolvimento*. Fundo de População das Nações Unidas. Brasília, 2003.

VASCONCELOS, Pedro L.; SILVA, Valmor da. *Caminhos da Bíblia. Uma história do povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

VASCONCELLOS, Lauro de. *Santa Dica: encantamento do mundo ou coisa do povo*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.

VENTURA, Miriam; JUNIOR, Elizeu de Oliveira Chaves. *Direitos da População Jovem. Um marco para o desenvolvimento* – Brasília: Fundo de população das Nações Unidas UNFPA, 2003.

YOUSSEF, Alexandre. Coordenadoria de Juventude: uma iniciativa da Prefeitura de São Paulo. In: *Juventude, cultura e cidadania*. Org. Regina Reyes Novaes, Marta Porto, Ricardo Henriques. Edição Especial. Rio de Janeiro: Comunicações do ISER, 2002. p. 37-41.

ZAMORRA, José A. *Modernidade – Identidade – Religião*. Palestra: Resistir a desesperança. Seminário Ética e Religião em Th. W. Adorno. Goiânia, UCG, 2004.

ZEFERINO, Genésio da Silva Filho, sdb. *As linguagens da cultura da mídia*. Belo Horizonte: texto digitado, 1999.

BIBLIOGRÁFIA DE REFERÊNCIA

AMARAL, Leila. Sincretismo em movimento. O Estilo Nova Era de Lidar com o Sagrado. CAROZZI, Maria J. (Org) *A nova era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ABREU, Alzira Alves de. Quando Eles Eram Jovens Revolucionários. Os guerrilheiros das décadas de 60/70 no Brasil. In. *Galeras Cariocas. Territórios de conflitos e encontros culturais*. Org. Hermano Viana. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

AZEVEDO, Fabio Palácio de. (Org.) *Juventude, Cultura e Políticas Públicas - Intervenções apresentadas no seminário teórico-político do Centro de Estudos e Memória da Juventude*. CMJ. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005.

BARBOSA, Maria de Fátima Braz. *Pessoa e Pastoral da juventude*. Estudo da visão integradora ou dicotômica de pessoa subjacente à Pastoral da Juventude da Diocese de Nova Iguaçu. Dissertação (Mestrado em Teologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) Rio de Janeiro, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. 10ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BURKER, Peter. A História Como Memória Social. In. *Variiedades de história cultural*. Tradução de: Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 69-89.

CASTILHO, Wilian. *Juventude e subjetividade*. Relatório Seminário Evangelização da Juventude – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Brasília, 2005, 35p.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventude e Cidades Educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano. A essência das religiões*. Traduzido por Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRY, Peter. *Para Inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GEERT, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. *De Warburg A. E. H. Gombrinch. Notas sobre um problema de método. In: Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia e História*. Tradução: Federico Carott. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 41-92.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

MAUSS, Marcel. *A prece*. In OLIVEIRA, Cardoso de, R. (org) Mauss. São Paulo: Ática, 1979.

OLIVEIRA, Irene Dias. A CNBB e o estado Brasileiro durante o interlúdio Espartano - Relatora da reflexão Atuação da Igreja no período: apreciações e perspectivas. Barros, Raimundo Caramuru. In. *Presença Pública da Igreja no Brasil (1952 – 2002) Jubileu de ouro da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 149-212.

PIERUCCI, Antônio Flávio, *O Desencantamento do Mundo – Todos os passos do conceito em Max Weber*. Editora 34, São Paulo, 1999.

SORIANO, Raúl Rojas. *Manual de Pesquisa Social*. Tradução de Ricardo Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2004.

ZALUAR, Alba. *Os Homens de Deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

Ce document à été crée avec Win2pdf disponible à <http://www.win2pdf.com/fr>
La version non enregistrée de Win2pdf est uniquement pour évaluation ou à usage non commercial.